

Inst. Bot. de Coimbra

Sala

E

Est.

21

Táb.

25

N.º



ANUARIO

SOCIÉDADE BROTERIANA

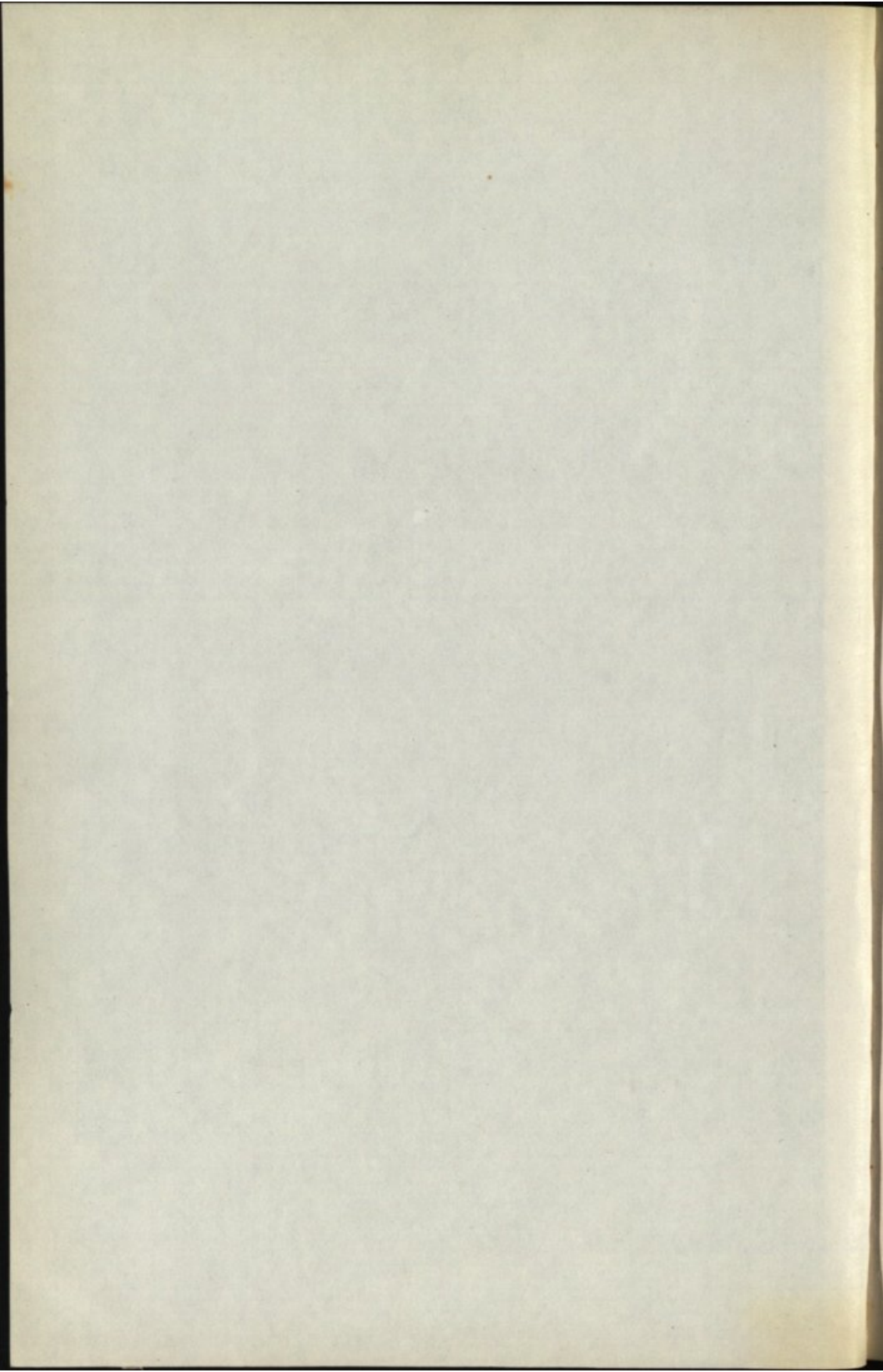
ANO XXVI

BRASÍLIA

1953



1953



ANUÁRIO

DA

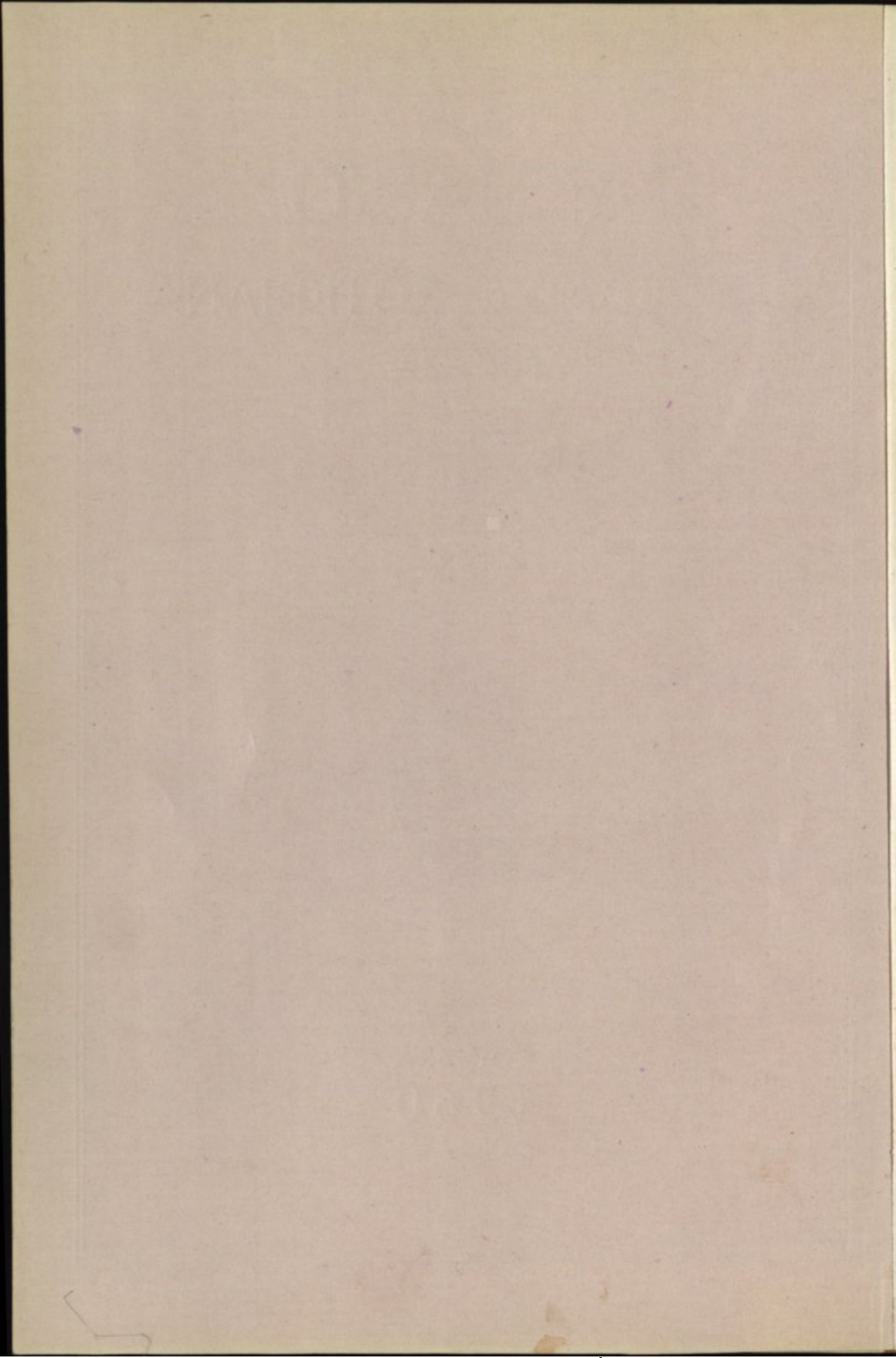
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVI

REDACTOR
PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA
1960



ANUÁRIO
SOCIEDADE BROTERIANA

ANUÁRIO DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVI
1960

COMISSÃO
1960

ARTURO DE
SOCIÉTÉ BOTANICA
1907

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVI

REDACTOR

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA
1960

ANUÁRIO
da
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVI

PROF. DR. ARILDO FERNANDES



COIMBRA

Composição e impressão das Oficinas
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaca

SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 23 de Janeiro de 1960

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José Ernesto de Mesquita Rodrigues

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1959. Esse relatório é do teor seguinte:

«Durante o ano transacto, a vida da Sociedade decorreu normalmente. A Direcção continuou a dispensar o melhor da sua atenção às publicações. Infelizmente, porém, a falta de verba impossibilitou-a de fazer sair o volume das Memórias. Esta revista prosseguirá logo que as condições financeiras se tornem mais favoráveis. No entanto, deu-se à estampa o vol. XXXIII do Boletim, que insere trabalhos não só do pessoal do Instituto Botânico de Coimbra, mas também do de outras instituições portuguesas e estrangeiras. Aproveito o ensejo para deixar aqui consignados os meus melhores agradecimentos aos investigadores que se dignaram conceder-nos a sua colaboração. Publicou-se ainda o n.º XXV do Anuário, onde a Ex.^{ma} Sr.^a D. ROSETTE BATARDA FERNANDES dá conta da actividade dos sócios e o Presidente da Direcção insere uma notícia sobre a vida e a obra do falecido sócio ARTUR AUGUSTO TABORDA MORAIS, bem como um relatório referente a uma herborização efectuada na Beira Alta no começo da Primavera.

O movimento da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido por troca e oferta 1951 volumes e folhetos.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. MARIA MANUELA GAMA continuou as suas herborizações na Ilha da Madeira e o pessoal do Instituto Botânico efectuou colheitas em várias regiões do país.

Em 29 de Maio de 1959, atingiu o limite de idade o naturalista do Instituto Botânico, Lic. FRANCISCO DE ASCENSÃO MENDONÇA, que, desde 1938, se encontrava prestando serviço, em regime de comissão, na Junta de Investigações do Ultramar, onde desempenhou os cargos de Chefe da Missão Botânica de Angola e Moçambique e Director do Centro de Botânica. Desde a reorganização da Sociedade Broteriana, levada a efeito pelo saudoso Prof. LUÍS CARRISSO em 1934, até à data da sua passagem para a Junta, o Lic. F. A. MENDONÇA exerceu as funções de Secretário-tesoureiro e redactor do Anuário. Durante esse período, serviu a Sociedade com zelo, desempenhando com dedicação as funções que lhe tinham sido atribuídas e contribuindo com alguns artigos para o Anuário e Boletim. Apesar de, depois da sua saída, não ter podido prestar à Sociedade de forma efectiva os serviços de Secretário-tesoureiro e redactor do Anuário, o Lic. F. A. MENDONÇA continuou a manifestar o maior interesse pela Agremiação. Ao evocar a data de 29 de Maio de 1959, endereço ao Secretário-tesoureiro cessante as melhores saudações da Sociedade, ao mesmo tempo que faço votos pela sua saúde e pelas suas prosperidades ».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório da Direcção, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Dr. ABÍLIO FERNANDES referiu-se ao estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1959, existia em caixa um saldo de 16 771\$00.

Prosseguindo, o Presidente da Direcção disse que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção fique autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e expedição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Prof. Dr. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e Rev. Cónego MANUEL PÓVOA DOS REIS.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 23 de Janeiro de 1960

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Manter as comissões de redacção do Boletim e das Memórias.
- b) Que, em virtude de o Instituto Botânico se encontrar ainda privado de naturalista, a redacção do Anuário fique a cargo do Presidente da Sociedade, que actuará também como Secretário-tesoureiro até ser nomeado novo naturalista.
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização, particularmente no domínio das Criptogâmicas.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

NOVOS SÓCIOS

FERNANDO CORRÊA CARDOSO, Regente Agrícola e aluno da Faculdade de Ciências, Coimbra.

JORGE AVELINO FALCÃO PAREDES, Licenciado em Ciências Biológicas, Centro de Biologia Piscatória, Lisboa.

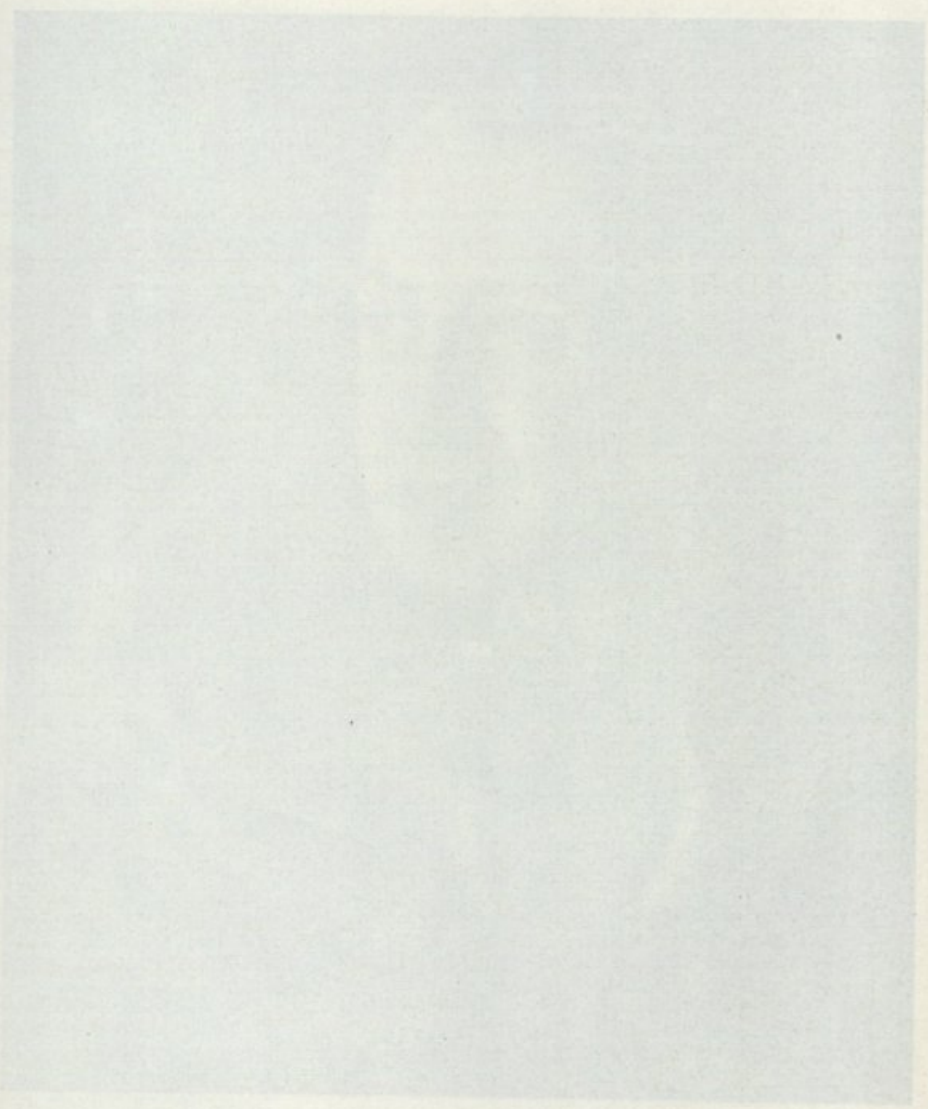
La Société de Biologie a l'honneur de vous adresser le volume de son journal pour l'année 1900. Ce volume contient les travaux de nos membres et de nos correspondants. Les articles sont classés par ordre alphabétique des auteurs. Les communications lues à la séance du 15 novembre 1900 sont en tête de ce volume.

DISCUSSION

Le premier article de ce volume est intitulé "Sur la question de la vie végétale". L'auteur, M. le Dr. J. B. S. expose les résultats de ses recherches sur la vie végétale. Il montre que la vie végétale est une vie réelle, et qu'elle est soumise aux mêmes lois que la vie animale. Il cite de nombreuses expériences qui prouvent que les végétaux ont une sensibilité, une volonté, et une intelligence. Il conclut que la vie végétale est une vie réelle, et qu'elle est soumise aux mêmes lois que la vie animale.

REVUE SOCIOLOGIQUE

Le second article de ce volume est intitulé "Revue sociologique". L'auteur, M. le Dr. J. B. S. expose les résultats de ses recherches sur la sociologie. Il montre que la sociologie est une science réelle, et qu'elle est soumise aux mêmes lois que la science naturelle. Il cite de nombreuses expériences qui prouvent que la sociologie est une science réelle, et qu'elle est soumise aux mêmes lois que la science naturelle.



APPROVED BY
[Signature]
DATE: _____



Costa Rica

PROF. DR. JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS

17 de Março de 1894 — 13 de Setembro de 1960

QUANDO, no início de 1944, na qualidade de Presidente da Sociedade Broteriana, pensei propor na Assembleia Geral desta Agremiação que se comemorasse condignamente o bicentário do nascimento do eminente botânico FÉLIX DE AVELLAR BROTERO, dirigi-me particularmente ao Prof. JOÃO PEREIRA DIAS, que nessa data estava desempenhando com excepcional brilho e proficiência as funções de Director da Faculdade de Ciências. Depois de ouvir o projecto das comemorações que lhe apresentei, respondeu-me que apoiava entusiásticamente a ideia, pois sempre tinha considerado meritório evocar a memória dos homens cuja vida constituía um exemplo a apontar aos vindouros. Tratando-se de um professor da antiga Faculdade de Filosofia — antecessora de parte da actual Faculdade de Ciências — que muito tinha honrado e prestigiado a sua cátedra e portanto a Universidade, parecia-lhe que as comemorações que a Sociedade Broteriana pretendia levar a efeito deveriam ser acompanhadas de outras promovidas pela Faculdade. Por outro lado, seria de toda a conveniência que às mesmas assistisse o mais directo representante da família de BROTERO, Sr. Tenente-Coronel AUGUSTO BOTELHO DA COSTA VEIGA, então Director da Biblioteca Nacional de Lisboa. Acentuou também a utilidade de se solicitar da Direcção Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones a emissão de selos que recordassem o nosso sábio botânico.

Graças às sugestões recebidas, apresentei, na sessão do Conselho da Faculdade de Ciências de 19 de Janeiro de 1944, a proposta de se comemorar a data da passagem do bicentário de BROTERO com uma sessão solene na Sala dos Capelos, em que usassem da palavra os professores de Botânica das

Universidades portuguesas. Propus ainda que se effectuassem as diligências necessárias junto da Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones para que fosse emitido um selo comemorativo. Estas propostas, bem como a ideia de se integrar a sessão solene nos actos que a Sociedade Broteriana pretendia levar a efeito, mereceram a aprovação da Faculdade.

Em seguida, dirigi-me ao Ex.^{mo} Sr. Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Dr. MAXIMINO JOSÉ DE MORAIS CORREIA, que mostrou a maior simpatia pela aspiração da Sociedade Broteriana, concordou com a realização da sessão solene na Sala dos Capelos e prometeu envidar todos os esforços para que fosse dada nos Paços das Escolas uma recepção em honra dos cientistas que tomassem parte nas festas.

Tornou-se então possível elaborar o programa, no qual a colaboração do Prof. PEREIRA DIAS era verdadeiramente preciosa, porquanto tomava a seu cargo a organização de uma exposição de retratos do nosso eminente naturalista, bem como uma conferência que subordinaria ao título «A estátua de Brotero por Soares dos Reis».

Na organização da parte das comemorações promovidas pela Faculdade de Ciências, o Dr. PEREIRA DIAS foi incansável, pois não só convidou os Profs. RUY TELES PALHINHA, AMÉRICO PIRES DE LIMA e MÁRIO D'AZEVEDO GOMES a proferirem alocações na sessão solene, mas também conseguiu assegurar a presença do Ex.^{mo} Sr. Tenente-Coronel AUGUSTO BOTELHO DA COSTA VEIGA e que este pronunciasse uma conferência sobre a vida de BROTERO. As suas diligências no sentido de se porem em circulação selos comemorativos do bicentenário foram também coroadas de êxito. Esses selos, executados sobre desenhos do distinto artista MARTINS BARATA, que, por sugestão do Prof. PEREIRA DIAS, tomou como motivos a estátua de BROTERO por SOARES DOS REIS e o retrato gravado por GREGÓRIO FRANCISCO DE QUEIROZ combinados com a estilização da espécie broteriana *Dianthus lusitanus*, resultaram de grande beleza e muito contribuíram para relembrar em Portugal e no estrangeiro a figura do nosso naturalista.

De harmonia com o programa, o Prof. PEREIRA DIAS organizou uma exposição iconográfica sobre BROTERO em que figuraram não só as reproduções dos quadros de DOMINGOS CLEMENTINO e MANUEL ANTÓNIO DA SILVA, mas também os retratos que

circularam quer como estampas avulsas, quer ilustrando artigos sobre a vida e a obra do eminente botânico, publicados em diversas revistas. Esta interessantíssima exposição esteve patente nas salas do laboratório do Instituto Botânico durante os dias da reunião, juntamente com os espécimes dos herbários coligidos por BROTERO e pelo seu discípulo VALORADO.

Os elementos que figuraram nessa exposição serviram ao Dr. PEREIRA DIAS para elaborar o magnífico estudo «Iconografia broteriana», publicado no volume XVI da *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, dedicado à memória do antigo professor da Faculdade de Filosofia.

Nesse trabalho, modelo de exposição didáctica e de investigação histórica, em que o autor revela um temperamento artístico da mais fina sensibilidade e mostra profundos conhecimentos da arte da gravura, é dada notícia de 21 retratos do sábio botânico. De todos eles é apresentada uma descrição clara e concisa, seguida dos pormenores históricos referentes à ideia que presidiu à execução e publicação, bem como os dados sobre a vida dos artistas que realizaram as respectivas obras.

Como apaixonado pela história das artes plásticas, o Prof. PEREIRA DIAS não se limitou a apresentar uma simples enumeração dos retratos, pois que, uma vez estabelecida a cronologia das gravuras, foi-lhe possível tirar interessantes conclusões sobre a evolução dos processos de reprodução gráfica em Portugal durante os últimos 100 anos (*vide* Iconografia broteriana, Addenda, pág. 13, 1947). Por outro lado, averiguou que BROTERO é o cientista português que mais larga representação iconográfica possui. Apesar, porém, de o seu retrato ter sido divulgado pela pintura, desenho, gravura e escultura, a galeria existente é muito pobre, pois que todos resultaram, por cópia mais ou menos fiel, do retrato a óleo executado, em 1818, por DOMINGOS CLEMENTINO.

No dia 24 de Novembro de 1944, proferiu o Dr. PEREIRA DIAS a sua primorosa conferência intitulada «A estátua de Brotero por Soares dos Reis». Depois de se referir à proposta de se «erigir no Jardim Botânico uma memória a Brotero», apresentada por JÚLIO HENRIQUES na congregação da Faculdade de Filosofia de 22 de Julho de 1876, evocou, com grande precisão e elegância, a vida e a obra do eminente autor da

Flora Lusitanica, falou da subscrição aberta para se obterem os fundos necessários à construção do monumento e aludiu à grande actividade desenvolvida por JÚLIO HENRIQUES neste campo.

Em seguida, depois de mencionar ter sido SOARES DOS REIS o escultor encarregado da execução da estátua, referiu-se à vida atribulada deste artista, traçando magistralmente o seu perfil.

Sempre escutado com o maior interesse por uma assistência em que predominavam os botânicos que tinham vindo assistir às comemorações, o Dr. PEREIRA DIAS falou dos retratos que deveriam ter sido postos à disposição de SOARES DOS REIS para se documentar; das razões apresentadas pelo artista para que no monumento BROTERO figurasse sentado e não de pé; do desinteresse manifestado pelo escultor no que respeita à remuneração dos seus serviços; dos episódios picarescos passados com o modelo vivo — um galego vizinho de SOARES DOS REIS que se embriagava frequentemente — que o artista utilizou; dos pormenores da colocação do pedestal e das sugestões que o escultor emitiu sobre o assunto; das causas que ocasionaram que a estátua nunca tivesse sido inaugurada oficialmente; etc.

Esta conferência foi depois publicada no volume III (1944) da revista *Museu* e constituiu um dos mais valiosos escritos que nos legou o Prof. PEREIRA DIAS.

Como prova de reconhecimento pelos relevantes serviços prestados, a Sociedade Broteriana, na sua reunião de 25 de Outubro de 1945, resolveu conceder ao Dr. PEREIRA DIAS o título de sócio honorário.

Desde essa data até o momento da sua morte, nunca o Prof. PEREIRA DIAS deixou de manifestar o maior interesse pela nossa Agremiação e de lhe prestar o seu valioso auxílio. Ao lembrar a sua preciosa colaboração, cumpre-me não só deixar aqui bem patenteada a profunda mágoa sentida pelo desaparecimento inesperado e prematuro de tão ilustre membro, mas também evocar o alto exemplo da sua vida e consagrar à sua memória algumas singelas palavras de gratidão e saudade.

* * *

JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS, filho de JOÃO PEREIRA DIAS e de D. ISABEL DA SILVA, nasceu em Marrazes, concelho de Leiria, em 17 de Março de 1894.

Depois de um curso secundário distinto, inscreveu-se na secção de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, onde os seus méritos cedo foram notados pelos professores, o que é bem posto em evidência pelo facto de, aos 19 anos, antes, portanto, de terminar a licenciatura ter sido nomeado 2.º assistente provisório do 2.º grupo da 1.ª secção (7-III-1913), lugar que desempenhou até 1918.

Dentro da secção de Matemática, mereceram-lhe particular interesse as cadeiras de Geometria. À matéria dessas disciplinas se dedicou com grande entusiasmo, o que o conduziu a elaborar o valioso trabalho « Involuções do grupo Cremoniano no plano », apresentado, em 1917, como dissertação para o acto de doutoramento em Matemática na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

As provas prestadas foram das mais brilhantes, o que explica que, por decreto de 25 de Março de 1918, tenha sido nomeado assistente definitivo e, decorridos dois anos, ascendesse, mediante concurso, a 1.º assistente do 1.º grupo da 1.ª secção.

Continuou depois a consagrar-se ao ensino com o maior zelo. As suas lições eram extremamente atractivas, tal o método e clareza da exposição, tal a beleza e o rigor das figuras que saíam do giz manejado pelos seus dedos hábeis... A fama do Dr. PEREIRA DIAS como pedagogo notável difundiu-se rapidamente entre os alunos e todos acorriam a ouvir as aulas do jovem assistente. Compreende-se, assim, que, em 1920, no mesmo ano em que foi nomeado 1.º assistente, tenha sido encarregado de reger interinamente a disciplina de Metodologia geral das Ciências Matemáticas na Escola Normal Superior.

Os seus elevados dotes intelectuais e a competência com que estava professando esta disciplina são sobejamente manifestados na publicação « Valor pedagógico da história das Matemáticas » (in *Arquivo Pedagógico*, vol. VII, n.º 3, 1928). Deste

modo, a regência da referida cadeira continuou a ser-lhe atribuída em anos sucessivos até à extinção da Escola.

Por decreto de 13 de Julho de 1921, o Dr. PEREIRA DIAS foi nomeado professor ordinário do 1.º grupo da 1.ª secção da Faculdade de Ciências, ascendendo, assim, aos 27 anos, ao mais elevado escalão do ensino universitário.

Desde essa data até à sua morte, regeu com a maior eficiência as disciplinas de Geometria, tornando-se o seu ensino cada vez mais perfeito à medida que os anos passavam. O Dr. PEREIRA DIAS, porém, não se limitava a ser o pedagogo distinto. Era também o professor afável, cortês, acolhedor, amigo e conselheiro dos seus discípulos, sempre disposto a satisfazer as suas aspirações logo que fossem justas. É, pois, compreensível que existisse à sua volta uma atmosfera de carinho e simpatia e que ele seja hoje lembrado com saudade e a maior veneração pelos milhares de licenciados em Matemática, oficiais do exército e engenheiros que passaram pelas suas aulas.

A vida de professor do Dr. PEREIRA DIAS foi das mais intensas, pois que, além de reger as cadeiras a que nos referimos, fez parte, quer como presidente, quer como vogal, de numerosos júris, entre os quais apontaremos: exames de aptidão para a matrícula na Universidade de Coimbra (6.º grupo); exames de estado para o ensino profissional industrial e comercial; exames de admissão ao 1.º ano de estágio dos 8.º e 9.º grupos; concursos de admissão à Escola Normal Superior; exames de estado dos candidatos ao magistério liceal; idem de candidatos ao magistério normal primário; provas de doutoramento nas Faculdades de Ciências; concursos para provimento de lugares de assistentes, professores agregados, extraordinários e catedráticos das Faculdades de Ciências das Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto; etc.

No desempenho de todas essas funções procedeu sempre com a maior isenção e espírito de justiça, esforçando-se para que em nenhum caso houvesse inversão de valores na selecção que era necessário efectuar.

Por decreto de 14 de Fevereiro de 1925, foi confirmada a eleição do Dr. PEREIRA DIAS para Secretário da Faculdade de Ciências. Dotado de um espírito metódico, reorganizou os

serviços da respectiva secretaria, tendo desempenhado com a maior competência os deveres inerentes a esse cargo.

Em face das aptidões reveladas, o Conselho escolheu-o para dirigir a biblioteca da secção de Matemática. Do estado em que se encontrava essa livraria e do trabalho por ele efectuado, deu conta em relatório apresentado ao Director da Faculdade, em Dezembro de 1927. Por esse relatório se infere quanto foi acertada a actuação do Prof. PEREIRA DIAS que defendia o princípio de que, além de facultar bons livros de curso, a principal função da biblioteca «deve consistir em informar professores e alunos do moderno movimento científico, sugerindo-lhes novos problemas e novos métodos de investigação». Para isso, depois de conseguir que o Conselho da Faculdade aumentasse a dotação da biblioteca, procedeu à aquisição das obras de Matemática e à assinatura das revistas que se lhe afiguravam fundamentais e à compra de várias colecções de obras completas.

Sob a sua orientação e só com a ajuda do bedel da 1.^a secção, cujos encargos oficiais eram de natureza diferente, os livros foram fichados pelos nomes dos autores, o que representou enorme progresso na organização da biblioteca. Assinalou a necessidade da elaboração do catálogo ideográfico, acentuando que esse só se poderia organizar quando a biblioteca possuísse um funcionário privativo devidamente habilitado.

Um outro aspecto da vida do Prof. PEREIRA DIAS foi o interesse que lhe mereceram as nossas províncias ultramarinas. Efectivamente, tendo tomado parte na Missão Académica a Angola, organizada em 1929 pelo saudoso Prof. LUÍS CARRISSO, tornou-se, após o regresso à metrópole, um entusiasta defensor e propagandista do Ultramar. Deste modo, aproveitava sempre o ensejo para, perante os seus alunos, amigos e conhecidos, falar do que tinha visto e pronunciar palavras de fé nos destinos do nosso Império. As conferências que proferiu em diversos meios muito contribuíram também para fazer despertar na consciência nacional quanto significava para o País o seu Ultramar.

Depois desta viagem, o Dr. PEREIRA DIAS procurou conhecer as outras províncias ultramarinas e, assim, visitou Moçambique acompanhando o Orfeão Académico (1949), a Guiné com o Teatro dos Estudantes (1953), bem como a Índia (1957) e

Macau (1959) como presidente dos júris de fiscalização dos exames de aptidão para a matrícula nas Universidades, Instituto Superior de Estudos Ultramarinos e Escolas de Belas-Artes e dos exames de admissão aos Institutos Industriais e Comerciais. Da sua visita à Guiné, resultou a magnífica conferência subordinada ao título «Impressões de uma viagem à Guiné Portuguesa», proferida em 7 de Maio de 1953, a convite da Câmara Municipal de Coimbra e integrada na Semana do Ultramar.

Incluído na respectiva Missão, o Dr. PEREIRA DIAS, em 1951, acompanhou também ao Brasil o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra. Apaixonado pelas questões de arte e grande conhecedor de arquitectura, escultura, pintura e decoração, sempre que lhe era possível corria a deleitar-se na contemplação e estudo dos monumentos das cidades que visitava, fazendo o confronto entre eles e os portugueses. Passaram, assim, perante os seus olhos os templos e os mosteiros das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Ouro Preto, Olinda, Recife e S. Salvador da Baía. Nesta última, encontrou, no claustro da Ordem Terceira de S. Francisco, um extenso silhar de azulejos cuja interpretação era um enigma para os especialistas brasileiros. Estudou cuidadosamente esse silhar, sendo os seus esforços coroados de êxito, visto ter conseguido identificar as cenas aí representadas e, embora não com inteira segurança, as oficinas onde os referidos azulejos teriam sido fabricados.

Os resultados destes brilhantes estudos foram apresentados em uma comunicação lida, em 13 de Novembro de 1953, na Academia Nacional de Belas-Artes e depois publicada no n.º 7 da revista *Belas-Artes*.

Em 1933, sobraçava a pasta da Instrução Pública o Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. SOUSA PINTO. O apreço que tinha pelos altos merecimentos do Dr. PEREIRA DIAS levou-o a endereçar-lhe convite para ocupar o elevado cargo de Director-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, lugar que o ilustre professor de Matemática aceitou e para o qual foi nomeado por decreto de 21-IX-1933, publicado no *Diário do Governo* n.º 222, de 23-IX-1933.

Durante os 6 anos em que desempenhou estas funções (1933-1939), o Dr. PEREIRA DIAS revelou-se um burocrata exímio, tendo reorganizado e tornado mais eficiente o trabalho dependente das secretarias da Direcção-Geral. Além disso, efectuou trabalho extremamente útil e meritório como membro da Comissão encarregada de elaborar um esquema da organização geral do ensino em Portugal nos seus diferentes graus e especializações; como vogal da Comissão do Cinema Educativo; como Secretário Geral do Ministério da Instrução Pública no impedimento do titular efectivo; como presidente da Comissão incumbida de estudar as bases do concurso do projecto de adaptação da Igreja de Santa Engrácia (Lisboa) a Panteão Nacional; como vogal do ensino artístico do Conselho Superior de Instrução Pública; etc.

Nomeado Comissário do Governo junto do Teatro Nacional Almeida Garrett e do Teatro Nacional de S. Carlos, funções que desempenhou gratuitamente até 13 de Janeiro de 1943, data em que pediu a exoneração, o Dr. PEREIRA DIAS, extremamente consciencioso e artisticamente dotado, estudou com afincos a história do Teatro, leu as peças dos autores mais em evidência, interessou-se vivamente pelas decorações, cenários e guarda-roupas, tornando-se, assim, um autêntico especialista na matéria. Essa especialização foi sobejamente manifestada na magnífica lição subordinada ao título «*Alguns aspectos do Teatro Português*», proferida, em 1947, no Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A figura de GIL VICENTE atraiu fortemente a sua atenção, ficando deslumbrado pela obra magnífica de personalidade tão rica de talento, cujas peças, graças à agudeza da crítica dos costumes, mantêm ainda hoje o maior interesse. Deste modo, foi-lhe extremamente grato que o Governo, pelo decreto n.º 27 694, de 12 de Maio de 1937, resolvesse encarregá-lo de organizar as representações com que se deveria comemorar o quarto centenário da morte do fundador do teatro português.

De acordo com os concessionários do Teatro Nacional Almeida Garrett e com o Director do Conservatório Nacional, o Dr. PEREIRA DIAS elaborou programas muito criteriosamente escolhidos, destinados a récitas de gala, escolares e populares. As representações, que tiveram lugar não só em Lisboa, mas

também no Porto, Guimarães, Coimbra e Évora, constituíram um verdadeiro êxito e por elas se evocou perante os portugueses de todos os graus de cultura a figura do admirável autor do «Auto das Barcas».

As palavras proferidas pelo Dr. PEREIRA DIAS na abertura da récita de gala que teve lugar em Lisboa, em 31 de Maio de 1937, com a assistência do CHEFE DO ESTADO e membros do Governo, são um modelo de elegância e sobriedade, revelando bem a elevada compreensão que o professor de Matemática da Universidade de Coimbra adquirira da obra do nosso célebre comediógrafo. Essa elevada compreensão é bem posta em evidência quando, ao concluir, diz:

«Chegou o momento de subir êste pano.

O que por detrás dêle irá surgir era o teatro português no alvor do século XVI. A simplicidade de processos histriónicos e de movimento cénico, própria de um primitivo, poderá talvez, de comêço, entorpecer um pouco a nossa imaginação; e a linguagem, escrita na transição do período arcaico para o moderno, não terá certamente a maleabilidade da nossa de hoje e dar-nos-á uma ou outra palavra delida pela acção do tempo. Mas a nossa adaptação será breve: a clareza dos conceitos, o equilíbrio da composição, a alegria comunicativa da fantasia cómica, a frescura dos trechos bucólicos, a impetuosidade das exortações patrióticas, a unção dos hinos religiosos e a nitidez dos inúmeros tipos arrancados directamente à vida real transportam-nos para tam perto dêsse génio criador, que logo sentiremos palpitar, através da ficção dramática, a alma dos portugueses de todos os tempos.

Com verdade posso, pois, dizer:

Ao subir êste pano, veremos surgir — Portugal! ».

Como testemunho dessas comemorações, ficou o livro, concebido e realizado com o maior gosto artístico, intitulado «Centenário de Gil Vicente († 1537-1937)», onde o Dr. PEREIRA DIAS reuniu o decreto pelo qual o Governo mandava proceder às comemorações, as palavras proferidas pelo Comissário do Governo antes de se iniciar a representação de gala no Teatro Nacional Almeida Garrett, as pronunciadas por diversas indi-

vidualidades no princípio de outras récitas e ainda as peças que foram representadas.

A sua interferência na restauração do Teatro Nacional de S. Carlos é também digna dos maiores encómios. Efectivamente, o Dr. PEREIRA DIAS, auxiliado pelos outros membros da comissão nomeada para o efeito, mandou proceder às reparações de que essa casa de espectáculos carecia, mantendo-lhe a pureza das linhas primitivas e mobilando-a e decorando-a harmónicamente. Os depósitos do Teatro constituíam um amontoado dos mais diversos objectos onde era extremamente difícil encontrar qualquer coisa. Aí existia um número muito elevado de cenários, alguns de artistas verdadeiramente célebres, que era necessário classificar e ordenar. A esta tarefa se consagrou o Dr. PEREIRA DIAS com o maior cuidado. O géometra, porém, não poderia deixar de ser irresistivelmente atraído pelo estudo desses cenários, analisando as perspectivas e os métodos de trabalho dos diversos artistas. Como resultado desses estudos, surgiram os artigos «Cenários do Teatro de S. Carlos», 1940 e «Cenógrafos italianos em Portugal», 1941. Estes trabalhos, bem como a conferência pronunciada em 1947 na sede do jornal *O Século* sob o título «Dos momos e arremedilhos ao cenário sintético», revelam claramente a competência do Dr. PEREIRA DIAS como crítico de cenografia teatral.

O alto apreço do Governo pela obra realizada como Comissário junto dos Teatros Nacionais D. Maria II (Almeida Garrett) e S. Carlos é bem manifestado pelo facto de, na portaria que, a seu pedido, lhe concedeu a exoneração, se lhe dar «público testemunho de louvor pelo zelo, competência e dedicação que demonstrou no exercício desse cargo».

Expirado o período para o qual tinha sido nomeado Director-Geral, o Dr. PEREIRA DIAS regressou a Coimbra para voltar a consagrar-se à sua cátedra. As qualidades reveladas como Director-Geral, o perfeito conhecimento que tinha da legislação, a sua dedicação pela Faculdade de Ciências e pela Universidade, os seus reais dotes de burocrata, a sua ponderação, o seu carácter amável e franco, a simpatia que dele emanava e a sua primorosa educação constituíam elementos mais que suficientes para que sobre ele incidisse a atenção do Ministro da Educação Nacional, Prof. Dr. ANTÓNIO FÁRIA

CARNEIRO PACHECO, que, por portaria de 13 de Outubro de 1939, publicada no *Diário do Governo* n.º 246, 2.ª série, de 21-X-1939, o nomeou Director da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. As razões que decidiram o Ministro a nomeá-lo para este novo cargo foram também aquelas que levaram todos os professores da Faculdade a congratular-se pela escolha extremamente feliz que tinha sido feita.

Depois de tomar posse deste novo lugar, o primeiro cuidado do Dr. PEREIRA DIAS foi organizar a secretaria da Faculdade que, até ali, quase não tivera existência real, em virtude de não possuir funcionários próprios e de se deslocar de uns gabinetes para outros à medida que os Directores se sucediam. Esforçou-se para a dotar com pessoal privativo; organizou «dossiers» correspondentes a cada um dos funcionários, onde era anotado tudo o que lhes dizia respeito; classificou e arquivou toda a correspondência; ordenou convenientemente os assuntos referentes aos alunos; etc. Deste modo, conseguiu, dentro de pouco tempo, criar um organismo cujo funcionamento se foi aperfeiçoando progressivamente e cuja eficiência se tornou cada vez maior.

Todos os Conselhos da Faculdade eram objecto de um estudo prévio. Os assuntos a apresentar eram devidamente catalogados na agenda e iam aparecer na sua ordem lógica. Nesta conformidade, sob a superior orientação do Dr. PEREIRA DIAS, os Conselhos actuavam de maneira eficiente e os professores sentiam prazer em trabalhar num ambiente em que todos tinham sempre tempo de intervir em qualquer assunto e onde a opinião de cada um era ouvida e respeitada. Os prós e os contras de qualquer questão eram apreciados com objectividade e ponderação, dentro da maior calma e serenidade. Orientava as discussões de uma maneira leal e franca, não manifestando nunca que, como Director, desejava que a sua opinião tivesse primazia. Emitia o seu parecer como qualquer outro vogal, ouvia todos os membros, recapitulava com nitidez e precisão as diversas fases do problema e mantinha as discussões até se convencer que o assunto estava claro perante o espírito de todos. Tirava então as suas conclusões, procedendo à votação nos raros casos em que, além dos preceituados pela lei, essa votação se tornava necessária. Terminado o Conselho, o

Prof. PEREIRA DIAS, com a sua capacidade, digamos mesmo arte especial de redigir, dava imediato andamento a todas as resoluções da Faculdade, tratando com idêntico interesse os assuntos que tinham merecido a sua aprovação e aqueles contra os quais tinha votado.

Dadas a isenção do seu procedimento, a delicadeza do seu trato, a sua afectuosidade, prudência, ponderação e diplomacia, existia à volta do Dr. PEREIRA DIAS uma atmosfera do maior respeito, carinho e simpatia, explicando-se que, sob a sua direcção, a Faculdade mantivesse sempre a maior coesão e manifestasse constantemente a sua ânsia de progresso.

Pelo facto de os concursos terem estado suspensos entre 1936 e 1942, o quadro de professores da Faculdade manteve-se bastante incompleto durante os três primeiros anos da direcção do Dr. PEREIRA DIAS. Defendendo, porém, o salutar princípio de que uma Faculdade só pode desempenhar convenientemente a sua missão desde que o quadro do pessoal docente esteja o mais completo possível, logo que, em 1942, puderam prover-se os lugares vagos, o Dr. PEREIRA DIAS, de acordo com o Conselho da Faculdade, procurou imediatamente modificar esse estado de coisas, solicitando do Governo a abertura dos concursos e providenciando para que as provas se efectuassem com brevidade. A partir dessa data, continuou sempre a envidar os seus melhores esforços no sentido de as vagas que iam surgindo serem preenchidas por pessoal idóneo, de modo a assegurar-se na Faculdade um eficiente funcionamento do ensino e da investigação.

A preparação do pessoal científico e técnico mereceu-lhe também particular atenção. Conhecedor dos benefícios que poderiam ser colhidos dos estágios feitos em bons centros de investigação estrangeiros, conseguiu que fossem concedidas bolsas de estudo a vários professores, assistentes e naturalistas. Infelizmente, a sua morte prematura impossibilitou-o de colher muitos dos frutos desta sua hábil política.

Em princípios de 1945, o Dr. PEREIRA DIAS caiu perigosamente doente, o que o levou a solicitar, em 24 de Janeiro de 1946, a exoneração de Director da Faculdade de Ciências. Esperançado em que o ilustre professor recobriria a saúde, Sua Excelência o Ministro mandou arquivar o requerimento. Feliz-

mente que a previsão se confirmou, porquanto, após uma melindrosa intervenção cirúrgica efectuada pelo Prof. REYNALDO DOS SANTOS, o Dr. PEREIRA DIAS pôde regressar à sua Universidade.

Durante ainda mais 15 anos se consagrou à Direcção da Faculdade. À *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, fundada em 1931 mediante deliberação do Conselho Escolar presidido pelo saudoso Prof. ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO, dedicou o melhor do seu interesse, não só como meio de divulgação dos trabalhos do corpo docente, mas também como elemento mediante o qual se poderiam estabelecer permutas e enriquecer, assim, as bibliotecas da Faculdade. Sob a superior orientação do Dr. PEREIRA DIAS, foram dados à estampa 21 volumes, tendo, portanto, esta publicação aparecido desde 1931 até hoje com a maior regularidade.

No fim de cada ano lectivo, elaborava o relatório referente à actividade de todos os departamentos da Faculdade. Esses relatórios, primorosamente redigidos, em que se referiam também as dificuldades com que se lutava, foram publicados na mencionada *Revista da Faculdade de Ciências* e constituem documentos ali arquivados que muito a valorizam.

A fim de prestar homenagem à memória do eminente professor que foi LUCIANO PEREIRA DA SILVA, a Faculdade de Ciências deliberou reunir todos os seus escritos, entre os quais alguns inéditos, e publicar as suas *Obras Completas*. Sentindo a maior veneração pela figura do sábio que tinha sido seu Mestre e do qual o seu espírito recebera forte influência, o Dr. PEREIRA DIAS consagrou-se a essa tarefa com o maior carinho.

O Ministro do Ultramar daquela época, Ex.^{mo} Sr. Dr. FRANCISCO VIEIRA MACHADO, a quem o Dr. PEREIRA DIAS se dirigiu, compreendeu imediatamente o grande alcance dessa publicação em virtude de alguns dos trabalhos de LUCIANO PEREIRA DA SILVA serem consagrados à reivindicação da prioridade para os portugueses na descoberta da costa africana. Deste modo, mediante despacho de 14 de Maio de 1942, autorizou que ela fosse efectuada pela Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral do Ultramar. Resolvida, assim, a ingrata tarefa de obter recursos financeiros, o Dr. PEREIRA DIAS, com o seu apurado sentido estético, escolheu papel, formato e tipos, dispôs os artigos por ordem cronológica, reviu provas com a maior meticulosidade,

acompanhou a execução e impressão de gravuras e escreveu o prólogo com que abre o primeiro volume.

Como fruto desse trabalho, resultaram os três magníficos volumes que constituem as *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, cuja publicação se deve inteiramente ao Dr. PEREIRA DIAS. Este, porém, na sua modéstia, apresentou as *Obras Completas* como «edição preparada pela Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», apagando-se voluntariamente, de modo a que todas as honras revertessem para a sua Faculdade.

Conhecedor da aspiração que as secções de Física, Química, Mineralogia e Geologia, Zoologia, Antropologia e Botânica nutriam de trabalhar em assuntos ultramarinos, o Dr. PEREIRA DIAS conseguiu que, em 1954, a Junta de Investigações do Ultramar criasse o Agrupamento Científico de Estudos Ultramarinos anexo à Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, que dirigiu até à data do seu falecimento. Durante esse período, foram publicados vários trabalhos de Química, Mineralogia, Geologia, Zoologia, Antropologia e Botânica referentes a diversas províncias ultramarinas, dando-se, assim, satisfação aos objectivos que presidiram à criação do referido Agrupamento.

Graças igualmente à interferência do Dr. PEREIRA DIAS foi ainda criado, o Centro de Estudos de Matemática aplicada à Energia Nuclear. A direcção deste Centro foi entregue à superior competência do Prof. MANUEL DOS REIS e nele têm sido elaborados valiosos trabalhos.

Na sua qualidade de membro do Senado Universitário durante o período em que desempenhou o cargo de Director da Faculdade de Ciências, o Prof. PEREIRA DIAS pugnou sempre pelos interesses da sua Universidade, merecendo as suas opiniões a melhor aceitação naquele alto organismo, dados o acerto e ponderação com que eram emitidas.

Seguindo as pisadas do Prof. H. TEIXEIRA BASTOS, Mestre que o Dr. PEREIRA DIAS muito admirava, preocupou-se com os problemas espirituais dos estudantes, procurando esclarecê-los e responder às suas interrogações. Com esse objectivo, efectuou algumas conferências entre as quais uma intitulada «Donde vêm e para onde vão as Universidades», promovida pelo Con-

selho Cultural da Associação Académica e realizada, em 21 de Fevereiro de 1952, no anfiteatro do Instituto Botânico.

Os problemas materiais dos estudantes mereceram-lhe também grande interesse, sendo digna de nota a sua acção junto da Sociedade Filantrópico - Académica. Por alvará do Reitor de 14 de Novembro de 1939, foi nomeado presidente do Conselho Fiscal da Associação Académica, onde a sua acção foi das mais benéficas.

O Senado designou-o também representante da Universidade no Conselho Provincial da Beira Litoral, tendo desempenhado as respectivas funções de molde a honrar a Universidade.

Como Director da Faculdade, não poderia deixar de dedicar a maior atenção às obras que a Comissão Administrativa da Cidade Universitária de Coimbra estava executando nos diversos departamentos. A fim de se documentar convenientemente no sentido de poder colaborar na elaboração do projecto do edificio a construir para a secção de Matemática, visitou, em 1944, a expensas suas, a Cidade Universitária de Madrid e, mais tarde, em 1948, na qualidade de chefe da Missão nomeada por despacho de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, de 19 de Março do referido ano, e na companhia dos Profs. RUI GUSTAVO COUCEIRO DA COSTA e JOÃO RODRIGUES DE ALMEIDA SANTOS, várias instalações universitárias da Espanha, Itália, Suíça, Suécia, Holanda e Inglaterra.

O projecto da secção de Matemática, bem como o dos Institutos de Física e Química foram elaborados, mas, descontente com a morosidade que estava afectando a execução das obras de todas as secções da Faculdade, resolveu pedir a exoneração do cargo de Director da Faculdade de Ciências. Essa exoneração foi-lhe concedida em portaria de 30 de Outubro de 1959, publicada no *Diário do Governo* n.º 261, 2.ª série, de 7 de Novembro do mesmo ano, acompanhada da seguinte menção a todos os títulos honrosa:

«Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministério da Educação Nacional, que seja dado público testemunho de louvor ao professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, Doutor João Pereira da Silva Dias, pela forma como durante vinte anos

desempenhou as funções de Director da mesma Faculdade. No exercício deste cargo, que altamente prestigiou, o Dr. Pereira Dias afirmou decidido espírito de leal e dedicada colaboração e prestou à sua escola e à Universidade portuguesas relevantes serviços».

Conhecedor da competência pedagógica e do saber do Prof. PEREIRA DIAS, o Governo não poderia ter deixado de o escolher para fazer parte de alguns altos organismos orientadores. Assim, foi presidente da 2.^a subsecção da Junta Nacional de Educação; vice-presidente da 6.^a secção, 2.^a subsecção, da mesma Junta; vogal da Direcção do Instituto de Alta Cultura; vogal da Comissão Permanente de Ciências do Instituto de Alta Cultura; etc. No desempenho de todos estes cargos, prestigiou a Universidade a que pertencia e prestou os mais valiosos serviços ao ensino e à investigação.

Dados igualmente a sua cultura artística, o seu alto sentido estético e os conhecimentos que possuía em diversos ramos, o Dr. PEREIRA DIAS fez também parte de várias comissões, entre as quais são dignas de menção:

- Presidente da Comissão orientadora dos trabalhos de organização do Museu Luso-hebraico a instalar na antiga sinagoga de Tomar.
- Vogal da Comissão organizadora do projecto de estatutos dos museus de arte e arqueologia dependentes do Ministério da Educação Nacional.
- Presidente da Comissão encarregada de desenvolver os estudos meteorológicos no País.
- Membro da Comissão para proceder ao estudo da futura exploração do Teatro Nacional D. Maria II.
- Vogal do Conselho Nacional que deve representar o País no Conselho Internacional dos Museus.
- Vogal do júri do concurso de projectos para o monumento ao Infante D. Henrique.
- Presidente da Comissão para elaborar o programa das novas instalações para o Museu Etnológico «Dr. Leite de Vasconcelos».
- Presidente da Comissão Nacional incumbida de reconstituir o Grupo Português de História das Ciências e

promover a adesão de Portugal à União Internacional da História das Ciências.

— Vogal da Comissão de reorganização dos cursos de Engenharia.

Os elevados méritos do Dr. PEREIRA DIAS foram reconhecidos pelo Governo Português, que, por decreto de 16-X-1948, publicado no *Diário do Governo*, 2.^a série, n.º 250, de 27 dos mesmos mês e ano, agraciou o eminente professor com o grau de Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública.

Várias instituições científicas se orgulhavam de o contar entre os seus membros. Assim, era elemento de destaque no Instituto de Coimbra, onde, por várias vezes, ocupou lugares de direcção; sócio honorário da Sociedade Broteriana; vogal correspondente da Academia Nacional das Belas-Artes; «membre associé dans la classe de Sciences de l'Académie des Sciences, Arts et Belles-Lettres de Lyon» (Junho de 1950); membro correspondente da Comissão Internacional encarregada de preparar e executar uma obra dedicada à história do desenvolvimento científico e cultural da Humanidade (UNESCO — Scientific and Cultural History of Mankind); etc.

Das páginas precedentes, ressalta claramente quão rica e multiforme era a personalidade do Dr. PEREIRA DIAS. Efectivamente, ele aparece-nos como o cientista apaixonado pelo ramo da Matemática que cultivava; o professor distinto para quem a arte de transmitir conhecimentos não tinha segredos; o universitário profundamente interessado no progresso e prestígio da sua Universidade; o burocrata exímio, de espírito extremamente metódico, organizando eficientemente todos os serviços em que superintendia; o profundo conhecedor da arte do Teatro, não só no que respeita à parte literária, mas também à actuação dos personagens e à cenografia; o artista de espírito culto e crítico, vibrando perante as obras de arte legadas pelo génio de arquitectos, escultores, pintores e gravadores; o turista que se embebe na contemplação da Natureza e procura conhecer todos os povos; o apaixonado da Arqueologia e Museologia, encorajando todos quantos se dedicam a essas disciplinas; e o patriota que ama acrisoladamente a sua Pátria

e procura servi-la, desempenhando com a máxima eficiência as funções que lhe confiam e os cargos para que o designam.

Por outro lado, encontramos no Dr. PEREIRA DIAS o Homem bom, inteligente, modesto, justo, sóbrio, afectuoso, delicado, cortês, franco, leal, de primorosa educação, do qual irradiava uma forte corrente de simpatia.

Dadas as superiores qualidades de que era dotado e o exemplo de uma vida de trabalho metódico inteiramente devotada ao serviço da sua Pátria e da sua Universidade, compreende-se que existisse à volta do Dr. PEREIRA DIAS um ambiente da maior veneração, carinho e simpatia e que o seu falecimento prematuro, longe de todos os seus numerosos amigos, tivesse causado o mais profundo pesar.

O Dr. JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS desapareceu do mundo dos vivos. Nesse mundo, porém, persistirão não só a saudade que deixou nos que tiveram a felicidade de conviver com ele e naqueles que o conheciam através da sua obra, mas também a memória do Homem que, ao longo de uma vida exemplar, teve sempre como imperativo fundamental o cumprimento do seu dever. Curvo-me reverente perante essa memória, ao mesmo tempo que desejo apontar aos vindouros um exemplo digno de ser seguido...

A. FERNANDES

Publicações do

PROF. DR. JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS

1. *Involuções do grupo Cremoniano no plano*. Coimbra Imprensa da Universidade, 1917.
2. Biblioteca Matemática. *Bol. Bibl. Univ.* IX, N.ºs 1-6, 1928.
3. Valor pedagógico da história das Matemáticas. *Arq. Pedagógico*, II, N.º 3, 1928.
4. Alocução do Comissário do Governo junto do Teatro Nacional Almeida Garrett na récita de gala de 31 de Maio de 1937. In *Centenário de Gil Vicente (†1537-1937)*. Lisboa, 1937.
5. *Cenários do Teatro de S. Carlos*. Publicação do Ministério da Educação Nacional, preparada pelo Comissário do Governo junto do Teatro Nacional de S. Carlos e subsidiada pelo Instituto de Alta Cultura. Lisboa, 1940.
6. Relatório apresentado ao Reitor da Universidade de Coimbra pelo Director da Faculdade de Ciências (Ano escolar de 1939-1940). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, VIII: 149-183, 1940.
7. Cenógrafos italianos em Portugal. *Estudos Italianos em Portugal*, IV, 1941.
8. Vida da Faculdade (1940-1941). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, IX: 275-301, 1941.
9. Vida da Faculdade (1941-1942). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, X: 289-324, 1942.
10. Prefácio das *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*. Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral das Colónias. Lisboa, 1943.
11. Prof. Dr. Henrique Teixeira Bastos. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, vol. XI: 14-19, 1943.
12. Vida da Faculdade (1942-1943). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XI: 317-348, 1943.
13. A estátua de Brotero por Soares dos Reis. *Museu*, III, 1944.
14. Vida da Faculdade (1943-1944). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XII: 256-284, 1944.

15. Vida da Faculdade (1944-1945). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XIII: 224-252, 1945.
16. Iconografia broteriana. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XIV: 181-230, 1945.
17. Vida da Faculdade (1945-1946). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XV: 160-171, 1946.
18. Vida da Faculdade (1946-1947). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XVI: 152-167, 1947.
19. Iconografia broteriana. Addenda. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XVI: 121-129, 1947.
20. Vida da Faculdade (1947-1948). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XVII: 177-197, 1948.
21. Programas de novas instalações da Faculdade. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XVIII: 154-183, 1949. (Em colaboração com Rui Couceiro da Costa e João R. de Almeida Santos).
22. Os azulejos do claustro da Ordem Terceira de S. Francisco da Baía. *Belas Artes*, N.º 7, 1954.
23. Vida da Faculdade (1948-1949). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XVIII: 141-153, 1949.
24. Vida da Faculdade (1949-1950). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XIX: 172-188, 1950.
25. Vida da Faculdade (1950-1951). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XX: 284-294, 1951.
26. Vida da Faculdade (1951-1952). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXI: 191-203, 1952.
27. Vida da Faculdade (1952-1953). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXII: 185-197, 1953.
28. Vida da Faculdade (1953-1954). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXIII: 101-111, 1954.
29. Vida da Faculdade (1954-1955). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXIV: 123-135, 1955.
30. Vida da Faculdade (1955-1956). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXV, Supl.: I-XVIII, 1956.
31. Vida da Faculdade (1956-1957). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXVI, Supl.: III-XVI, 1957.
32. Doutor João José Lopes Farinha (1910-1957). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXVI, Supl.: XVII-XXII, 1957. (Em colaboração com L. M. Albuquerque).

33. Vida da Faculdade (1957-1958). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXVII, Supl.: III-XXI, 1958.
34. Vida da Faculdade (1958-1959). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXVIII, Supl.: III-XXVII, 1959.

DUAS ESPÉCIES AMERICANAS NOVAS PARA A FLORA DE PORTUGAL

por

ROSETTE FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

NESTE trabalho, referimos o aparecimento em Portugal de duas espécies americanas que ocorrem como subespontâneas. A primeira pertence ao género *Lilaeopsis*, da família das *Umbelliferae*, enquanto que a segunda é uma espécie de *Solanum*.

Lilaeopsis attenuata (Hook. et Arn.) Fernald
in *Rhodora*, LXXII: 99 (1924) in adnot., p. p. quoad
Crantzia attenuata Hook. et Arn.

Crantzia attenuata Hook. et Arn., *Botan. Misc.* III: 346
(1833).

Crantzia lineata auct. non Nuttall.

Lilaeopsis attenuata (Hook. et Arn.) Pérez-Moreau in *Lilloa*,
I: 293 (1937).

Lilaeopsis carolinensis Coult. et Rose var. *attenuata* (Hook.
et Arn.) A. W. Hill in *Journ. Linn. Soc. Lond. Bot.*
XLVII: 537 (1927), comb. illeg.

Herborizou-se esta interessante Umbelífera nas margens da Lagoa de Mira.

Espécimes: Praia de Mira, lado sul, entre a costa marítima e os terrenos cultivados, nos bordos dos charcos, 6-VIII-1956, *J. Matos et F. Cardoso* s. n. (COI); Praia de Mira, lado sul, nos bordos de uma vala de escoamento da lagoa, 20-IX-1956, *A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos* 6126 (COI).

O género *Lilaeopsis* tem a caracterizá-lo, principalmente, a configuração e constituição dos seus órgãos clorofilinos. Ao contrário da maioria das Umbelíferas, cujas folhas possuem limbo foliar quase sempre mais ou menos dividido e pecíolo diferenciado, em *Lilaeopsis* existem formações laminares ou cilíndricas, verdes, indivisas, partindo directamente dos nós. Essas formações são dotadas de tabiques transversais, estruturas pouco frequentes nas Dicotiledóneas. Os órgãos clorofilinos de *Lilaeopsis* têm sido interpretados de maneiras diversas, havendo autores (1) que os consideram como verdadeiras folhas e outros como filódios. Não nos interessando neste trabalho esclarecer qual a sua natureza morfológica, designá-los-emos por folhas, conforme é usado nas monografias do género.

Outra característica interessante é a inexistência de caules aéreos. As plantas são dotadas de um rizoma rastejante, em cujos nós, mais ou menos afastados, se inserem, simultaneamente, feixes de numerosas raízes delgadas e frágeis e uma ou mais folhas. As umbelas são simples e os pedúnculos, como é evidente, basilares.

A presença do género *Lilaeopsis* no continente europeu não é agora assinalada pela primeira vez, perquanto H. BUCH (Über die Flora und Vegetation Nordwest-Spaniens in Soc. Scient. Fenn. Comm. Biol. X, 17: 27, 1951) referiu *L. carolinensis* Coult. et Rose para o Cabo Finisterra. Neste local da Galiza, a planta vive associada com *Hydrocotyle bonariensis* Lam., espécie que igualmente faz parte da associação em que cresce *L. attenuata* no nosso país. É possível que os indivíduos da Galiza se devam referir também a este último taxon que é muito semelhante a *L. carolinensis*. No entanto, o facto de a planta colhida na Galiza, de que observámos um exemplar (2), não possuir frutos completamente maduros inpede-nos de chegar a resultados exactos quanto à sua identificação.

Em virtude de *L. attenuata* (Hook. et Arn.) Fern. não ser conhecida na Europa, achamos conveniente apresentar

(1) Sobre a interpretação destes órgãos, consulte-se J. BRIQUET, Feuilles septées chez les Dicotylédones (in Bull. Herb. Boiss. V: 459, 1897) e A. W. HILL (loc. cit.: 528).

(2) Agradecemos ao Ex.^{mo} Sr. Director do Herbário da Universidade de Helsinquia o empréstimo do espécime espanhol.

uma descrição pormenorizada da espécie. Adaptámos a que se encontra no trabalho de PÉREZ-MOREAU, «Sinopsis das Umbelíferas Argentinas» (*loc. cit.*), introduzindo algumas modificações no que respeita ao tamanho das folhas e dos frutos (as nossas medidas extremas são indicadas entre parêntesis).

Erva com rizoma delgado de 1-3 mm de espessura, radicante nos nós; entrenós de (0,5) 1,5-5,5 (9) cm de comprimento. *Folhas* cilíndricas, atenuadas ou um pouco alargadas para cima, comprimidas no extremo superior, de (3) 6,5-27 (29) \times 0,2-0,5 (0,6) cm, com 11-14 septos transversais. *Umbelas* (1) 2-4 em cada nó, raramente 7, plurifloras (8-21-floras); pedúnculos delgados, menores que as folhas, de (0,7) 3,2-6 cm; brácteas do involúcro 5-6, triangulares, agudas, muito menores que os pedicelos; pedicelos filiformes, de 2,5-8 mm de comprimento; pétalas ovadas, internamente esbranquiçadas, exteriormente purpurascetes, de 1-1,5 \times 0,9-1 mm; anteras subclípticas; filetes de 0,4-0,5 mm, alargando na base. *Frutos* subglobosos, mais largos que altos, de (1) 1,5-2 \times (1,5) 2-2,5 mm; aquênios com as costas dorsais, intermediárias e comissurais subiguais, salientes, carinadas; 6 canais secretores, 2 dos quais comissurais. $2n = 22$ (fig. a e b, Est. II) (1).

As espécies do género *Lilaeopsis* vivem em lugares húmidos ou encharcados, ou mesmo em águas cuja profundidade não vai geralmente além de 40 cm. Como sucede com outras plantas aquáticas, também nesta existe uma grande variabilidade que se traduz por diferenças na forma e dimensões das folhas, comprimento dos pedúnculos e dos entrenós, etc. (2).

Nos exemplares de Mira, os que foram colhidos nos bordos dos charcos (plantas da parte superior da fig. 1) possuem folhas mais curtas (3 cm) e frutos ligeiramente menores que os das plantas vegetando dentro de água (plantas da parte inferior da fig. 1 e fig. 2). Entre estas últimas formas, com folhas

(1) A contagem do número de cromosomas foi feita pelo Prof. A. FERNANDES, a quem agradecemos o auxílio prestado. Julgamos ser a primeira espécie do género cujo número de cromosomas foi determinado.

(2) Veja-se a este respeito: BRIQUET (*loc. cit.*) e CHODAT (*La végétation du Paraguay in Bull. Soc. Bot. Genève, XII: 8, 1920*).

muito mais longas, e as de folhas menores encontram-se todos os termos de transição. Tanto em indivíduos de uma como de outra categoria aparecem, por vezes, folhas não atenuadas, mas alargadas na parte superior em uma lâmina ligeiramente espatulada. Pela forma, estas folhas fazem a transição para as de *L. carolinensis* Coult. et Rose. No entanto, a sua largura não excede 6 mm, ao passo que PÉREZ-MOREAU afirma que a largura das folhas de *L. carolinensis* oscila entre 4,5 e 12 mm.

Por outro lado, o carácter que parece ter mais importância para distinguir as duas espécies é a forma dos frutos, os quais em *L. attenuata* (Hook. et Arn.) Fern. são suborbiculares e em *L. carolinensis* Coult. et Rose obovóides. Todos os frutos que examinámos no grande número de exemplares trazidos de Mira são suborbiculares (fig. 3). Por este facto, a identificação da planta como *L. attenuata* deve ser exacta.

A transferência de *Crantzia attenuata* Hook. et Arn. para o género *Lilaeopsis* foi feita por FERNALD em 1924. PÉREZ-MOREAU não considera FERNALD como o autor da nova combinação, em virtude de ter incluído sob aquele binome pelo menos 3 taxa diferentes (cf. A. W. HILL, *loc. cit.*: 535, 540, 543; e PÉREZ-MOREAU, *loc. cit.*: 296). No entanto, a combinação, quanto a nós, é legítima visto FERNALD ter indicado o basónimo.

A. W. HILL, em 1927, colocou *L. attenuata* como variedade dentro de *L. carolinensis* ⁽¹⁾. Nesta mesma espécie reconheceu ainda a var. *minor* A. W. Hill (= *Crantzia brasiliensis* Glaz.).

PÉREZ-MOREAU restabeleceu a var. *attenuata* na sua primitiva categoria sistemática e passou a considerar a var. *minor* A. W. Hill também como espécie independente ⁽²⁾.

Pela descrição e pelas figuras que observámos da var. *minor* (A. W. HILL, *loc. cit.*: fig. 4; PÉREZ-MOREAU, *loc. cit.*: t. VII),

⁽¹⁾ A combinação de A. W. HILL, subordinando *L. attenuata*, como variedade, a *L. carolinensis*, é ilegítima.

⁽²⁾ PÉREZ-MOREAU, baseado em que GLAZIOU apresentou uma descrição muito sucinta de *Crantzia brasiliensis* (GLAZIOU in *Mém. Soc. Bot. Fr.* I: 331, 1905-1913), criou uma nova combinação, *Lilaeopsis minor* (A. W. Hill) Pérez-Moreau. A descrição de *Crantzia brasiliensis*, no entanto, existe e, segundo as Regras de Nomenclatura, o epíteto *brasiliensis* deve ser mantido no caso de se considerar a planta como espécie autónoma.

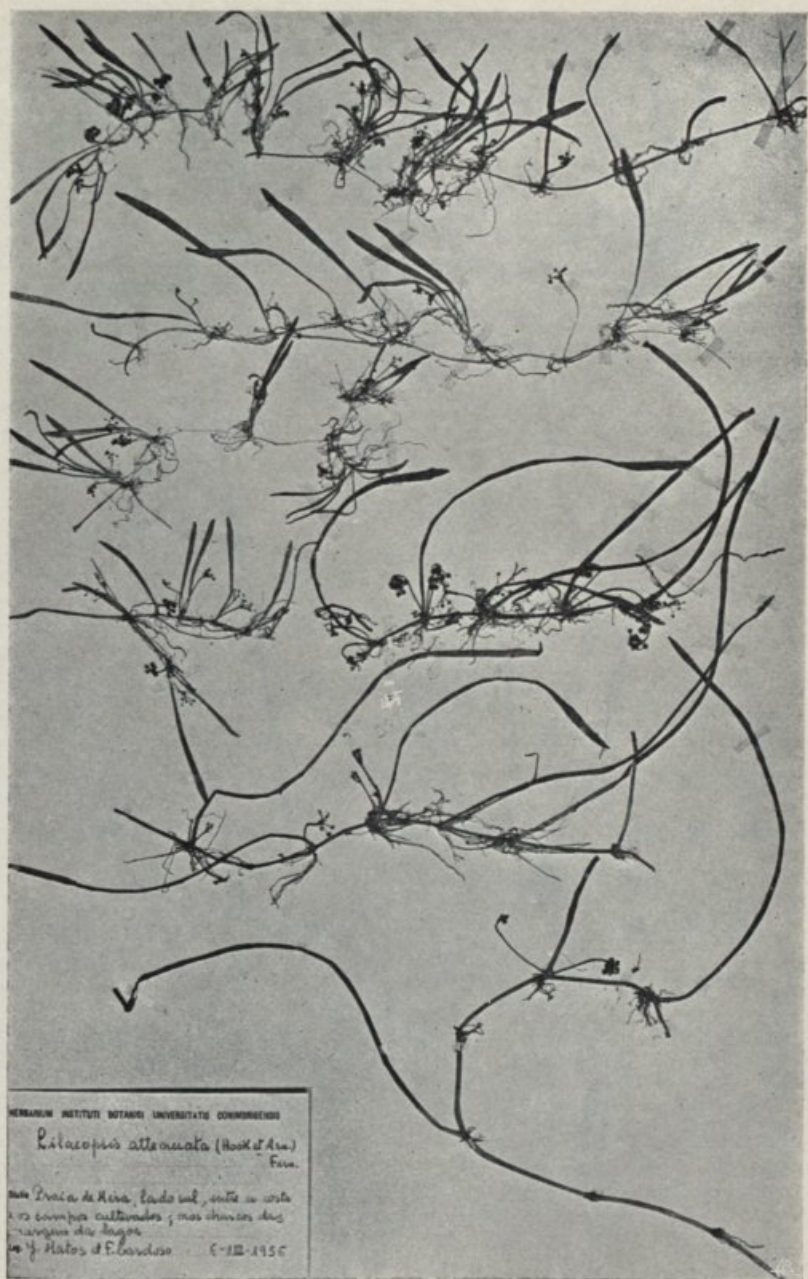
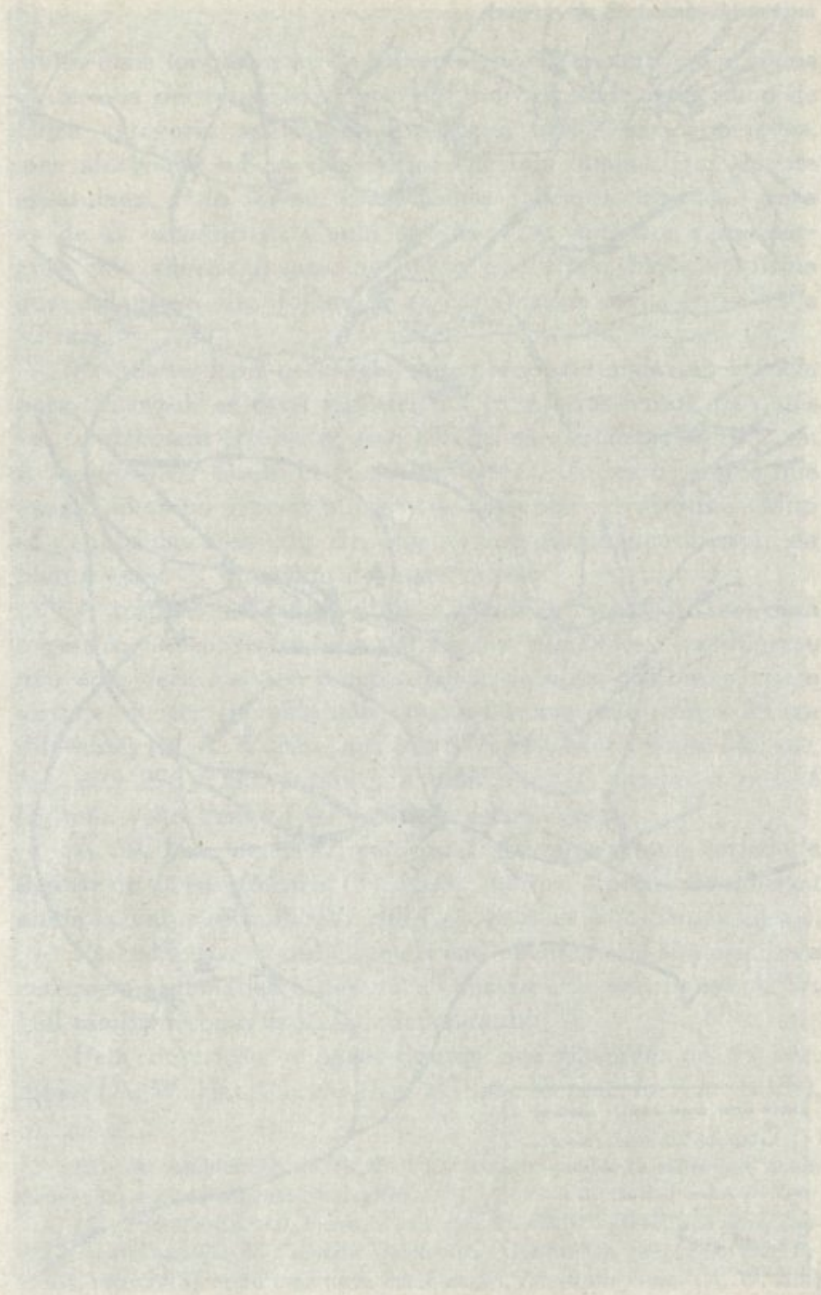


Fig. 1.—*Lilaopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Fern. Os indivíduos montados na parte superior, de folhas menores e um pouco alargadas para cima, foram herborizados no solo molhado; os de folhas mais longas viviam dentro de água.



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637
TEL: 773-936-3000



Fig. 2. — *Lilaeopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Fern. Notar a forma das folhas, atenuadas para o ápice. Estes espécimes vivem dentro de água.

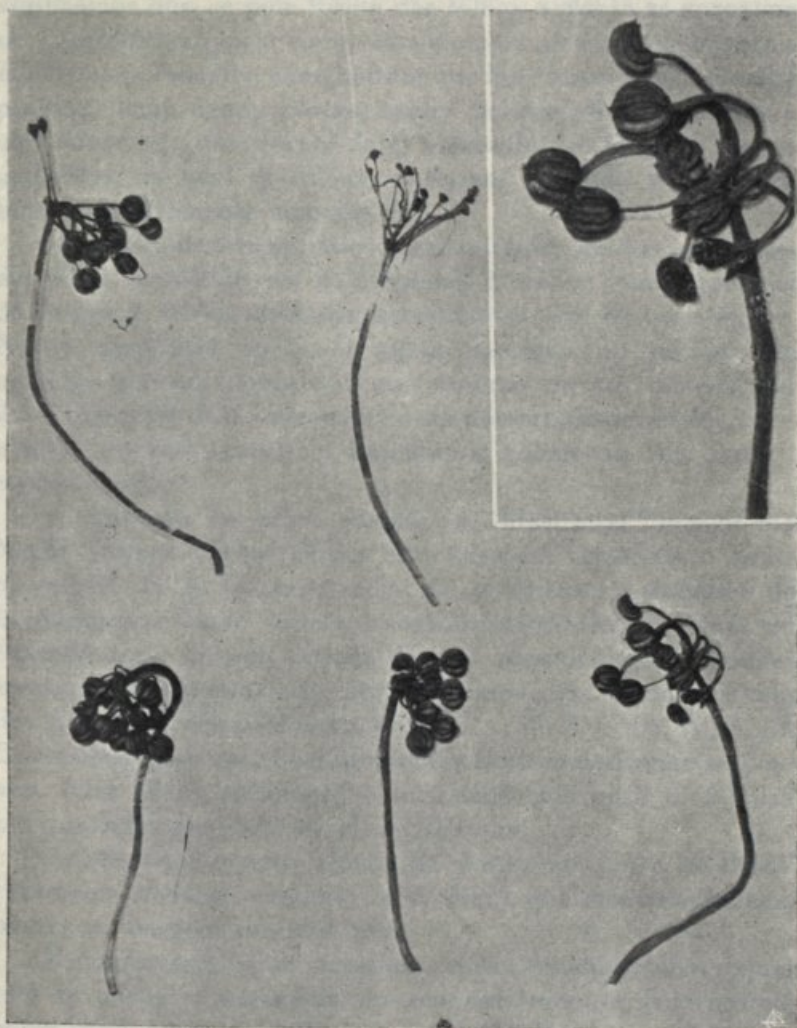


Fig. 3. — Umbelas de *Lilaeopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Fern.
Notar a forma dos frutos um pouco mais largos que
altos. $\times 2$. Em cima, à direita, uma umbela
mais ampliada. $\times 4$.

verificámos que, se pela forma das folhas a planta se aproxima de *L. carolinensis*, pela forma dos frutos é incontestavelmente a *L. attenuata*. Atendendo ao habitat que lhe é apontado («marshy prairies, damp sandy places, sandy fields»), é possível que a var. *minor* seja uma forma de *L. attenuata* dos terrenos menos molhados, na qual as folhas se teriam reduzido e os frutos tornado ligeiramente menores.

A confirmar esta suposição, encontrámos muitos indivíduos em Mira, crescendo em solo apenas húmido, com caracteres de folhas e frutos bastante semelhantes aos da var. *minor*. Nestes espécimes notava-se certa variação no número de umbelas por nó, desde só uma (carácter da var. *minor*), até 2-3-4 (carácter de *L. attenuata*) e do número de flores em cada umbela, podendo estas ser paucifloras (como na var. *minor*) e plurifloras.

Finalmente, na nova edição da «Illustrated Flora of the North Eastern United States and Adjacent Canada», o autor da revisão, H. A. GLEASON, reduz *L. carolinensis* a sinónimo de *L. attenuata*. Sendo exacta a representação iconográfica de PÉREZ-MOREAU, trata-se, porém, de dois taxa distintos, reconhecíveis principalmente, como atrás dissemos, pela forma diferente dos frutos (cf. PÉREZ-MOREAU, *loc. cit.*: t. III, *b, c* e t. IV, *b, c*). Duvidamos, por isso, que as plantas norte-americanas se possam filiar em *L. attenuata* e inclinamo-nos para uma falsa interpretação por parte de H. A. GLEASON.

L. attenuata é uma planta da Argentina ⁽¹⁾ e do Brasil (exemplar duvidoso, segundo A. W. HILL), que vive nos charcos, pântanos, margens dos rios, etc.

É interessante notar que uma outra Umbelífera com a qual esta se encontra associada no seu país natal, a *Hydrocotyle bonariensis* Lam. (cf. CHODAT, *loc. cit.*), também existe em Portugal juntamente com aquela espécie. Dir-se-ia que a introdução destes dois elementos da flora americana se fez simul-

(1) Considerando *L. brasiliensis* (= *L. carolinensis* var. *minor* A. W. Hill) como simples forma de *L. attenuata*, a área desta última espécie fica consideravelmente alargada, abrangendo o Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina. Pode explicar-se a falta nos herbários de espécimes de *L. attenuata* típica de algumas regiões, devido a não ter sido herborizado material de terrenos alagados, mas só de sítios mais ou menos húmidos.

tâneamente. O desconhecimento de *Lilaeopsis* no nosso território teria resultado de, dadas as semelhanças das suas folhas com as de certos juncos, ter passado despercebida aos colectores.

Mira não é porto de mar onde acostem navios de longo curso, nem centro de exploração agrícola onde se cultivem espécies de origem sul-americana. O agente introdutor destas plantas não pode, pois, ter sido directa ou indirectamente o homem. Teremos que encarar, no caso presente, as aves marinhas migratórias como possíveis responsáveis pelo aparecimento de *L. attenuata* e de *H. bonariensis*. Sabe-se o grande papel que desempenham as aves na dispersão das espécies vegetais, principalmente daquelas cujas sementes ou frutos lhes servem de alimento. Em certos casos, porém, a sua intervenção é meramente accidental, visto as sementes, frutos ou mesmo fragmentos de plantas serem transportados de uns para outros locais presos às penas ou misturados ao lodo que lhes adere às patas.

São três as espécies de aves marinhas cujo voo migratório poderá ter interesse no transporte de sementes entre a Europa e a América e vice-versa: *Sterna macrura*, *Oceanites oceanicus* e *Puffinus puffinus*. Destas, parece-nos que só o *Oceanites oceanicus*, com voo de sul para norte muito rápido, poderá ser considerado como agente de dispersão intercontinental de ocidente para oriente. Estes palmípedes, que têm os seus ninhos no sector americano do Antártico, começam a emigrar para norte em fins de Março e Abril, ao longo das costas americanas. Nos meses de Julho e Agosto encontram-se no Atlântico Norte e, segundo JEAN DORST ⁽¹⁾ (Les migrations des oiseaux: 174, 1956), «ils sont particulièrement abondants dans toute la partie de l'Atlantique parcourue par le Gulf Stream et au large des côtes du Portugal».

Porque não há então uma maior invasão de plantas americanas na costa portuguesa? Deve atender-se a que só um conjunto de acasos favoráveis poderá permitir que os elementos de disseminação presos às penas e patas das aves aí per-

(¹) Ao Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. A. XAVIER DA CUNHA MARQUES, ilustre Director do Museu e Laboratório Zoológico da Universidade de Coimbra, agradecemos a amabilidade com que se prontificou a procurar-nos a bibliografia acerca do voo das aves marinhas.

maneçam através das vicissitudes de uma tão longa viagem; a que será necessário que encontrem no lugar onde forem depositados condições favoráveis à sua germinação ou desenvolvimento; e, finalmente, a que as plantas não sejam afectadas por um meio hostil que as iniba de frutificar e, conseqüentemente, de se manterem na nova localidade.



Fig. 4.— Aspecto da vegetação dos bordos de uma vala de escoamento da Lagoa de Mira, onde foi encontrada *Lilaeopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Fern.

Durante a herborização efectuada na vala de escoamento de Mira, procedemos ao inventário das espécies que vivem associadas com *L. attenuata*.

Crescendo dentro de água identificámos (fig. 4):

Panicum repens L.

Juncus Fontanesii Gay

Rorippa Nasturtium-aquaticum (L.) Hayeck

Hydrocotyle bonariensis Lam.

Apium nodiflorum (L.) Reichenb.

Nos bordos da vala, em solo encharcado ou muito húmido, encontramos:

Typha sp.
Iris pseudacorus L.
Polygonum Persicaria L.
Euphorbia pubescens Vahl
Samolus Valerandii L.
Mentha aquatica L. var. *Broteriana* Cout.
Lycopus europaeus L.

Solanum Ottonis Hylander (1)
 in Uppsala Univ. Arsskr.: 279 (1945)

Solanum gracile Otto ex W. Baxter in Loudon, Hort. Brit. Suppl. II: 673 (1839), nom. nud.; ex Dunal in DC., Prodr. XIII, 1: 54 (1852). Non Sendtner.

Há já anos tem sido notada a presença em Coimbra e seus arredores, vivendo em entulhos, terrenos abandonados e até, por vezes, junto às paredes das casas em algumas ruas, de uma espécie de *Solanum*, semelhante ao *Solanum nigrum* L., mas distinto dele por certo número de caracteres bem definidos.

Uma mais larga pesquisa permitiu verificar que a planta se encontra bastante difundida no nosso país, visto ter sido herborizada não só na província da Beira Litoral, onde primeiramente foi assinalada, mas também no Douro Litoral, no Minho e no Ribatejo. Em face da larga área de distribuição

(1) Aos Ex.^{mos} Srs. Directores do Laboratório de Fanerogamia do Museu de História Natural de Paris, do Museu e Jardim Botânico de Genebra, do Instituto Botânico de Barcelona e do Instituto Botânico de Lisboa agradecemos o envio do material que lhes solicitámos.

Agradecemos também ao Ex.^{mo} Sr. Dr. A. LIMA DE FARIA, a amabilidade com que se prontificou, não só a traduzir-nos o texto sueco das notas sobre esta espécie que figuram nas revistas *Botaniska Notiser* (363, 1933) e *Meddelanden fran Göteborgs Botaniska Trädgård* (X: 199, 1935), como a enviar um espécime da nossa planta ao Prof. BLOM. A este senhor estamos igualmente reconhecida pelo estudo a que procedeu.

Ao Ex.^{mo} Sr. Eng. A. R. PINTO DA SILVA, a quem a planta tinha também chamado a atenção, agradecemos o empréstimo do seu material.

que apresenta e da abundância de sementes que produz, pode concluir-se pela sua subespontaneidade, tudo levando a crer que nos próximos anos seja registada a sua presença em outros pontos do país. Julgamos que a introdução desta planta em Portugal não é, no entanto, muito antiga, pois que, dadas as afinidades que tem com *Solanum nigrum* L., seria natural esperar que figurasse nos herbários portugueses algum exemplar erradamente determinado como pertencendo a esta última espécie, o que de facto não sucedia.

Devido ao grande número de espécies do género *Solanum*, algumas delas muito próximas (e que estudos ulteriores reduzirão provavelmente a sinónimos), torna-se quase impossível, pela simples descrição, distinguir muitas delas umas das outras. De todas as que figuram na sect. *Pachystemonum*, subsect. *Morella* (DUNAL, loc. cit.), a que pertence a nossa planta, aquela com cuja descrição mais se harmoniza é *S. Ottonis* Hylander (= *S. gracile* Otto ex Dunal). Pelo facto de DUNAL afirmar que *S. gracile* é anual, surgiu-nos, porém, a dúvida sobre se a planta portuguesa, que é vivaz, se poderia atribuir àquele taxon. Na Argentina, onde vive no estado espontâneo, *S. Ottonis* é um subarbusto (cf. CABRERA, Man. Fl. Alred. Buenos Aires: 412, 1953). Sendo assim, desaparece a objecção que nos tinha levantado a leitura da descrição (1). Por outro lado, o confronto da planta portuguesa com os exemplares que DUNAL refere a *S. gracile* (fig. 5, 6, 7 e 8) e que nos foram amavelmente emprestados pelo Museu de História Natural de Paris, mostrou-nos que a nossa identificação era correcta (2).

(1) DUNAL estudou espécimes secos e indivíduos vivos cultivados em França e na Suíça. Estando os primeiros representados por fragmentos das partes terminais dos ramos, o juízo que DUNAL faz sobre a duração da vida de *S. gracile* é duvidoso. Quanto às plantas cultivadas nos jardins botânicos, o autor pode ter sido levado a pensar que eram anuais quer por não ter acompanhado o seu desenvolvimento, quer pelo facto de as plantas serem renovadas anualmente, como muitas vezes sucede em semelhantes culturas, quer ainda por as plantas morrerem devido aos frios invernais, etc.

(2) O Prof. BLOM (em carta que nos escreveu o Dr. TYCHO NORLINDH) não concordou com a nossa determinação por julgar que as bagas de *S. Ottonis* não possuem massas pétreas, ao passo que as da nossa planta as apresentam. Essa afirmação é destituída de fundamento, pois que num dos frutos de um espécime (fig. 7 e 8) de *S. Ottonis* do Museu de Paris (in Chili ad

A forma e dimensões das folhas, o seu revestimento piloso, a forma e dimensões do cálice, corola, filetes, anteras, estigmas e frutos, bem como o colorido destes concordam inteiramente com os da planta portuguesa (Est. I). Esta perence, pois, ao tipo de *S. Ottonis* Hylander (= *S. gracile* Otto ex Dunal) (1).

Solanum Ottonis Hylander é uma planta originária das regiões subtropicais da América do Sul (Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, etc.) e do México que tem sido encontrada algumas vezes na Europa. Assinalada primeiramente como subespontânea no Jardin des Plantes de Montpellier (cf. THELLUNG, Fl. Adv. Montpellier: 452, 1912), foi herborizada, em 1925, na Suécia, onde se extinguiu, e mais recentemente na Catalunha (2).

Rancagua, leg. Bertero n.º 639) contém nada menos de 9 dessas formações! Por outro lado, também em indivíduos da Nova Zelândia, região onde a espécie é subespontânea, aparecem massas pétreas nas bagas (cf. G. T. S. BAYLIS, A cytogenetical study of New Zealand forms of *Solanum nigrum* L., *S. nodiflorum* Jacq. and *S. gracile* Otto in Trans. Roy. Soc. New Zeal. LXXXV: 384, 1958). Ainda segundo G. T. S. BAYLIS, a presença de massas pétreas não tem o valor que alguns autores lhe querem atribuir [... it (character) seems always inconstant (*loc. cit.*); «... I have found the stone masses a very variable character» (in littera)].

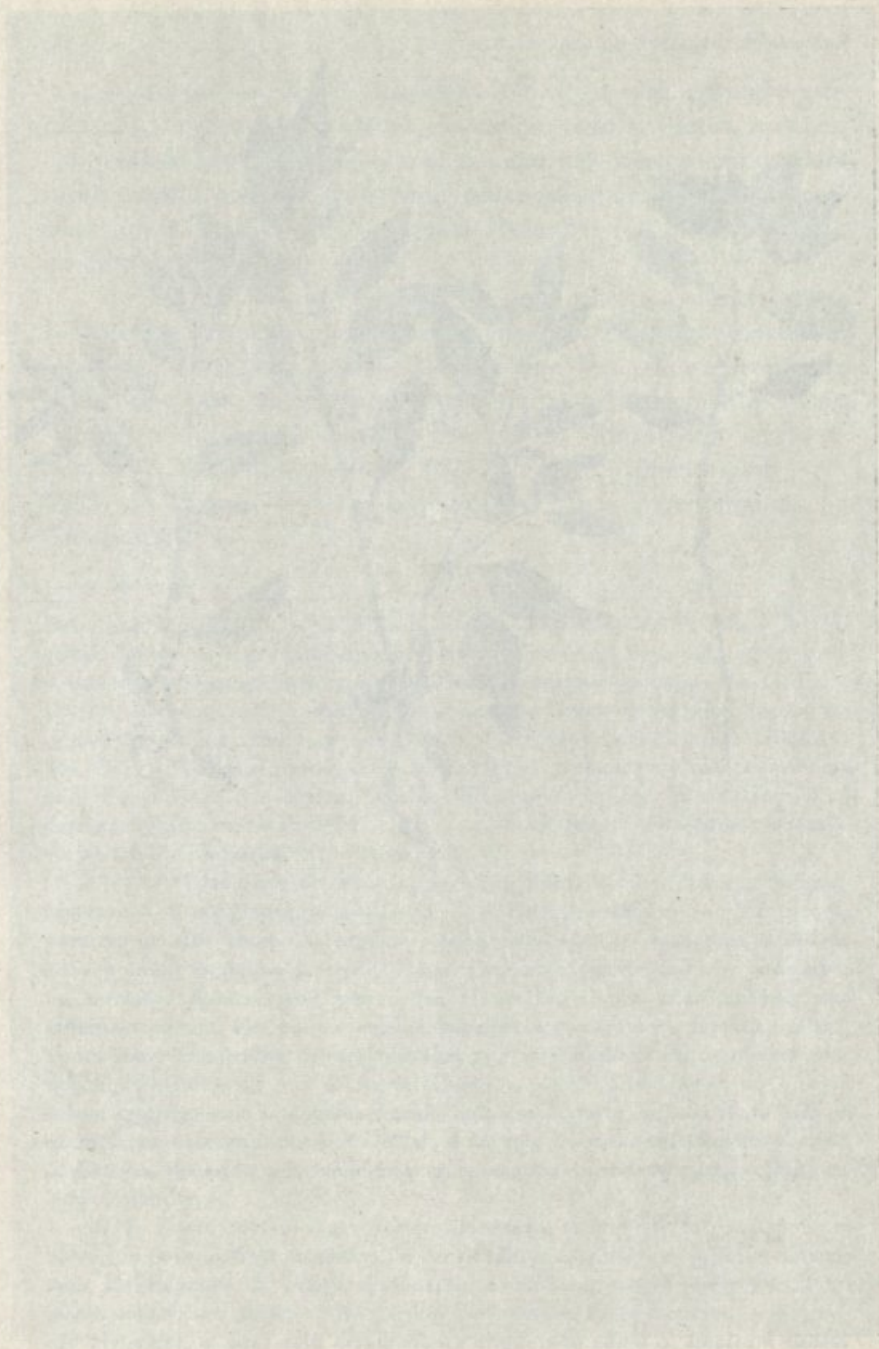
(1) A forma que se encontra na Nova Zelândia não corresponde exactamente à nossa planta, conforme G. T. S. BAYLIS verificou no estudo comparativo que fez entre um espécime português que lhe enviámos e outros subespontâneos naquela região. Essas pequenas diferenças, que consistem no tamanho ligeiramente maior das flores da planta neozelandesa, nas anteras também um pouco mais alongadas e, sobretudo, nos filetes ca. 1 mm mais compridos, foram também por nós verificadas num exemplar que aquele botânico nos ofereceu. Como a planta portuguesa, no que se refere também aos caracteres florais, está em perfeita concordância com os exemplares determinados por DUNAL, é ela que deve ser referida ao tipo de *S. Ottonis*, devendo possivelmente criar-se uma variedade para a planta da Nova Zelândia.

(2) Desta região, examinámos um exemplar que nos foi amavelmente oferecido pelo distinto botânico A. DE BOLÓS e cuja determinação confirmámos. Em Espanha, *S. Ottonis* é vivaz, tal como acontece no nosso país, atingindo uma altura de 1,5 m. No Jardim Botânico de Lisboa cultiva-se *S. Ottonis* Hylander, o qual está erradamente etiquetado como *S. sinaicum* Boiss. Esta última espécie, cujo tipo estudámos, é muito diferente de *S. Ottonis* pelos seguintes caracteres: altura menor, não ultrapassando 20 cm (sempre?);



Fig. 5. — *Solanum Ottonis* Hylander
(*S. gracile* Otto ex Dunal)

Exemplar citado por DUNAL, colhido por COMMERSON próximo
de Buenos Aires (P).



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILLINOIS
LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PHOTODUPLICATION SERVICE
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILLINOIS 60637



Fig. 6. — *Solanum Ottonis* Hylander
(*S. gracile* Otto ex Dunal)

Exemplar citado por DUNAL, colhido no Rio de Janeiro
por GAUDICHAUD (P).

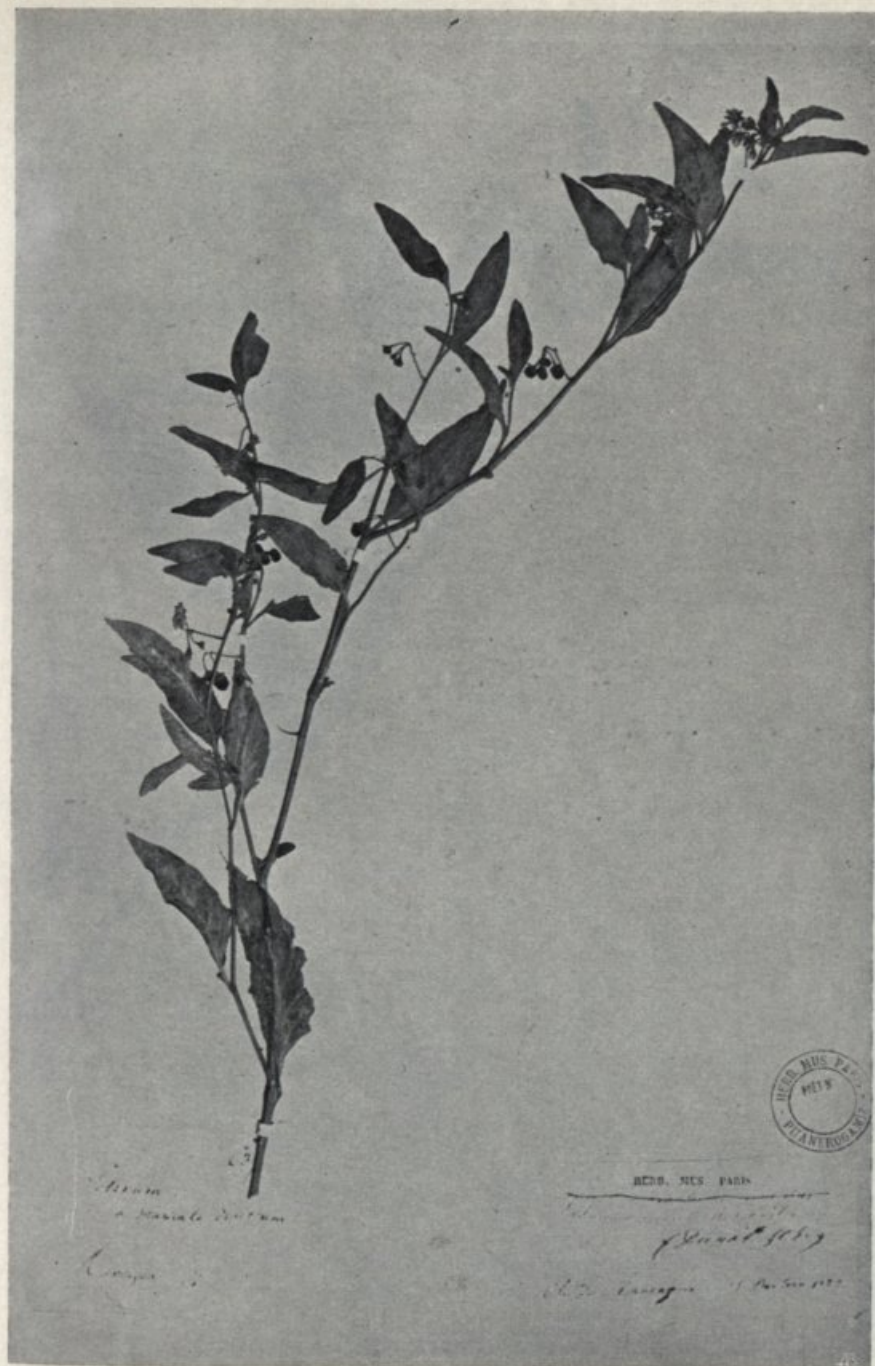


Fig. 7.—*Solanum Ottonis* Hylander
(*S. gracile* Otto ex Dunal)

Exemplar citado por DUNAL, colhido por BERTERO no Chile (P).



Fig. 1. *Solanum Ottonis* Hayden
(A. S. Hitchcock et al. 1908)
Exemplar obtento per D. W. B. Colville per HERBARIUM de Cile (P.)



Fig. 8 — *Solanum Ottonis* Hylander
(*Solanum gracile* Otto ex Dunal)

Pormenor do espécime representado na fig. 7.

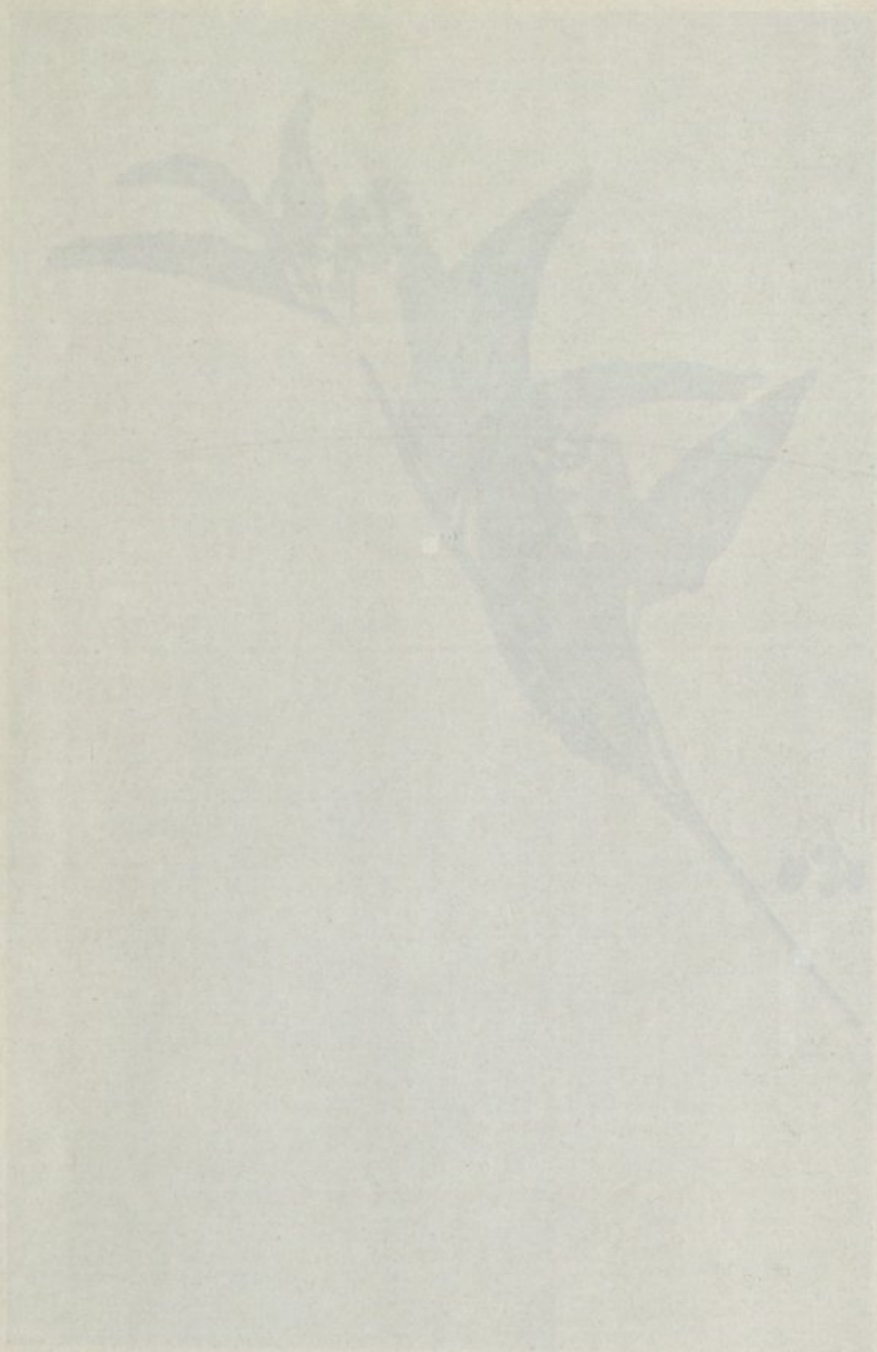


Fig. 2. — *Salicornia virginica* L.
(*Salicornia virginica* L.)
Plants in various stages of growth.

Em Portugal tem sido encontrado nas seguintes localidades:

Minho: Viana do Castelo, junto ao hotel de Santa Luzia, IX-1958, *J. Matos* s. n. (COI).

Douro Litoral: Entre-os-Rios, nas areias húmidas mais ou menos ruderalizadas e atingidas pelas cheias do rio Tâmega, VII-1957, *R. Pinto da Silva* s. n. (COI; LISE); pr. Canais, entre Amarante e Marco de Canavezes, num talude fresco junto à estrada, 6-VII-1960, *Pinto da Silva, B. Rainha et M. Silva* 67554 (LISE).

Beira Litoral: Ponte de Cacia, no dique do rio Vouga, 11-VI-1958, *A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos* 6211 (COI); Coimbra, nos entulhos, terrenos abandonados, etc., VI-1953, *A. Matos* s. n. (COI).

Ribatejo: Constância, nas margens do Zêzere, próx. da foz, com dois metros ou mais de estatura e muito abundante, 24-IX-1958, *B. Rainha* (COI; LISE); Chamusca, junto às sebes, 26-VIII-1959, *B. Rainha* 4038 (LISE).

Por se tratar de uma espécie muito próxima de *S. nigrum* L., achamos conveniente descrevê-la pormenorizadamente.

***Solanum Ottonis* Hylander (Est. I)**

Planta vivaz, sufruticosa, ramosíssima, os indivíduos jovens com os ramos \pm herbáceos, os mais velhos lenhosos sobretudo na base, sendo herbáceos apenas os raminhos mais novos; caules e ramos mais idosos cilíndricos, revestidos de casca pardacenta, os ramos menos idosos subcilíndricos ou um pouco angulosos, verdes, percorridos por linhas longitudinais pouco salientes e sem asperezas, cobertos de pêlos simples, esbranquiçados, subaplicados, com a ponta dirigida para cima. Folhas lanceoladas ou ovado-lanceoladas, acunheadas na base, decurrentes no pecíolo, insensivelmente acuminadas, agudas, acu-

vilosidade constituída por pêlos 2-3 vezes mais compridos e também mais grossos; folhas dentado-lobadas e não inteiras ou subonduladas; pedicelos o dobro mais compridos, delgados e não espessados no cimo na frutificação; flores um pouco maiores, com anteras o dobro mais espessas e mais compridas; estilete mais longo; frutos menores; sementes com diâmetros duplos das de *S. Ottonis*; etc.

tiúsculas ou mesmo obtusiúsculas, inteiras ou ligeiramente onduladas, um pouco discolores (mais claras na página inferior), cobertas nas duas páginas, mas mais densamente na inferior,



Fig. 9. — *Solanum Ottonis* Hylander.

Exemplar muito ramificado, com cerca de 1,40 m de altura, colhido nos arredores de Coimbra.

por pêlos do mesmo tipo dos do caule; nervura mediana um pouco saliente na página inferior, levemente saliente na superior; nervuras laterais ascendentes, arqueadas, pouco salientes ou obsoletas na página inferior, impressas na superior. Cimeiras umbeliformes, 5-7-floras, extraxilares, subopositifólias, com

pedúnculos delgados, patentes; pedicelos gráceis menores que os pedúnculos, retroflectidos no estado de flor jovem (botão), patentes e radiantes no estado florífero, de novo retroflectidos no estado frutífero; cálice 5-lobado com os lóbulos triangular-oblongos, obtusos; corola branca com uma mácula amarela em forma de estrela no centro, e também com algumas estrias escuras, partida quase até dois terços, com os segmentos estreitos, lanceolados, agudos, patentes ou retroflectidos, glabros por cima, puberulentos por baixo; filetes menores que as anteras, vilosos na base, coniventes; anteras coniventes, lineares, amarelo-claras; ovário subgloboso; estilete viloso nos dois terços inferiores, maior que os estames; estigma aclavado-hemisférico; baga globosa um pouco deprimida, primeiro verde depois negro-purpúrea, opaca, sementes numerosas, pequenas, $1,25 \times 1,5$ mm; massas pétreas 1-2 (por vezes mais).

Os exemplares mais idosos chegam a atingir 2 m de altura e são extremamente ramificados.

Nos indivíduos jovens encontram-se folhas maiores, algumas delas como as da figura *b* (Est. I); nos espécimes mais idosos as folhas são predominantemente dos tipos médio e pequeno, representados na Est. I, fig. *b*₁, *b*₂.

Os ramúsculos axilares possuem folhas de um tipo ainda menor e nitidamente obtusas no ápice.

Folhas $2-8 \times 1-4,5$ cm.

Pedíolos $0,5-3,5$ cm.

Pedúnculos 1-2 cm.

Pedicelos $0,5-1$ cm.

Lobos do cálice $0,75 \times 1$ mm na base.

Diâmetro da corola $1,6-1,8$ cm.

Lobos da corola $5-6 \times 2,5$ mm no meio ($\times 4$ mm na base).

Filetes $0,5-1$ mm.

Anteras $2,6-2,75 \times 0,75$ mm.

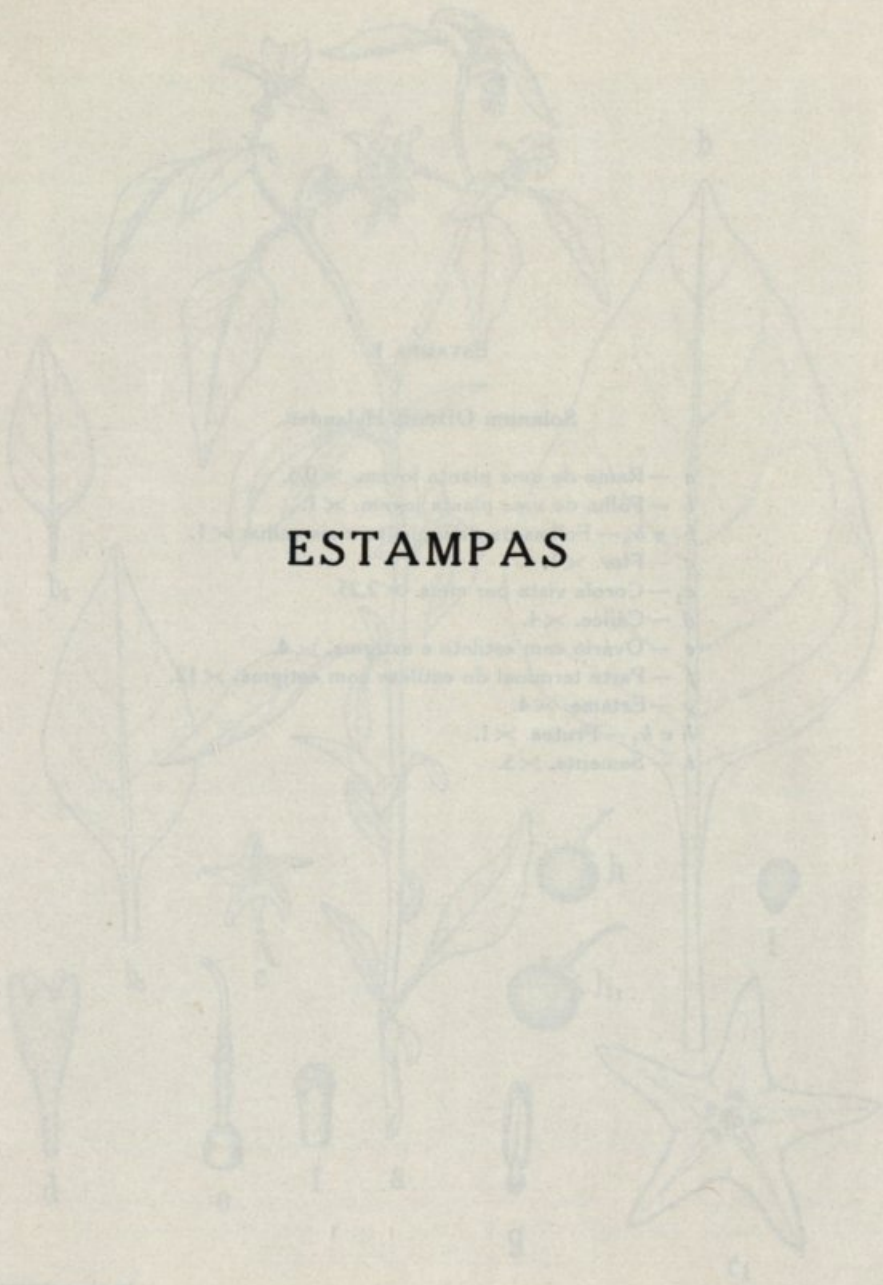
Estiletos 6-7 mm.

Bagas 7-8 mm. diâm.

Sementes $1,25 \times 1,5$ mm.

Nos vértices vegetativos da raiz contaram-se 24 cromosomas (fig. c, d, Est. II), o que mostra que a planta é diplóide. A meiose, estudada nas células-mães dos grãos de pólen, decorre com grande regularidade (fig. a, Est. III), formando-se 12 bivalentes (fig. b, Est. III) e aparecendo 12 cromosomas na metafase da segunda divisão (fig. c, Est. III). Não notámos, pois, qualquer desvio que nos levasse a supor estarmos na presença de um híbrido.

ESTAMPAS



Solanum elaeagnifolium

ESTAMPA I

Solanum Ottonis Hylander

- a* — Ramo de uma planta jovem. $\times 0,5$.
- b* — Folha de uma planta jovem. $\times 1$.
- b*₁ e *b*₂ — Folhas de uma planta mais velha. $\times 1$.
- c* — Flor. $\times 1$.
- c*₁ — Corola vista por cima. $\times 2,25$.
- d* — Cálice. $\times 4$.
- e* — Ovário com estilete e estigma. $\times 4$.
- f* — Parte terminal do estilete com estigma. $\times 12$.
- g* — Estame. $\times 4$.
- h* e *h*₁ — Frutos. $\times 1$.
- i* — Semente. $\times 5$.



Rosette Fernandes del.
Santos Figueira. adj.

Solanum Ottonis Hylander



Solanum elaeagnifolium L.

1880

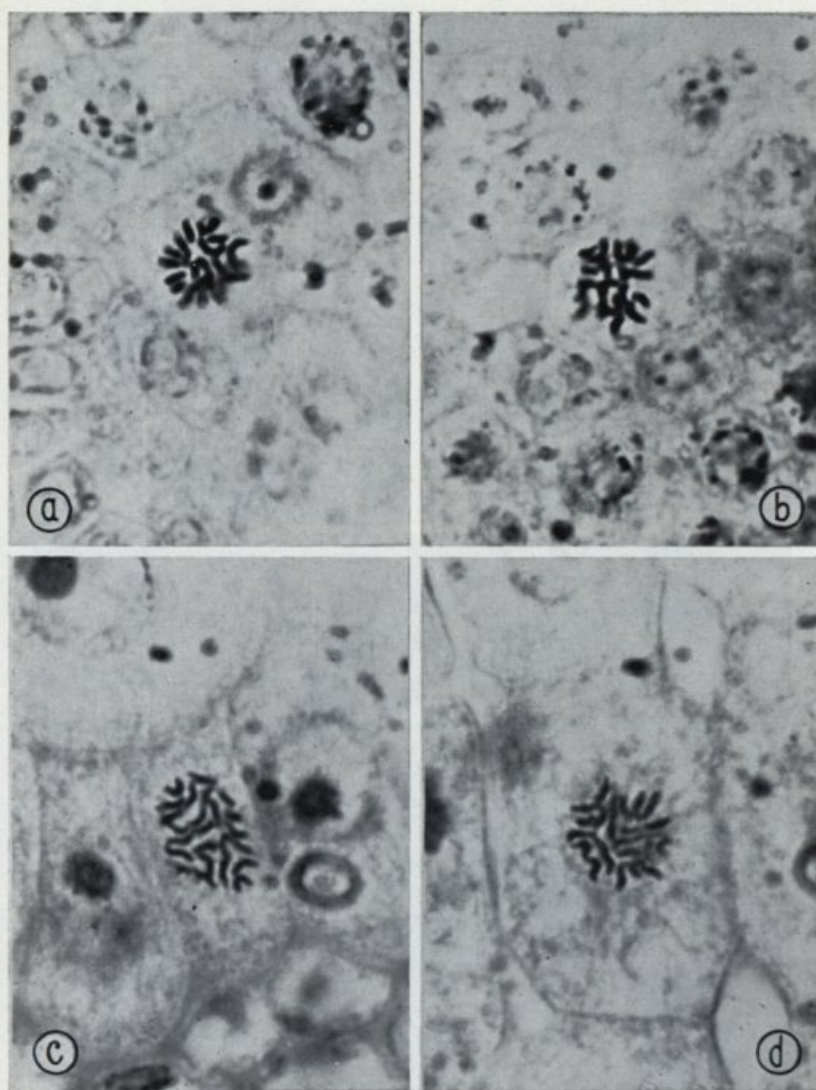
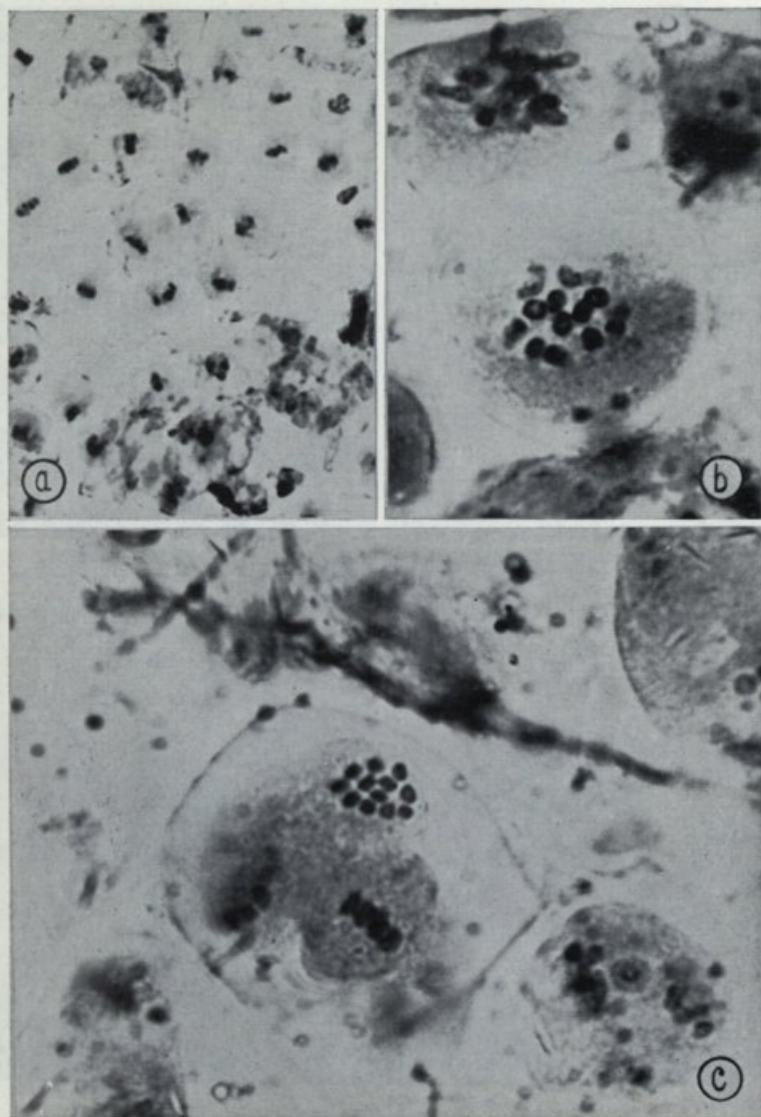
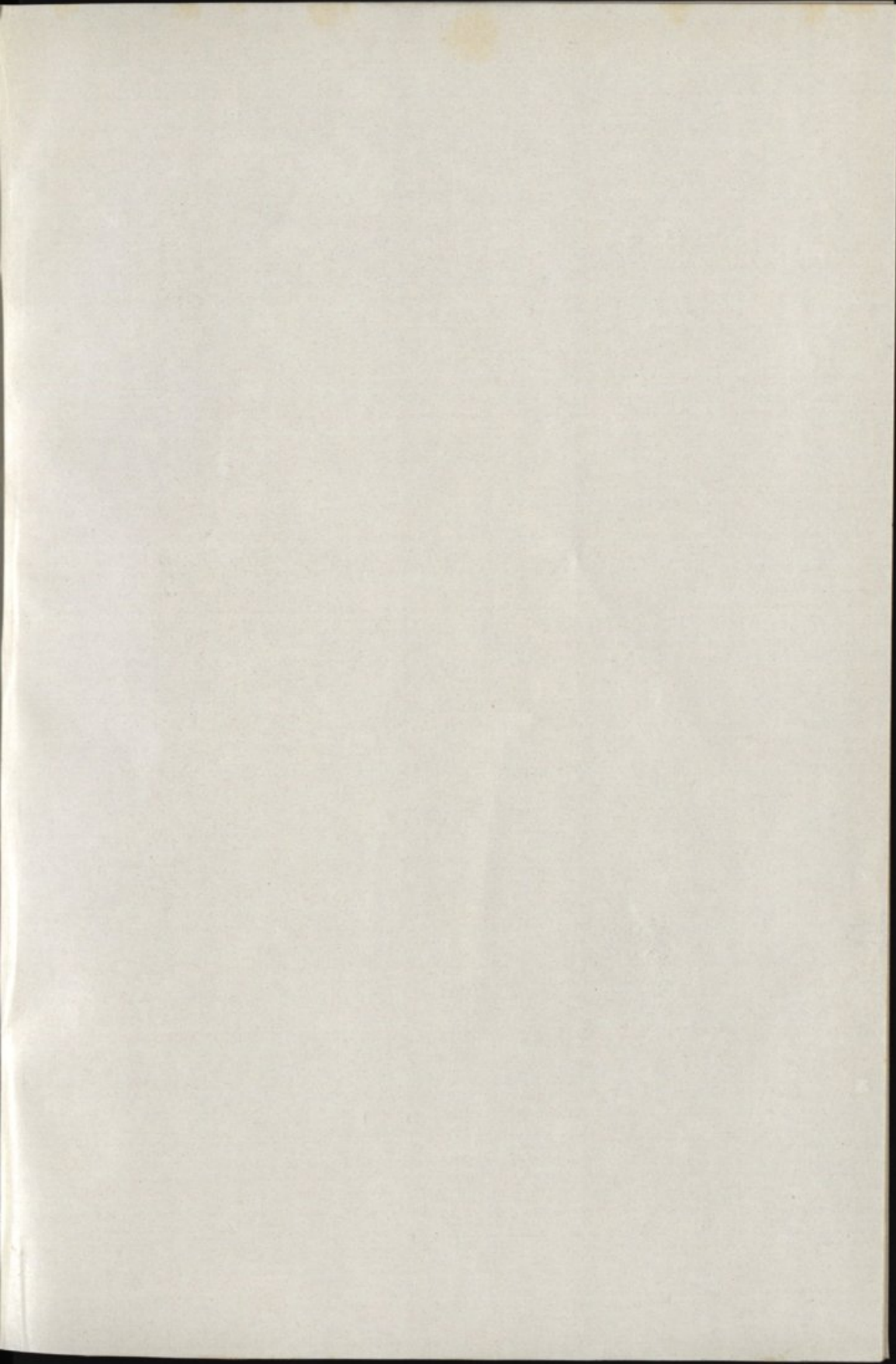
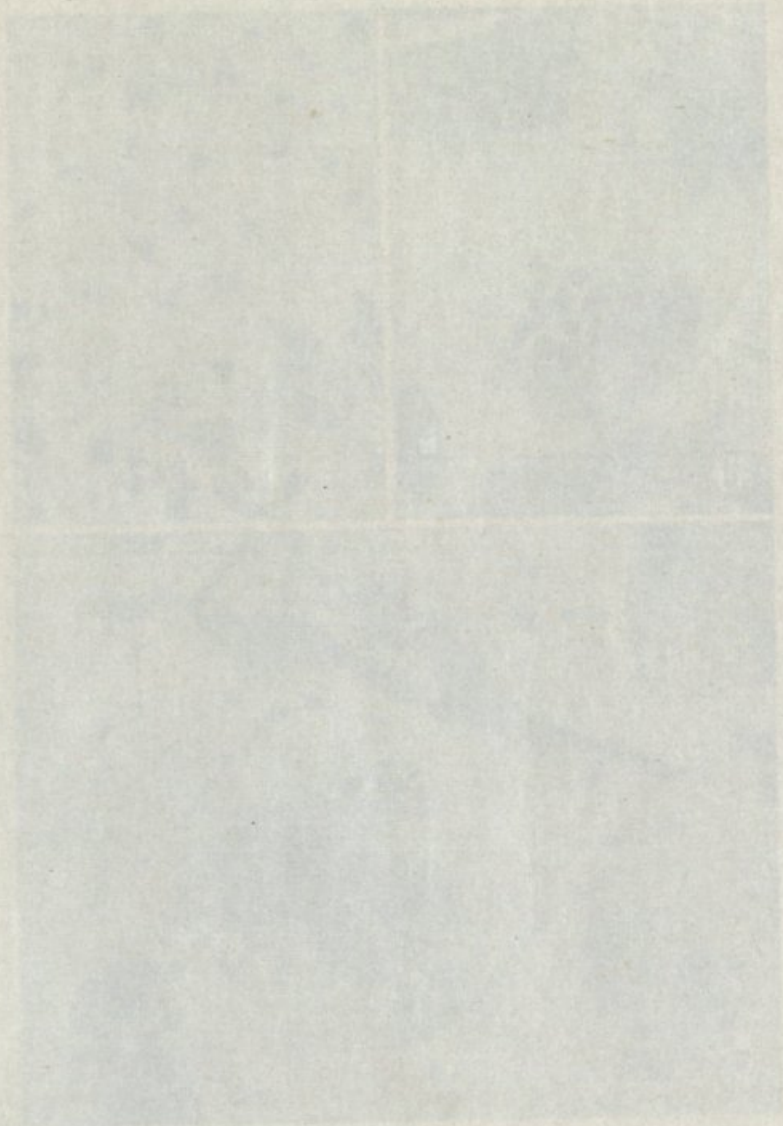


Fig. a e b—Placas equatoriais em células do meristema radicular de *Lilaeopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Fern. ($2n = 22$). Fig. c e d—Idem de *Solanum Ottonis* Hylander ($2n = 24$).

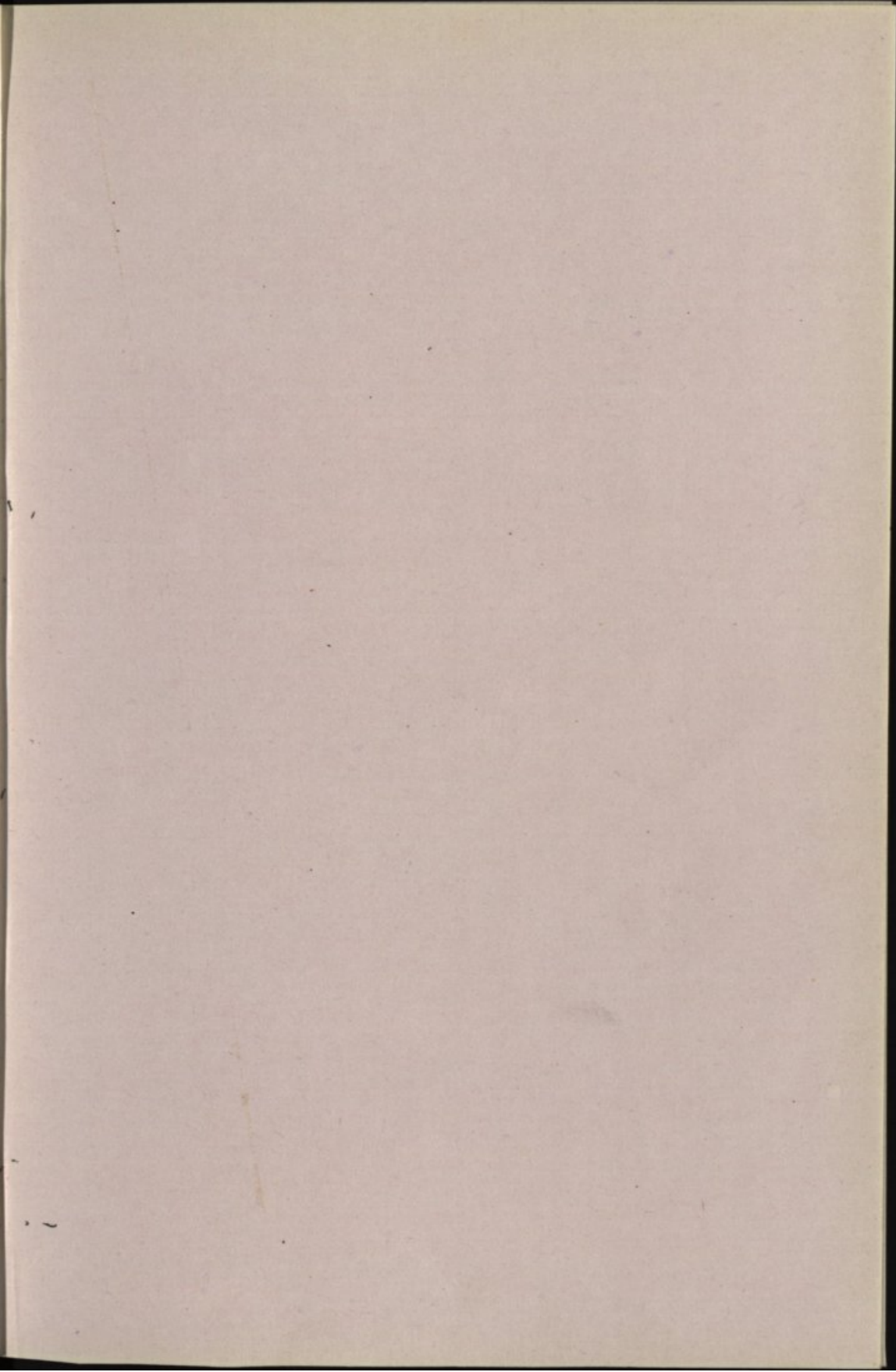


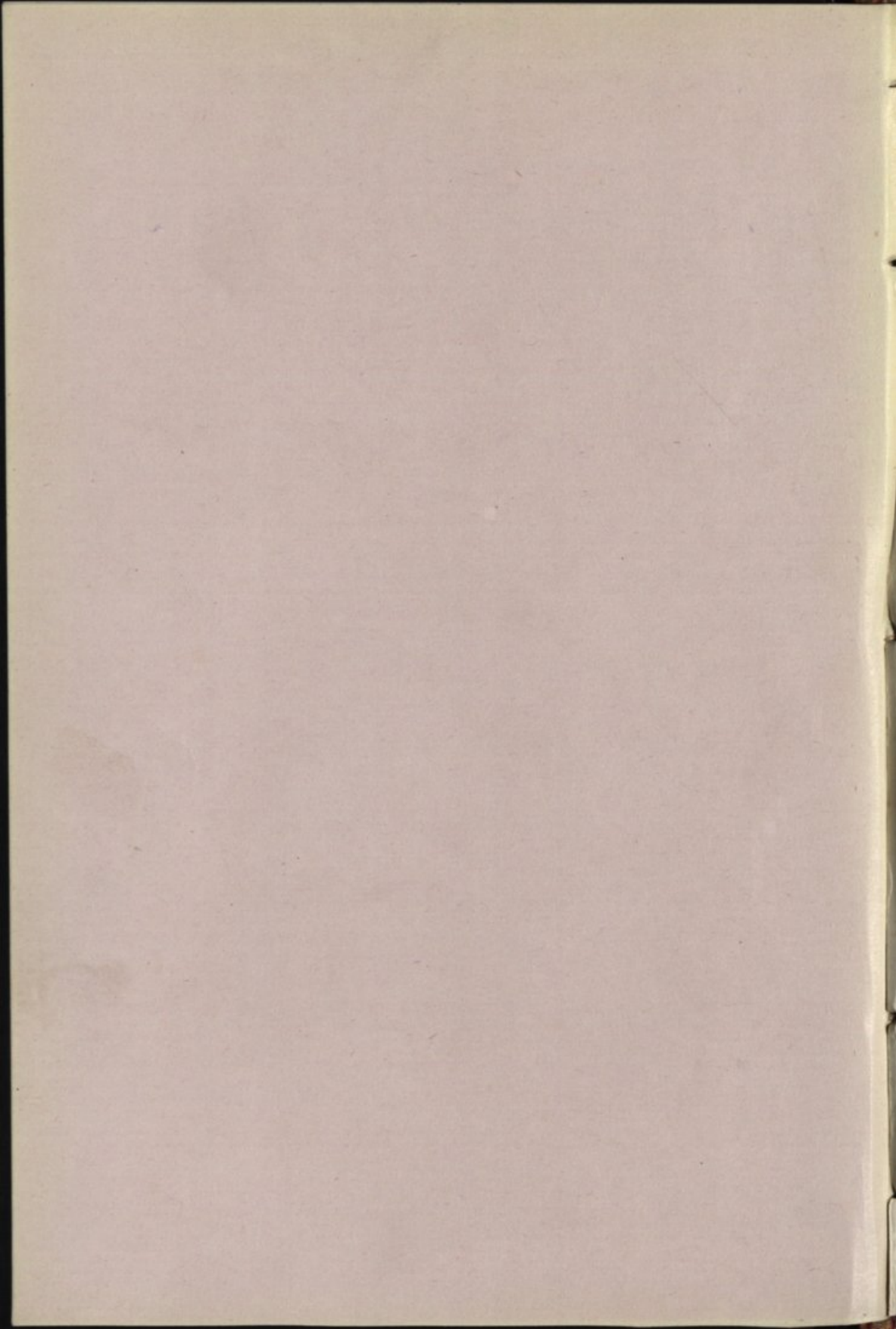
Solanum Ottonis Hylander. Fig. a — Grupo de células-mães de grãos de pólen na metafase da divisão heterotípica, onde se não nota qualquer irregularidade. Fig. b — Metafase I, mostrando 12 bivalentes. Fig. c — Metafase II, mostrando 12 cromosomas.





... ..
... ..
... ..





ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVII

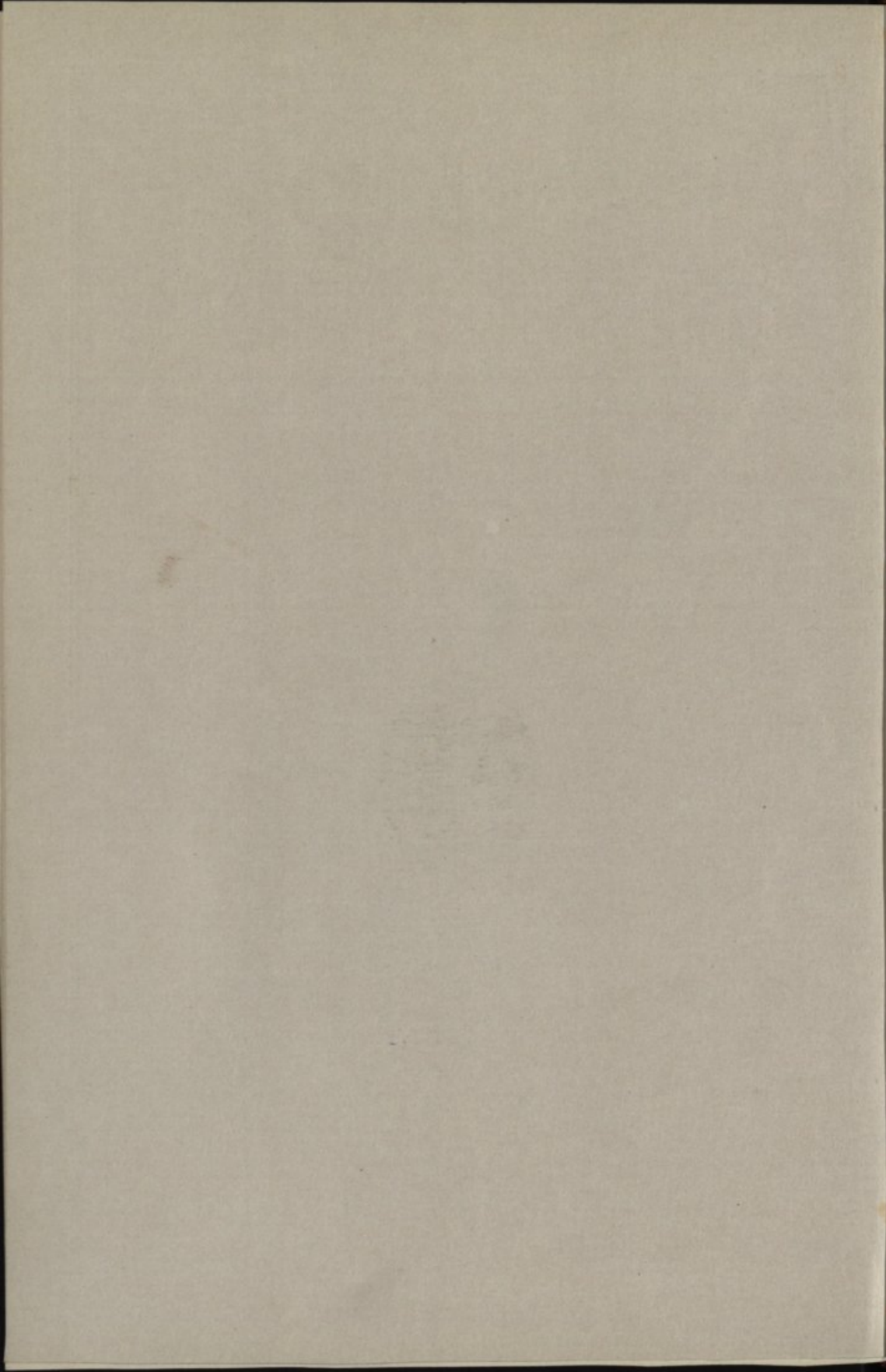
REDACTOR

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA
1961



ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVII

REVISOR

PROF. DR. ABILIO FERREDES

Licenciado em Ciências Biológicas, Universidade de Coimbra

ANUÁRIO DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVII

1961



COIMBRA

1961

ANUÁRIO DA
SOCIEDADE BOTÂNICA
ANO XXVII
1961



ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVII

REDACTOR

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA
1961

ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVII

REDACTOR

PROF. DR. ABILIO FERNANDES

Director do Instituto Histórico da Universidade de Coimbra



COIMBRA

Composição e impressão das Oficinas
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaca

SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 30 de Janeiro de 1961

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José Ernesto de Mesquita Rodrigues

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1960. Esse relatório é do teor seguinte:

«Durante o ano de 1960, a Direcção procurou desempenhar o melhor possível as funções que os estatutos lhe atribuem. Deste modo, dedicou uma grande parte da sua atenção às revistas da Sociedade. Infelizmente, como no ano transacto, a falta de verba impossibilitou-a de publicar o volume das *Memórias*. Espera-se que a situação financeira melhore e que seja possível à Direcção publicar o volume XIV no decurso de 1961. Foi, porém, dado à estampa o volume XXXIV do *Boletim*, que insere trabalhos não só dos investigadores do Instituto Botânico de Coimbra, mas também dos de outras instituições portuguesas e estrangeiras. Aproveito o ensejo para deixar aqui consignados os meus melhores agradecimentos a todos quantos se dignaram conceder-nos a sua colaboração. Publicou-se ainda o n.º XXVI do *Anuário*, que contém uma notícia sobre a vida e a obra do saudoso sócio honorário, Prof. Dr. JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS, que tanto auxiliou a Direcção na efectivação das festas comemorativas do bicentenário de BROTERO, e um artigo



da Ex.^{ma} Sr.^a D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES sobre a flora portuguesa.

Em Setembro, realizou-se em Lisboa (16-22) e em Coimbra (22-23) a IV Reunião Plenária da « Association pour l'Étude Taxonomique de la Flore d'Afrique Tropicale », agremiação de que o Presidente da Sociedade foi Secretário-geral durante os anos de 1957-1960. Em Coimbra, depois das sessões de trabalho, os participantes percorreram o Jardim Botânico e o Instituto, reunindo-se, após a visita, na sala da Sociedade Broteriana, onde os membros estrangeiros ofereceram um vinho de honra aos portugueses. Nesta reunião trocaram-se diversos brindes, em alguns dos quais foi evocada a acção do fundador da Sociedade, Prof. Dr. JÚLIO HENRIQUES, como pioneiro do estudo da flora de África. No final da sessão, foram descerrados os retratos de JÚLIO HENRIQUES e LUÍS CARRISSO.

Vários membros da Sociedade Broteriana tomaram parte no XXV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Sevilha, de 22 a 26 de Novembro. As comunicações que ali apresentaram foram as seguintes:

J. V. MALATO BELIZ — O método das coincidências em fitosociologia.

— Interesse agro-florestal da cartografia da vegetação.

MARIA E. PEREIRA DIAS — Breves apontamentos sobre a vegetação espontânea das Lamas de Miro (Serra de Barroso).

MANUEL DE ASSUNÇÃO DINIZ — As abelhas ibéricas do género *Anthophora*.

A. FERNANDES — Novos dados sobre a cariologia de *Narcissus bulbocodium* L.

ROSETTE BATARDA FERNANDES — Nota preliminar sobre as *Cucurbitaceae* de Moçambique.

— Sobre o aparecimento de duas espécies americanas na flora de Portugal.

ROSETTE BATARDA FERNANDES & A. FERNANDES — Nota sobre as *Cucurbitaceae* de Angola.

MARIA MANUELA GAMA — Nova contribuição para o estudo dos Colêmbolos da Ilha da Madeira.

S. RIVAS GODAY — El complejo climático en la Cartografía de la Vegetación.

P. GONZÁLEZ GUERRERO — El panorama físico en el Guadarrama.

— El abono gaditano «Ficoguanoides» y su empleo en práticamente.

— El abono gaditano «Ficoguanoides» y su influjo en práticamente.

F. A. MENDONÇA — Índice fitocorológico da flora de Angola.

MANUEL PÓVOA DOS REIS — Sobre a identificação de *Chamtransia violacea* Kütz.

JOSÉ ERNESTO DE MESQUITA RODRIGUES — Contribuição para o conhecimento das Algas de água doce de Portugal.

O movimento da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido durante o ano por troca e oferta 2549 volumes e folhetos.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. MARIA MANUELA GAMA continuou as suas herborizações na Ilha da Madeira e o pessoal do Instituto Botânico efectuou colheitas em várias regiões do País. Infelizmente, como há cerca de 19 meses que o Instituto Botânico se encontra sem naturalista, uma parte desse material não pôde ainda ser estudado. A outra parte foi identificada pela Ex.^{ma} Sr.^a D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES que tem neste período desempenhado graciosamente as funções de naturalista. A Direcção agradece-lhe penhoradamente o auxílio que se tem dignado conceder-lhe ».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório da Direcção, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Dr. ABÍLIO FERNANDES referiu-se ao estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1960, existia em caixa um saldo de 18 161\$40.

Prosseguindo, o Presidente da Direcção disse que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção fique autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e expedição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Prof. Dr. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e Rev. Cónego MANUEL PÓVOA DOS REIS.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Reunião de 30 de Janeiro de 1961

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José Ernesto de Mesquita Rodrigues

Aberta a sessão, o Presidente da Assembleia concedeu a palavra ao Dr. ABÍLIO FERNANDES, que se exprimiu nos seguintes termos:

« Desde 1956, data da realização em Coimbra do XXIII Congresso Luso-Espanhol, que as Direcções das Associações Espanhola e Portuguesa para o Progresso das Ciências pensaram introduzir alterações na orgânica dos Congressos que promovem. Considerando que o sistema das comunicações livres acarreta uma dispersão extraordinária e que os assuntos nelas versados são em regra muito restritos, interessando um número muito limitado de congressistas, foi resolvido, ao preparar-se o Congresso de Madrid, ensaiar-se o sistema de colóquios, mantendo-se, porém, as comunicações livres. Como a realização dos referidos colóquios tivesse sido considerada um êxito, decidiu-se que o Congresso de Sevilha fosse organizado em moldes idênticos. Nas reuniões que tiveram lugar durante este último Congresso, as Direcções das duas Associações, no desejo de restringir ainda mais os assuntos a discutir, resolveram que, no próximo Congresso, que terá lugar no Porto no decurso de 1962, não só houvesse colóquios, mas também temas para as secções. As comunicações livres serão, porém, ainda mantidas. Nestas condições, a Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências resolveu pedir às Sociedades federadas que indicassem temas para os colóquios e para as secções. Teremos, portanto, que transmitir as nossas sugestões ».

Depois de usarem da palavra diversos membros, foi resolvido escolher assuntos de certa latitude, de modo a poder interessar um número elevado de biólogos. Os temas escolhidos,

respectivamente para o colóquio e para a secção, foram os seguintes:

- a) A célula: aspectos microscópicos e submicroscópicos.
- b) A flora e a fauna peninsulares.

Depois de o Presidente da Direcção exortar os membros a prestarem a sua colaboração ao próximo Congresso, foi encerrada a sessão.

DIRECÇÃO

Reunião de 30 de Janeiro de 1961

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Manter as comissões de redacção do Boletim e das Memórias.
- b) Que, em virtude de o Instituto Botânico se encontrar ainda privado de naturalista, a redacção do Anuário fique a cargo do Presidente da Sociedade, que actuará também como Secretário-tesoureiro até ser nomeado outro naturalista.
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização, particularmente no domínio das Criptogâmicas.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

NOVOS SÓCIOS

J. P. M. BRENNAN, Royal Botanic Gardens, Kew, Richmond, Surrey, Inglaterra.

EDUARDO SAMPAIO FRANCO, Engenheiro Silvicultor, Laboratório Nacional de Engenharia Civil (Secção de Madeiras), Lisboa.

EDUARDO JOSÉ MENDES, Licenciado em Ciências Biológicas e Investigador do Centro de Botânica da Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa.

NELMA CELESTE CARDOSO DA FONSECA, aluna de Ciências Biológicas, Coimbra.

ANTÓNIO MENDES MACARA, Engenheiro Silvicultor, Lisboa.

MARIA EMÍLIA DE FRIAS DE OLIVEIRA MARTINS, aluna de Ciências Biológicas, Coimbra.

MARIA ELISA ABRANCHES DE MIRANDA PIMENTEL, aluna de Ciências Biológicas, Coimbra.

ANTÓNIO DE FARIA E SILVA, Engenheiro Agrónomo, Escola de Regentes Agrícolas, Coimbra.

JURINEA CASS.,
GÉNERO NOVO PARA A FLORA DE PORTUGAL

por

ROSETTE FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

APESAR de bastante visitada pelos botânicos, a Serra da Estrela parece não lhes ter ainda desvendado completamente a totalidade da sua flora. Assim, de vez em quando, surgem ali surpresas. É o caso de uma planta recentemente descoberta naquelas montanhas numa exploração levada a efeito pelo Prof. ABÍLIO FERNANDES, a uma zona que até então não tinha sido objecto das pesquisas do pessoal do Instituto Botânico de Coimbra. Trata-se de *Jurinea humilis* (Desf.) DC., espécie espontânea, mencionada agora pela primeira vez para o nosso país e pertencente a um género que também só agora é referido para Portugal.

Espécime: Serra da Estrela, na descida para o vale da ribeira de Beijames, nos interstícios das rochas xistosas, 18-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6758 (COI—Est. I).

O género *Jurinea*, da família das Compostas, distingue-se de *Serratula*, com o qual está estreitamente relacionado, pelos seguintes caracteres: pêlos do papilho dos aquénios unidos em anel na base e não livres, aquénios escamulosos, tetrágonos e não lisos e cilíndrico-comprimidos.

Jurinea humilis (Desf.) DC. encontra-se nas montanhas da Sicília, da parte meridional da França, da Espanha (Galiza, cordilheira cantábrica, regiões central, austral, etc.) e do norte de África.

A sinonímia desta espécie é a seguinte:

Jurinea humilis (Desf.) DC., Prodr.

VI: 677 (1837)

Carduus mollis Gouan, Ill. Bot.: 63 (1773) non L.*Serratula mollis* Cav., Ic. I: 62, t. 90, fig. 1 (1791).*Serratula humilis* Desf., Fl. Atl. II: 244, t. 220 (1800).*Jurinea Bocconii* Guss., Fl. Sic. Syn. II: 448 (1844).*Jurinea humilis* (Desf.) DC. var. *Bocconii* DC., loc. cit.*Jurinea humilis* (Desf.) DC. var. *scaposa* Lar. et Lev., Deux
Excurs. Bot. Nord Esp. Portugal: 24 (1880).*Jurinea pyrenaica* Gren. et Godr., Fl. Fr. II: 270 (1852).*Jurinea humilis* (Desf.) DC. forme (?) *pyrenaica* (Gren.
et Godr.) Rouy, Fl. Fr. IX: 102 (1905).*Jurinea Gouanii* Rouy, loc. cit.: 101.

Segundo BOISSIER (Voy. Midi Esp., II: 369, 1839-1845), *Jurinea Bocconii* Guss. deve ser incluída em *J. humilis* (Desf.) DC. Da mesma opinião é WILLKOMM (Prodr. Fl. Hisp. II: 175, 1870), o qual, além desse taxon, introduz também *J. pyrenaica* Gren. et Godr. na sinonímia de *J. humilis*, por ter verificado que não mostravam fixidez os caracteres pelos quais GUSSONE e GRENIER et GODRON tinham pretendido definir as espécies que respectivamente descreveram.

ROUY, porém, admite a autonomia específica de *J. Bocconii*, seguindo, assim, o critério de NYMAN (Consp. Fl. Eur. II: 416, 1878-1882) e de POJERO (Fl. Sic. II: 124, t. 21, 1902). FIORI (in Fl. Anal. Ital. III: 318, 1903-1904) cita esse taxon como variedade de *J. humilis*, de acordo com o que DE CANDOLLE já fizera.

No que se refere a *J. pyrenaica*, ROUY é o único autor a isolá-la numa « forme » (var.?), ao passo que todos os restantes botânicos cujos trabalhos consultámos aceitaram a opinião de WILLKOMM.

O estudo das descrições, a análise das figuras e a observação dos exemplares dos herbários geral de Coimbra, de WILLKOMM e de Madrid ⁽¹⁾ mostraram-nos que *J. humilis*, des-

(1) Agradecemos penhoradamente à Ex.^{ma} Sr.^a D. ELENA PAUNERO a amabilidade com que se dignou facultar-nos o material existente no herbário do Instituto Botânico de Madrid.

crita sobre plantas da Argélia, é tipicamente unicaule e monocéfala, possuindo folhas penatipartidas, de segmentos mais ou menos estreitos. Indivíduos com estas características (var. *sca-posa* Lar. et Lev.) encontram-se também em Espanha, onde, no entanto, são mais comuns as formas de capítulo sésbil ou muito curtamente pedunculado, nas quais, geralmente, em paralelo com a redução do comprimento do pedúnculo, se verifica um menor comprimento das folhas. Além disso, os lobos foliares são muito mais aproximados nos indivíduos de capítulo sésbil do que nos espécimes de capítulos pedunculados. *J. pyrenaica*, acaule, com capítulos pequenos e folhas menores e de lobos mais estreitos que o tipo de *J. humilis*, deve corresponder a uma forma das grandes altitudes, muito reduzida, por isso, nas suas dimensões.

Quanto a *J. Bocconii*, espécie da Sicília, é sob reserva que nos pronunciamos, em virtude do pequeno número de exemplares autênticos desse taxon que nos foi possível examinar.

Confrontando as descrições, notámos que, fundamentalmente, *J. Bocconii* se distingue de *J. humilis* pelas folhas, cujos segmentos são obtusos, mais curtos e proporcionalmente mais largos do que no último taxon. Por outro lado, segundo POJERO, em *J. Bocconii* o capítulo é sempre sésbil, ao passo que em *J. humilis* pode ser sésbil ou pedunculado. Examinando as figuras dos dois taxa, verifica-se que elas correspondem exactamente às respectivas descrições. BOISSIER (*loc. cit.*: 370) faz, porém, notar que «La figure de DESFONTAINES représente les lobes des feuilles plus allongés qu'on ne les trouve d'ordinaire». Ora, a figura de *Serratula mollis* Cav., que representa uma planta espanhola, mostra que esta, quer no que respeita aos caracteres das folhas, quer ao comprimento do pedúnculo, é intermediária entre o tipo de *Serratula humilis* Desf., do Norte de África, e o tipo de *J. Bocconii*, da Sicília. Com efeito, as folhas de *Serratula mollis* têm lobos mais curtos e mais obtusos do que as que são representadas na figura de *Serratula humilis* e o capítulo possui pedúnculo, mas menor do que neste último taxon. Sendo, de acordo com POJERO, os capítulos de *J. Bocconii* sempre sésseis, a planta figurada por CAVANILLES, embora pelas folhas se aproxime muitíssimo de *J. Bocconii*, tem forçosamente de incluir-se em *J. humilis* devido à existência de pedún-

culo. Mas serão os caracteres de *J. Bocconii* tão constantes como POJERO pretende? Verificámos que bastantes plantas espanholas identificadas como *J. humilis* são muito variáveis no que se refere à largura dos lobos foliares, encontrando-se, por vezes na mesma colheita (Escorial, leg. *J. D. Rodriguez*; Escorial, leg. *Lange*; etc.), indivíduos com lobos de folhas estreitos e outros com eles largos. Além disso, entre as plantas colhidas em Toledo (leg. *C. Vicioso et Beltran*), as quais, pela largura e forma dos lobos das folhas, poderiam ser incluídas na *J. Bocconii* típica, existe um indivíduo com capítulo pedunculado.

Concluimos, pois, que em *J. humilis* as folhas podem ter lobos mais ou menos largos, mais ou menos aproximados, e agudos ou mais ou menos obtusos; que os capítulos, maiores ou menores, podem ser sésseis ou mais ou menos pedunculados; que a planta pode ser acaule ou possuir um caule com algumas folhas.

Notar-se-ão todas estas variações também nas plantas da Sicília ou ter-se-à isolado aí a forma acaule, com folhas de lobos largos e obtusos?

Jurinea Bocconii Guss. é mencionada como *Serratula Bocconii* Guss. no Index Seminum Horti Bocconii, de 1825. Não pudemos consultar essa obra, sendo-nos, portanto, impossível saber se se trata de um *nomen nudum*. Se realmente *Serratula Bocconii* não foi descrita, teria sido DE CANDOLLE o primeiro a publicá-la como var. *Bocconii* de *Jurinea humilis*. Mais tarde, GUSSONE publicou a descrição da planta como *J. Bocconii*. Nestas condições, se a nossa suposição é exacta, os autores que devem figurar nesta nova combinação são (Guss. ex DC.) Guss.

DE CANDOLLE e também FIORI consideram *Serratula subacaulis* Poir. sinónimo de *J. humilis* (Desf.) DC. É possível que, em parte, assim seja. Mas é mais provável que aqueles autores tenham sido levados a essa conclusão pelo facto de POIRET (Encycl. VI: 550, 1804) ter indicado, como sinónimo da sua espécie, *Carduus mollis* Gouan que é, na verdade, sinónimo de *J. humilis*.

Em virtude, porém, de POIRET descrever as flores de *Serratula subacaulis* como amarelas (em *J. humilis* são rosadas), os

pêlos do papilho « non plumeux » (em *J. humilis* os pêlos do papilho são denticulados) e de indicar como habitat da planta, além da França, também a Áustria (onde se não encontra *J. humilis*), somos levados a excluir *Serratula subacaulis* Poir. da sinonímia de *Jurinea humilis* (Desf.) DC.



HERBARIUM INSTITUTI BOTANICI UNIVERSITATIS CATHOLICAE

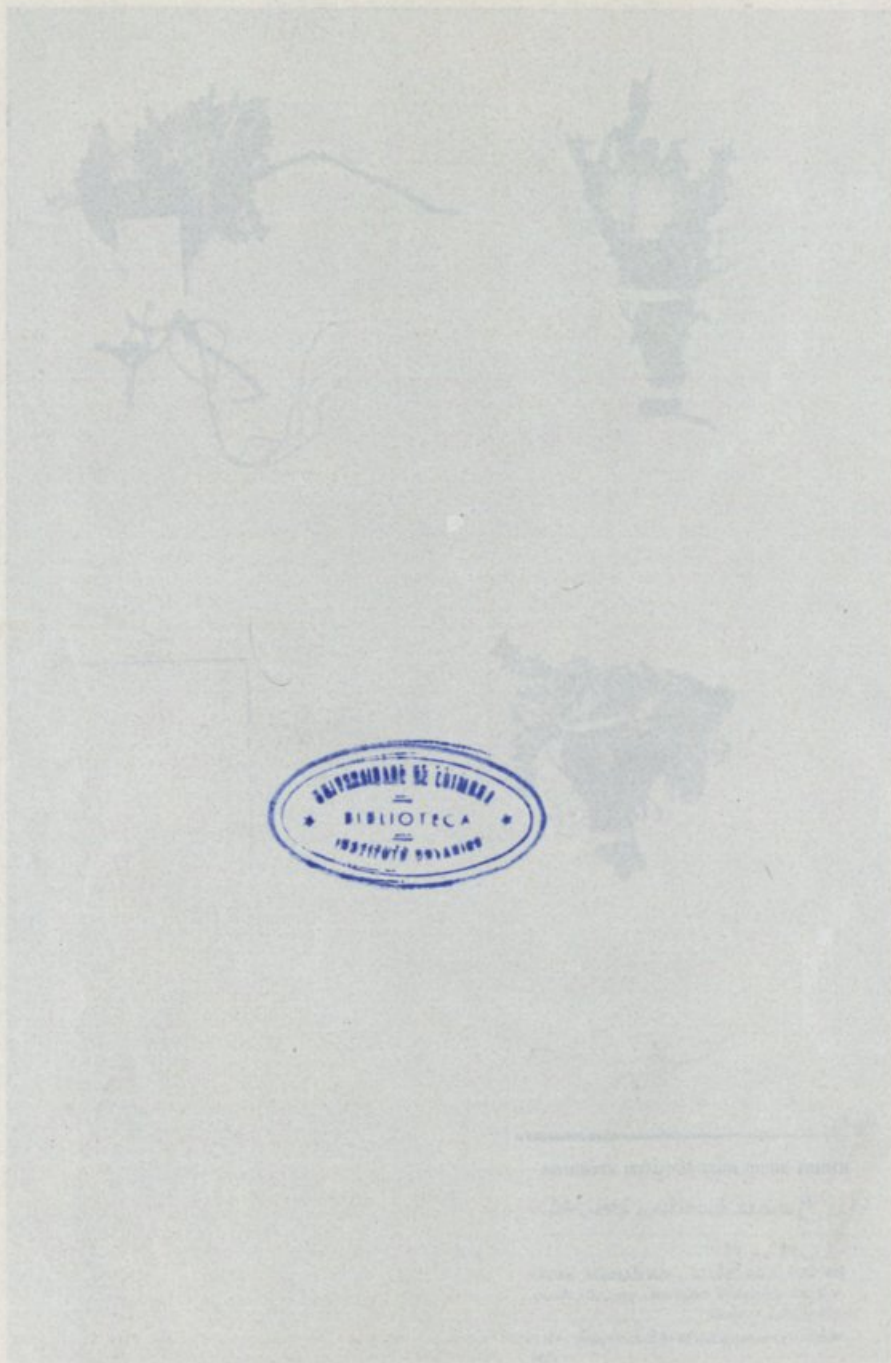
6758 *Jurinea humilis* (Desf.) DC.

Doña Terra da Estrela, ora desolada para o
 sul da cidade de Beja, nos contrafortes
 do rio Guadiana.

Dr. A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento, 49-VI-
 1954

Jurinea humilis (Desf.) DC.

Espécime A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6758



Explicación A. Fernández, J. Matos et A. Zorainis 6758
Juncea humilis (Desf.) DC.

SUBSÍDIOS PARA O CONHECIMENTO DA FLORA PORTUGUESA — I

por

JORGE AMÉRICO RODRIGUES DE PAIVA

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

NO herbário do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra encontrava-se o material coligido durante as últimas herborizações efectuadas pelo seu pessoal em 1960. Por outro lado tivemos também o ensejo de, no decurso do presente ano, colher bastantes espécimes numa excursão pelo norte do País.

Tendo sido encarregado pelo Director do referido Instituto, Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, de identificar esse material, depararam-se-nos alguns exemplares que correspondiam quer a espécies novas para Portugal, quer a regiões ou localidades novas. Resolvemos, por isso, publicar os elementos que reunimos. Consideramos esta nota a primeira de uma série de contribuições para o melhor conhecimento da flora portuguesa, visto esperarmos poder continuar estes estudos.

Ao Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES e à Ex.^{ma} Sr.^a D. ROSETTE BATARDA FERNANDES agradecemos todo o apoio e ajuda que amavelmente nos concederam durante a elaboração deste trabalho.

***Eleocharis flavescens* (Poir.) Urban**

Esta Ciperácea, muito rara no nosso país, tinha sido colhida até esta data somente na Apostiça, próximo da Lagoa da Albufeira (cf. B. RAINHA in Agron. Lusit. 18: 85, 1956). Foi agora encontrada na Lagoa de Mira.

Espécime: Praia de Mira, nas areias das margens da Lagoa, 14-VII-1961, J. Matos 7930 (COI).

Distribuição: Beira Litoral e Estremadura.

Carex asturica Boiss.

Esta espécie, que só estava assinalada para as serras do Marão e Gerês, foi colhida nos contrafortes da Serra da Peneda.

Espécime: Bouça, pr. do Batateiro, entre Lamas de Mouro e Tangil, nos lameiros, 25-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8134 (COI).

Distribuição: Minho e Trás-os-Montes e Alto Douro.

Paspalum dilatatum Poir.

Herborizou-se pela segunda vez esta espécie no Minho, mas mais a norte de S. Bartolomeu do Mar (cf. R. FERNANDES in Bol. Soc. Brot. sér. 2, 31: 185, 1957).

Espécime: Lugar do Paraíso, pr. de Vila da Praia de Âncora, num lameiro, 23-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8000 (COI).

Distribuição: Minho, Douro Litoral, Beira Litoral e Algarve.

Paspalum Urvillei Steud.

PIRES DE LIMA, na «Adenda» da *Flora portuguesa* (1947) de SAMPAIO, assinala *P. Urvillei* Steud. como espécie cultivada e subespontânea no nosso país, não indicando, no entanto, qualquer localidade. Como a planta tem sido herborizada em vários locais, achamos conveniente citá-los aqui. Um dos exemplares que mencionamos (*A. Santos* s. n.), determinado por R. FERNANDES, já tinha sido colhido em 1957.

Em virtude de *P. Urvillei* Steud. e *P. dilatatum* Poir. se assemelharem bastante, tendo havido até autores que consideraram a primeira espécie como um variedade da segunda (*P. dilatatum* Poir. var. *parviflorum* Doell. in MART., Fl. Bras. 2: 64, 1877), resolvemos apresentar no seguinte quadro alguns dos mais importantes caracteres diferenciais entre os dois taxa:

<i>P. Urvillei</i> Steud.	<i>P. dilatatum</i> Poir.
Planta robusta até 2 m de altura, áspera.	Planta menos robusta de 0,8-1,5 m de altura, não áspera.
Bainha das folhas inferiores hirsuta.	Bainha das folhas glabra ou levemente pubescente.
Panicula com 8-30 espigas.	Panicula com 3-7 espigas.
Espiguetas de 2-2,5 mm de comprimento.	Espiguetas maiores, de 3-3,5 mm de comprimento.
Glumas com longos pêlos marginais densos.	Glumas com longos pêlos marginais menos densos.

Ambas as espécies são originárias da América do Sul, particularmente da Argentina, Brasil e Uruguai. Tem sido introduzidas nalguns países por serem consideradas como bons pastos, sendo, no entanto, *P. Urvillei* Steud. mais áspero e menos tenro que *P. dilatatum* Poir.

Espécimes: Na margem de uma vala, na estrada Cantanhede-Mira, a 100 m do desvio para Febres, 23-X-1956, A. Santos s. n. (COI); Póvoa de Baixo, entre Estarreja e Murtosa, nos campos de cultura em pousio e ao longo das valas, 22-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 7935 (COI); entre Cantanhede e Mira, a 3 km de Cantanhede, próximo do desvio para Varziela, ao longo duma linha de água, 3-XII-1961, J. Paiva & A. Santos 8302 (COI).

Distribuição: Subespontânea na Beira Litoral.

***Setaria geniculata* (Lam.) P. Beauv.**

Ess. Agrost.: 51, 169, 178 (1812)

Panicum geniculatum Lam., Encycl. Méth. Bot. 4: 727 (err. typ. 737) (1798).

Panicum imberbe Poir. in Lam., Encycl. Méth. Bot. Suppl. 4: 272 (1816).

Setaria gracilis H. B. & K., Nov. Gen. Sp. 1: 109 (1816).

Setaria imberbis (Poir.) Roem. & Schult., Syst. Veg. 2: 891 (1817).

Pennisetum geniculatum Jacq., Eclog. Gram.: t. 26 (1820).

Panicum flavum Nees, Agrost. Bras.: 238 (1829).

Panicum berteronianum Steud., Syn. Pl. Glum. 1: 50 (1854).

Chaetochloa imberbis (Poir.) Scribn., U. S. Dept. Agr. Div. Agrost. Bull. 4: 39 (1897).

Chaetochloa versicolor Bicknell in Bull. Torr. Bot. Club, 25: 105 (1898).

Chaetochloa gracilis (H. B. & K.) Scribn. & Murr. in U. S. Dept. Agr. Div. Agrost. Bull. 21: 15, fig. 4 (1900).

Chaetochloa geniculata (Lam.) Millsp. & Chase in Field Mus. Bot. 3: 37 (1903).

Por se tratar de uma espécie nova para a flora de Portugal, achamos conveniente apresentar aqui a descrição:

Planta vivaz de rizoma curto, nodoso, densamente ramificado. Colmos de 40-80 (150) cm lisos, erectos mas geniculados no terço inferior, mais ou menos ramosos com os ramos longamente nus no cimo. Folhas com a bainha estriada, glabra e usualmente mais comprida que os entrenós; lígula substituída por uma orla de pêlos curtos e densos; limbo alongado até 25 cm de comprimento, estreito, de 5-8 mm de largura, plano, não enrolado, glabro ou levemente piloso junto à base. Panícula espiciforme, cilíndrica, 2-10 mm de comprimento, 4-8 mm de largura e com eixo pubescente. Sedas da base das espiguetas amarelo-arruivadas, antrorso-aculeoladas, 5-8 mm longas, aproximadamente com o dobro das espiguetas. Espiguetas ovado-elípticas, 2-2,5 ou raramente 3 mm de comprimento; gluma inferior membranosa, convexa, com sensivelmente metade do comprimento da espiguetas, ovada, aguda, trinérvea; gluma superior membranosa, convexa, igualando $\frac{2}{3}$ do tamanho da espiguetas, ovada, aguda ou apiculada, 5-nérvea; glumela inferior da flor estéril, membranosa, plano-convexa, do tamanho da espiguetas, 5-nérvea, e a superior membranoso-hialina, plana, aproximadamente do tamanho da espiguetas, elíptica, com duas nervuras marginais; glumela inferior da flor fértil, coriácea, convexa, ovada, aguda, transversalmente rugosa, finamente pontuada na

extremidade, do tamanho da espiguetta, arroxeadas no terço superior e enérveas; glumela superior da flor fértil, coriácea, elíptica, plana, pontuada e enérvea. Cariopse sensivelmente $1,5 \times 1$ mm, elíptica, quase lisa. $2n = 72$ (KISHIMOTO). Est. I e II, fig. B.

Espécimes: Branca, Curval, entre Oliveira de Azeméis e Águeda, nas bermas da estrada, 28-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8270 (COI); Branca, Curval, entre Albergaria-a-Velha e Oliveira de Azeméis, espalhada pelos incultos e ao longo de uma linha de água, 30-X-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Sarmento 8298 (COI); próximo de Couto de Cucujães, entre Oliveira de Azeméis e Ovar, nos incultos, 30-X-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Sarmento 8299 (COI); entre Couto de Cucujães e Ovar, nos incultos, 30-X-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Sarmento 8300 (COI).

Esta espécie é nativa das regiões tropicais e subtropicais do continente americano, mas encontra-se naturalizada em diversos locais da África, Ásia, Austrália e Europa. No entanto, no que respeita à Europa só encontramos referências para a França (J. VISANT in Bull. Soc. Bot. Fr. 107: 29, 1960) e para as Ilhas Britânicas (C. E. HUBBARD, Grasses: 341, 1959).

No nosso país já se encontra bastante difundida pelo norte da Beira Litoral. Supomos que a introdução desta Gramínea em Portugal não deve ser muito recente e que é provável que se encontre espalhada por outras regiões. *S. geniculata* (Lam.) P. Beauv. assemelha-se muito a *S. glauca* (L.) P. Beauv. e a *S. pallide-fusca* (Schrum.) Stapf & C. E. Hubb. Como *S. glauca* (L.) P. Beauv. é frequente por todo o país, pensamos que os nossos colectores poderão ter encontrado já *S. geniculata* (Lam.) P. Beauv. sem, no entanto, a terem colhido por pensarem tratar-se daquela espécie.

O quadro seguinte indica os caracteres diferenciais entre as duas espécies, alguns dos quais são também postos em evidência nas figuras da Est. II.

<i>S. geniculata</i> (Lam.) P. Beauv.	<i>S. glauca</i> (L.) P. Beauv.
Planta vivaz, com rizoma curto e nodoso.	Planta anual.
Limbo da folha estreito (5-8 mm), não enrolado.	Limbo da folha mais largo (ca. 1 cm), geralmente espiralado-enrolado.
Paniculas estreitas de 4-8 mm.	Paniculas mais largas, atingindo 1 cm.
Espiguetas de 2-2,5 raramente 3 mm de comprimento.	Espiguetas mais compridas (3-3,5 mm) e mais largas.
Gluma inferior 3-nérvea.	Gluma inferior 5-nérvea.
Gluma superior 5-nérvea.	Gluma superior 5 ou usualmente 7-nérvea.
Glumela inferior da flor fértil levemente rugosa e arroxeadada no terço superior.	Glumela inferior da flor fértil fortemente rugosa e raramente arroxeadada na extremidade.
Cariopse de ca. 1,5 mm de comprimento.	Cariopse maior, com ca. de 2 mm de comprimento.

Sob o ponto de vista histológico não encontramos diferenças sensíveis entre as duas espécies.

Melica uniflora Retz.

Esta Gramínea, considerada rara no país, foi colhida no Douro Litoral, próximo de Arouca, o que alarga a esta província a sua área de distribuição.

Espécime: Arouca, encosta da Serra da Freita (maciço da Gralheira), entre Arouca e a Senhora da Guia, numa mata sombria de *Quercus*, 20-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8254 (COI).

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro (Bragança), Douro Litoral, Beira Alta e Beira Litoral.

Triglochin palustris L.

Esta espécie, muito rara em Portugal pois só estava assinalada para Caminha, foi herborizada muito mais a sul, entre as praias da Torreira e do Furadouro.

Espécime: Quintas do Norte, entre a Torreira e o Furadouro, terreno lodoso encharcado, 22-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7966 (COI).

Distribuição: Minho e Beira Litoral.

Narthecium ossifragum (L.) Huds.

Enquanto PEREIRA COUTINHO (1939) indica as «Serras do Alto Minho» como área de distribuição desta espécie, SAMPAIO (1947) indica as Serras de Castro Laboreiro, Gerês e Barroso. A espécie tem realmente uma distribuição mais vasta no Alto Minho, pois herborizou-se em diversos locais, sendo frequente nos ribeiros das altitudes das Serras da Peneda e Castro Laboreiro.

Espécimes: Lamas de Mouro, entre Melgaço e Castro Laboreiro, no leito e nas motas dum ribeiro, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8052 (COI); a 3 km da Senhora da Peneda, no leito e nas motas dum ribeiro, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8072 (COI); a 4 km da Senhora da Peneda, entre a Senhora da Peneda e Lamas de Mouro, incultos encharcados, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8081 (COI); Bouça, pr. do Batateiro, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, nos lameiros, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8133 (COI).

Paradisica lusitanica (P. Cout.) Samp.

Esta espécie existe também na Serra da Peneda, para onde não tinha sido ainda assinalada. Não é de estranhar que assim seja, visto ter sido já colhida na Serra de Castro Laboreiro.

Espécimes: a 3 km da Senhora da Peneda, num lameiro encharcado, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8071

(COI); Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, junto a um riacho, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8115 (COI).

Allium Victorialis L.

Herborizou-se pela segunda vez na Serra da Peneda (cf. R. BARRETO in Agron. Lusit. 19: 10, 1957), onde era bastante abundante num local elevado, húmido e sombrio, de uma mata de *Quercus*, ao longo de uma linha de água.

Espécime: Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, local húmido e sombrio, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8109 (COI).

Lilium Martagon L.

Tanto PEREIRA COUTINHO (1939) como SAMPAIO (1947) indicam como extremo norte da área de distribuição desta espécie no nosso país a Serra do Gerês. Foi colhida agora mais ao norte, na Serra da Peneda, num habitat semelhante ao do dos outros locais onde já fora herborizada.

Espécime: Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, numa mata de *Quercus*, em local húmido e sombrio, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8114 (COI).

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro e Beira Alta.

Amaranthus hybridus L.

Herborizámos esta espécie também no Douro Litoral.

Espécime: Porto Manso, pr. de Aregos, nos terrenos de cultura das margens do rio Douro, 28-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8239 (COI).

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Baixa, Ribatejo, Estremadura e Algarve.

Ranunculus Flammula L.

Na *Flora Portuguesa* (1947), SAMPAIO indica todo o país como área de distribuição desta espécie. Na verdade, foi agora herborizada no Algarve, mas não encontramos qualquer referência para o Ribatejo.

Espécime: encosta do Pico da Foia, 11-VI-1960, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos 7421 (COI).

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve.

Nigella gallica Jord.

Esta espécie que, segundo os dados existentes, estaria confinada a Trás-os-Montes e Alto Douro, foi também encontrada no Douro Litoral.

Espécime: Porto Manso, pr. de Aregos, margem do rio Douro, 28-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8231 (COI).

Distribuição: Douro Litoral e Trás-os-Montes e Alto Douro.

**Malcolmia lacera (L.) DC. forma
albiflora, nov. forma**

A typo petalis albis differt.

Habitat in locis arenosis maritimis in Praia da Quarteira, 12-VI-1960, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos 7472 (COI, holotypus).

Rorippa sylvestris (L.) Bess.

SAMPAIO, na sua *Flora* (1947), dá para esta espécie a área de distribuição do Minho ao Algarve, enquanto que P. COUTINHO indica a Beira e a Estremadura. Na área de distribuição deve incluir-se também Trás-os-Montes e Alto Douro, onde foi recentemente herborizada.

Espécime: pr. de Pinhão, entre Pinhão e Lamego, por entre as gramíneas do leito do rio Douro, 27-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8205 (COI).

Amelanchier ovalis Medik.

No Minho, esta espécie aparece não só na Serra do Gerês, mas também na da Peneda.

Espécime: Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, nas fendas das rochas e numa mata de *Quercus*, 25-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8110 (COI).

Ononis viscosa L.

No Baixo Alentejo, *Ononis viscosa* L. habita não apenas na Serra de Serpa (cf. P. COUTINHO, 1939), mas também próximo de Santiago de Cacém.

Espécime: pr. de Santiago de Cacém, no caminho para o Cercal, alcantilados das bermas das estradas, 9-VI-1960, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos, 7296 (COI).

Medicago Blancheana Boiss. var. **Bonarotiana**
(Arcang.) Urb.

Esta Leguminosa, que só estava assinalada para a Estremadura (cf. P. DA SILVA, A. TELES & M. SILVA in Agron. Lus. 14: 16, 1952), foi agora observada no Baixo Alentejo.

Espécime: arredores de Beja, nas searas de trigo, 14-VI-1960, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos 7529 (COI).

Distribuição: Estremadura e Baixo Alentejo.

Anthyllis Dillenii Schultes ex Loud.

Confirma-se a suposição de P. DA SILVA (in Agron. Lusit. 18, 1956), segundo a qual a distribuição no litoral do Norte indicada por SAMPAIO na *Flora portuguesa* (1947) (sub. *A. vulneraria* L. var. *littorea* Samp.) devia ser correcta, pois que, além de ter sido agora herborizada próximo de Viana do Castelo, encontraram-se no herbário do Instituto Botânico de Coimbra espécimes que vêm confirmar essa distribuição.

Espécimes: Praia de Vila do Conde, IV-1884, J. Craveiro s. n. (COI); Viana do Castelo, Cabo da Mós, VI-1886, A. Cunha

91 (COI); Matosinhos, areias marítimas, IV-1901, *Sampaio* 1681 (COI); pr. de Viana do Castelo, praia da Amorosa, nas dunas marítimas, 23-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7981 (COI).

Distribuição: litoral do Minho e Douro Litoral.

Ornithopus perpusillus L.

Herborizou-se esta espécie no Algarve (Pico da Foia), sendo assim mais adequada a distribuição indicada na *Flora* de SAMPAIO (1947): «Todo o país» — pois que a área da planta não se limita às províncias citadas por PEREIRA COUTINHO (1939): Minho, Trás-os-Montes, Douro, Beira e Alto Alentejo.

Espécime: Pico da Foia, sienitos, 11-VI-1960, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 7412 (CCI).

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beiras, Alto Alentejo e Algarve.

Erodium laciniatum (Cav.) Willd.

Esta espécie era apenas conhecida dos arredores de Faro, onde WELWITSCH (cf. MARIZ in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 8: 168, 1890) a herborizou. Foi recentemente encontrada entre Silves e S. Bartolomeu de Messines.

Espécime: a meio do caminho entre Silves e S. Bartolomeu de Messines, encosta de monte calcário, 12-VI-1960, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 7453 (COI).

Distribuição: Algarve.

Eryngium Duriaeanum Gay

Apesar de SAMPAIO (1947) indicar as «Montanhas do Norte» como área desta espécie, ainda não tinha sido assinalada para a Serra da Peneda e maciço da Gralheira, onde foi recentemente herborizada.

Espécime: Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouros e Tangil, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8111 (COI); Arouca, no cimo da Serra da Freita

(maciço da Gralheira), Senhora da Laje, 28-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8259 (COI).

Distribuição: Serras da Peneda, Soajo, Gerês, Cabreira, Gralheira e Estrela.

Carum verticillatum L. forma **lineatum**

R. Fernandes

Esta interessante forma, que só estava assinalada entre Poceirões e Pegões, foi agora herborizada próximo de Vila do Bispo.

Espécime: a 4 km de Vila do Bispo, entre esta vila e Aljezur, terreno encharcado, 10-VI-1960, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 7394 (COI).

Distribuição: Estremadura e Algarve.

Lilaeopsis attenuata (Hook. & Arn.) Fern.

Esta Umbelifera, encontrada pela primeira vez em Portugal na margem sul da Lagoa de Mira (cf. R. FERNANDES in An. Soc. Brot. 26: 31, 1960) foi agora colhida junto à ria de Aveiro, entre a Torreira e o Furadouro, onde se encontra bastante espalhada e abundante. No extremo norte da ria, num local em que a planta vegetava em óptimas condições, pois o terreno estava alagado, herborizaram-se espécimes com folhas excepcionalmente longas, atingindo cerca de 42 cm.

Espécimes: Quintas do Norte, entre a Torreira e o Furadouro, terreno lodoso, encharcado, 22-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7967 (COI); entre a Torreira e o Furadouro, no extremo norte da ria de Aveiro, 22-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7973 (COI).

Distribuição: Beira Litoral.

Laserpitium Nestleri Soy-Willm.

var. **lusitanicum** P. Cout.

Tal como outras espécies de altitude, esta não estava assinalada ainda ao norte do Gerês. Encontra-se, porém, na Serra da Peneda, onde se herborizou recentemente.

Espécimes: Senhora da Peneda, por entre as pedras do leite de um riacho, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8074 (COI); Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, numa mata de *Quercus*, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8120 (COI).

Vaccinium Myrtillus L.

Assinale-se a Serra de Castro Laboreiro como mais um local do Alto Minho onde esta espécie vegeta. Foi também herborizada no Douro Litoral, no maciço da Gralheira.

Espécimes: a 5 km de Castro Laboreiro, numa mata de *Quercus*, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8056 (COI); Arouca, Serra da Freita (maciço da Gralheira), entre o posto de radar e a Senhora da Guia, num pinhal, 28-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8247 (COI).

Distribuição: serras do Alto Minho, do Larouco, Marão, Gralheira e Estrela.

Anagallis tenella (L.) L. forma albiflora, nov. forma

A typo corolla alba differt.

Habitat in locis humidis in *Caramulo* circa S. João do Monte, 23-V-1961, *A. Santos* s. n. (COI, holotypus).

Centunculus minimus L.

A primeira citação desta espécie no Minho é de *Mariz* para Carreço (in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 16: 167, 1899). Voltou a herborizar-se nesta província em Esposende.

Espécime: Esposende, salgadiços, 23-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7983 (COI).

Distribuição: Minho, Douro Litoral, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral e Ribatejo.

Centaureum spicatum (L.) Fritsch

Colhemos esta Gencianácea em Esposende, o que confirma a área atribuída por SAMPAIO na sua *Flora* (1947) para esta espécie.

Espécime: Esposende, salgadiços, 23-VII-1961, *J. Paiva, J. Marques & A. Marques* 7980 (COI).

Distribuição: de Caminha ao Algarve.

Armeria eriophylla Willk.

Armeria eriophylla Willk. está citada só para o distrito de Bragança e extremo norte do distrito de Vila Real (Pitões e Montalegre). Voltou a colher-se noutra localidade do último distrito.

Espécime: Santa Marta do Alvo, entre Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar, nas fendas das rochas, 26-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8149 (COI).

Distribuição: Trás-os-Montos e Alto Douro.

Inula salicina L.

Existe também no Douro Litoral.

Espécime: Porto Manso, pr. de Aregos, margem do rio Douro, no cascalho do rio, 28-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8228 (COI).

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral e Beira Alta.

Phalacrocarpum oppositifolium (Brot.) Willk.

Acrescente-se o Douro Litoral à área de distribuição desta espécie, porquanto foi colhida no maciço da Gralheira. Também se herborizou na Serra da Peneda, para onde não encontramos qualquer referência.

Espécimes: Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, nas fendas das rochas, 25-VII-

-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8118 (COI); Arouca, Serra da Freita (maciço da Gralheira), entre o posto de radar e a Senhora da Laje, 28-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8246 (COI).

***Cynara algarbiensis* Coss. forma *albiflora*,
nov. forma**

A typo corolla alba differt.

Habitat in locis incultis, 39 km Beja distantibus, ad margines viae Mértola-Beja, 13-VI-1960, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 7518 (COI, holotypus).

Foram encontradas plantas de flores completamente brancas, formando uma pequena população bem delimitada, a pouca distância de uma outra de flores róseo-purpúreo carregado e de outra ainda de flores de róseo-lilacinas. A cor dominante é róseo-purpúreo, sendo possivelmente as plantas com flores de colorido intermediário resultantes do cruzamento entre as duas outras formas.

Hieracium laevigatum* Willd. ssp. *laevigatum

Esta subespécie estava assinalada para o país só para o Lindoso (cf. VAN SOEST in Mem. Soc. Brot. 6: 98-99, 1950). Foi agora encontrada em Peso, nas margens do Minho.

Espécime: Peso, margem do rio Minho, por entre as rochas, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8089 (COI).

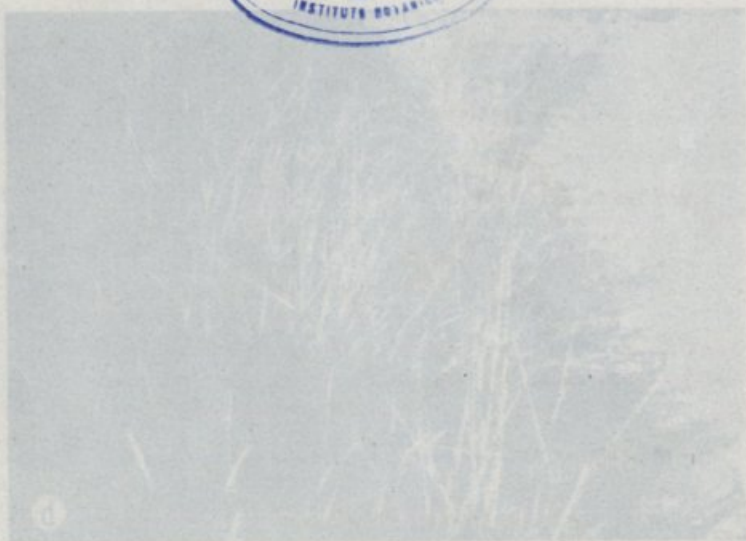
Distribuição: Alto Minho.



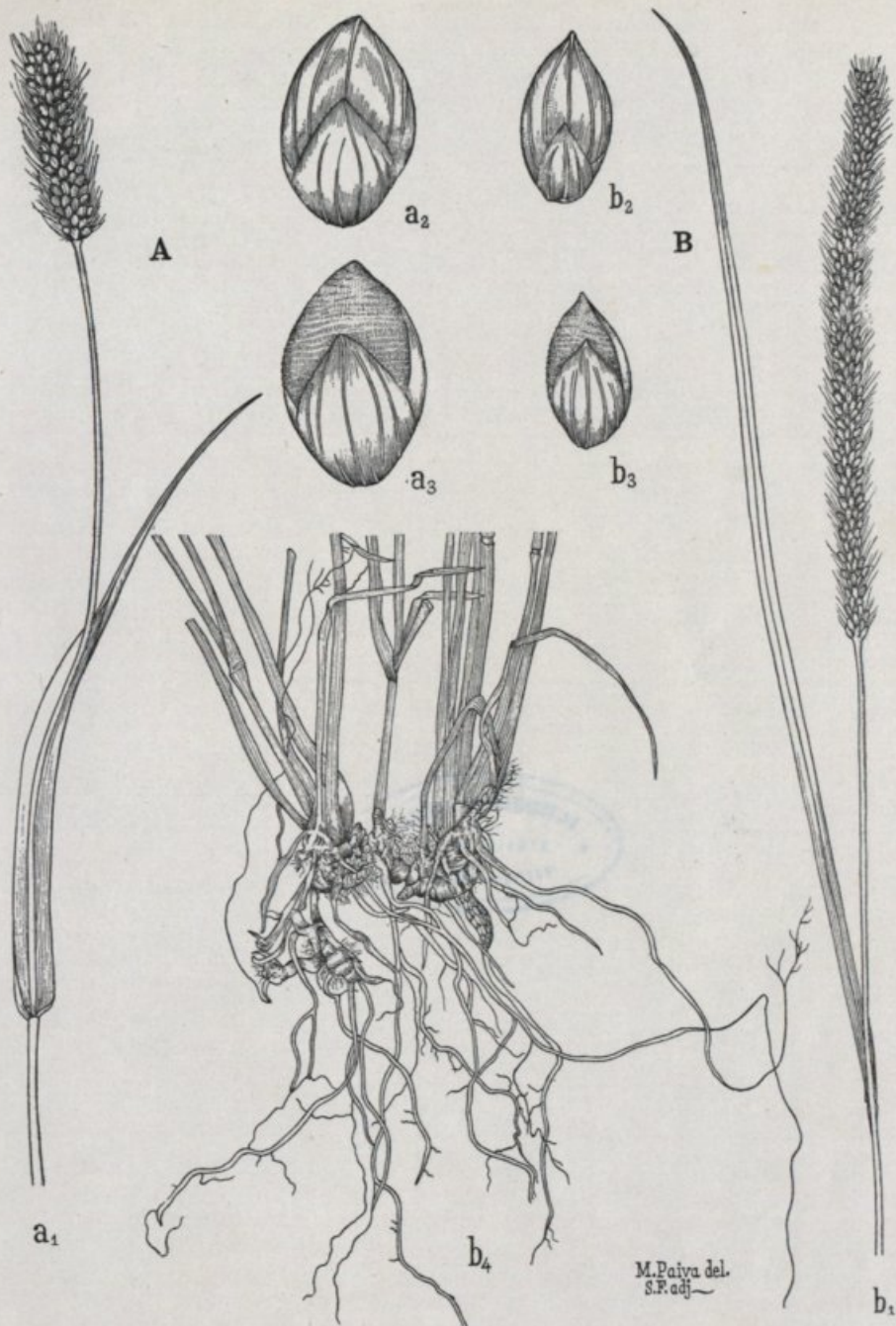


***Setaria geniculata* (Lam.) P. Beauv.**

- a** — plantas em um inculto próximo de Couto de Cucujães.
b — plantas na berma da estrada em Branca.



Setaria verticillata (Lam.) P. Bennis.
a — plantas em um campo próximo de Couto de Cucujães.
b — plantas na beira da estrada em Branca.



A — *Setaria glauca* (L.) P. Beauv.

a_1 — panícula ($\times 1$); a_2 e a_3 — espiguetas vistas, respectivamente, pelo lado da gluma inferior e superior ($\times 10$).

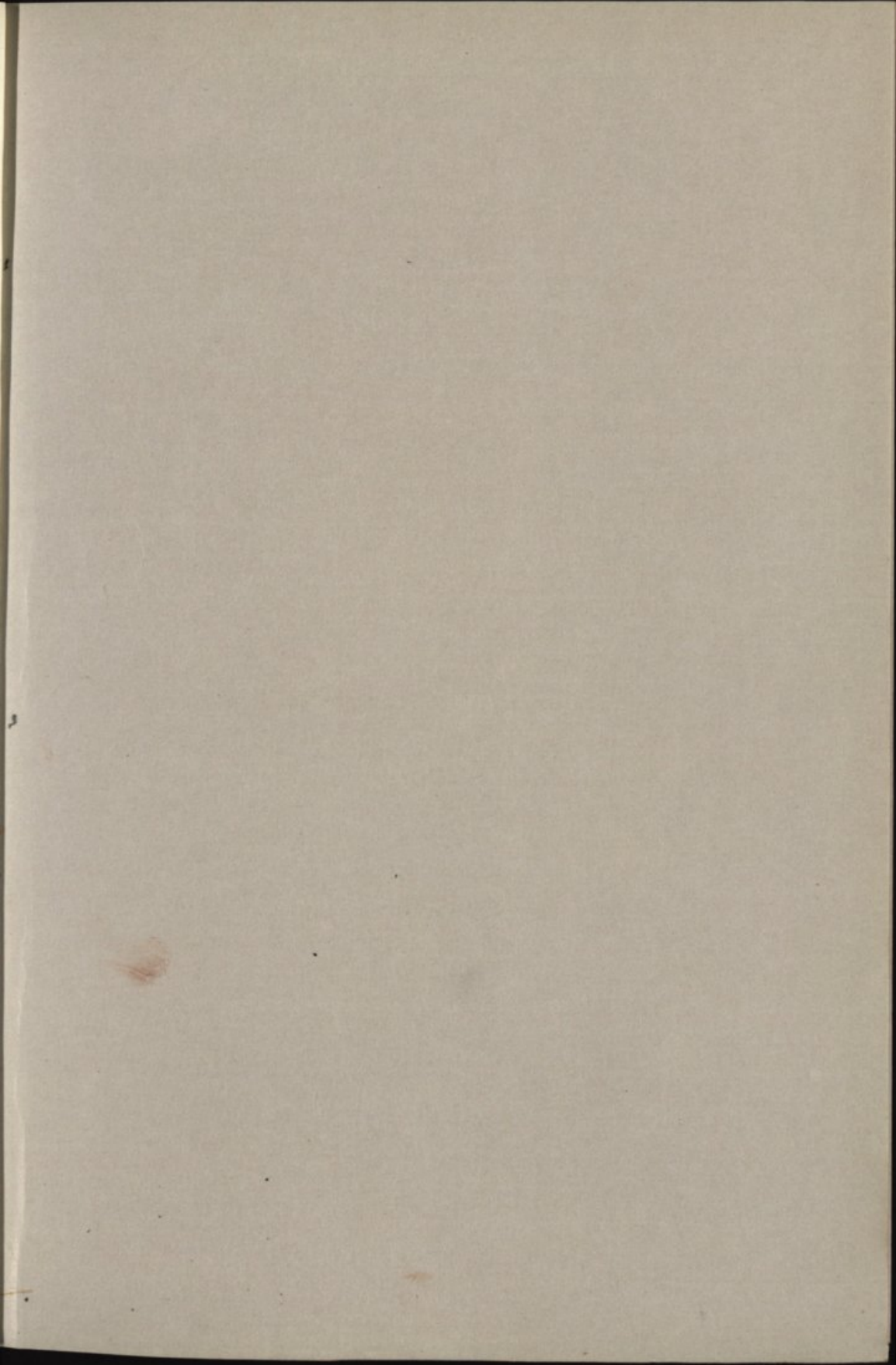
B — *Setaria geniculata* (Lam.) P. Beauv.

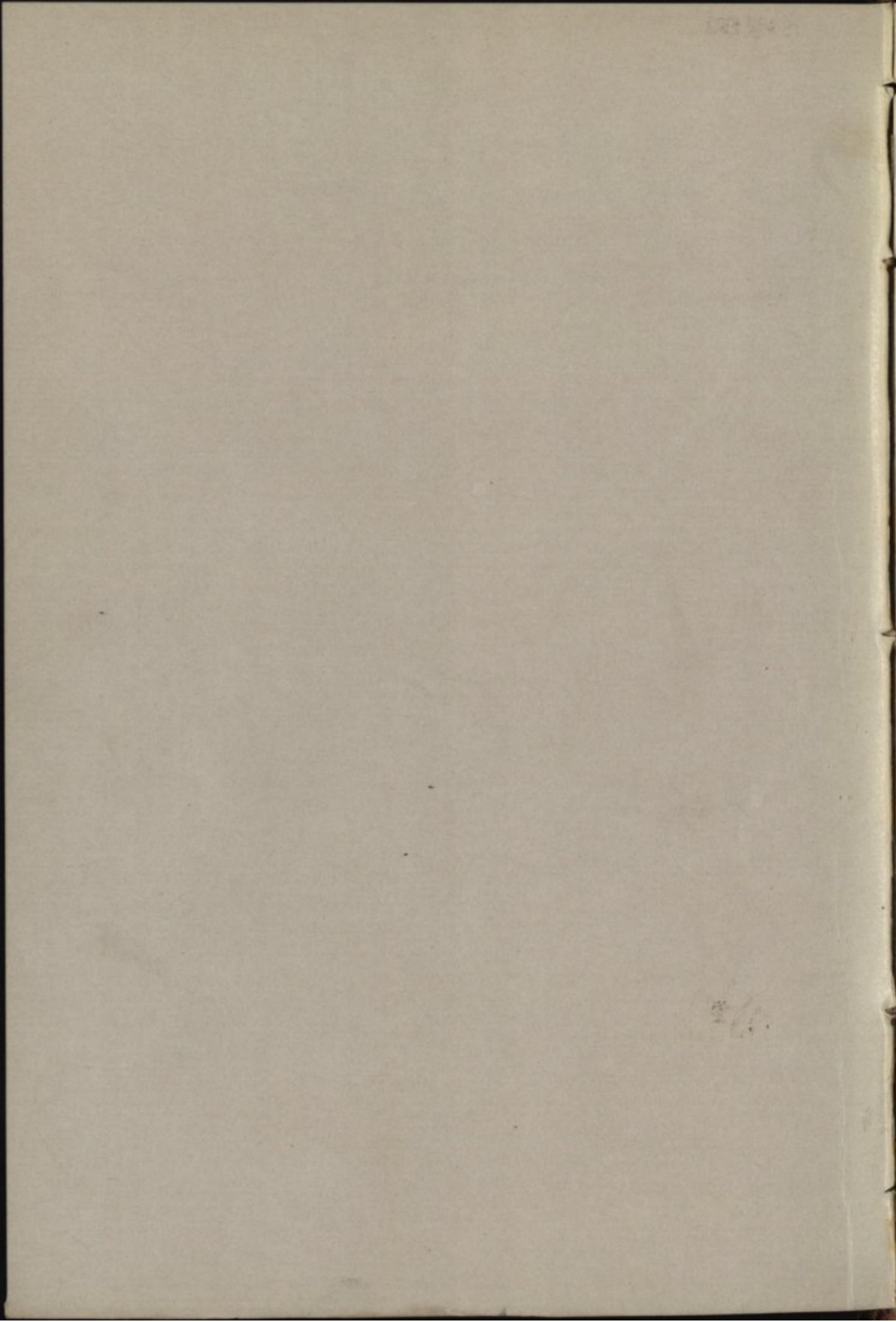
b_1 — panícula ($\times 1$); b_2 e b_3 — espiguetas ($\times 10$); b_4 — rizoma com raízes e a parte inferior de vários colmos ($\times 1$).



UNIVERSIDADE DE CALIFORNIA
 BIBLIOTECA
 INSTITUTO BOTANICO

A - *Zebrina glauca* (L.) P. Bosc.
 a - panícula ($\times 1$); b - a_2 - espiguetas vista respectivamente pelo lado da gluma inferior e superior ($\times 10$);
 B - *Zebrina pendulata* (Lam.) P. Bosc.
 b₁ - panícula ($\times 1$); b₂ e b₃ - espiguetas ($\times 10$); b₄ - gluma vista lateral e a parte inferior de várias espigas ($\times 1$).





16. MAR 1963

ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA
ANO XXVIII

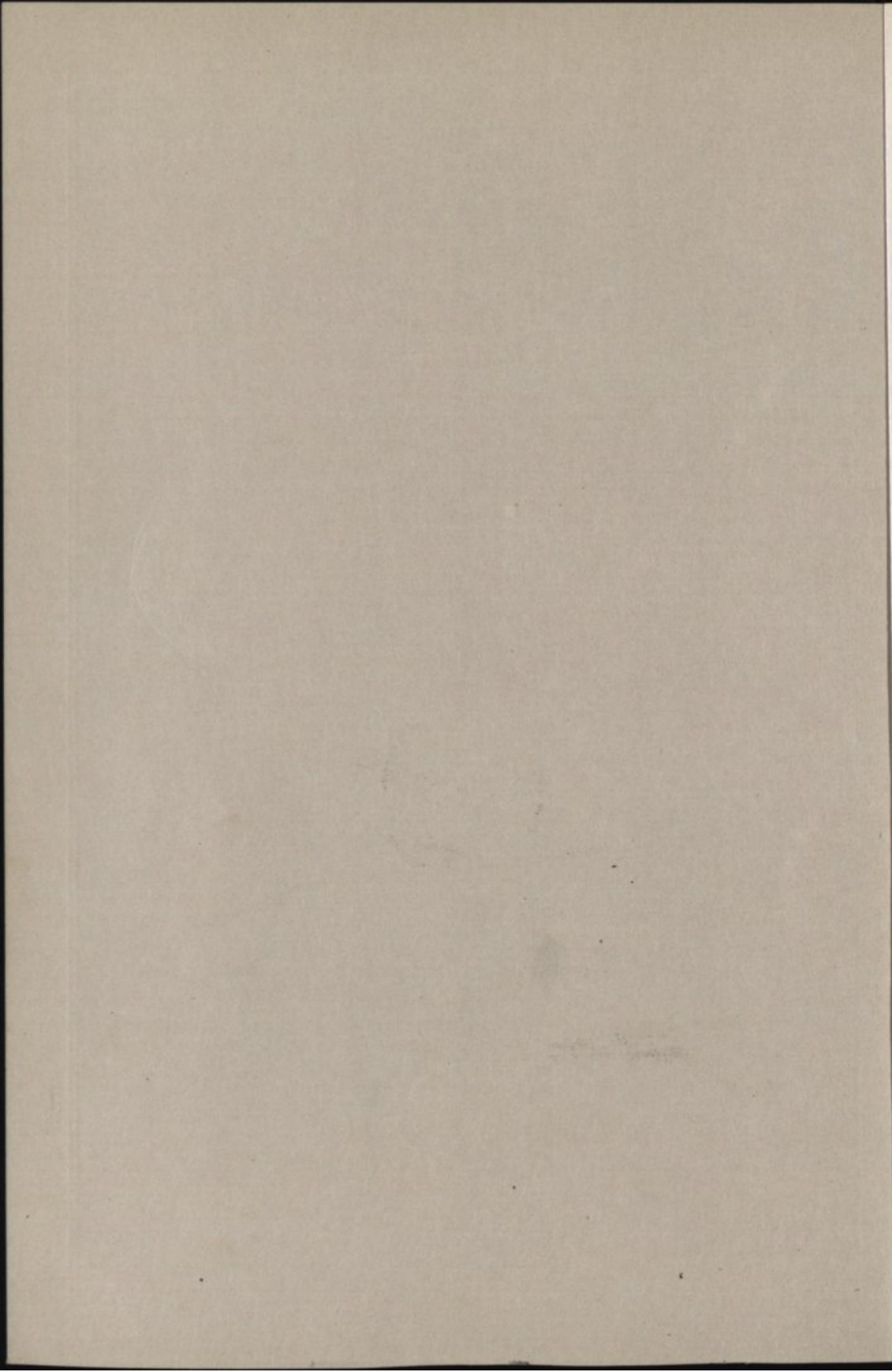
REDACTOR

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA
1962



ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVIII

ANUÁRIO DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVIII

1962



COIMBRA
1962

ARQUIVO DA
SOCIEDADE PROTERIANA
1901



ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVIII

REDACTOR

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA
1962

ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA
ANO XXVIII

REDACTOR
PROF. DR. ARIÑO FERNANDES



Composição e impressão das Oficinas
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaga

1962

SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 20 de Janeiro de 1962

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José Ernesto de Mesquita Rodrigues

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1961. Esse relatório é do teor seguinte:

«Graças a uma ligeira melhoria das condições financeiras da Sociedade, foi possível publicar no decurso do ano transacto o volume XIV das *Memórias*, o qual é constituído integralmente por uma série de artigos sobre Fungos, da autoria dos eminentes micologistas brasileiros, Prof. A. CHAVES BATISTA e seus colaboradores, J. L. BEZERRA, R. GARNIER DE SOUSA e G. E. PERES. A Sociedade agradece penhoradamente a estes distintos investigadores a valiosa colaboração que lhe prestaram, ao mesmo tempo que manifesta a sua satisfação por ter tido o ensejo de publicar o resultado de estudos realizados no Instituto de Micologia da Universidade do Recife.

Publicou-se igualmente o volume XXXV do *Boletim*, que insere trabalhos de autores portugueses e estrangeiros. Aproveitou o ensejo para apresentar os meus melhores agradecimentos a todos quantos se dignaram prestar-nos a sua colaboração.

Finalmente, deu-se também à estampa o N.º XXVII do *Anuário* que, além das referências à actividade da nossa agre-



miação, contém dois artigos sobre a flora portuguesa, da autoria, respectivamente, da Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES e do Ex.^{mo} Sr. Dr. JORGE AMÉRICO RODRIGUES DE PAIVA.

O movimento da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido durante o ano, por permuta e oferta, 2858 volumes e folhetos.

Muito lamento ter de anunciar que a actividade dos sócios no que respeita a trabalhos de herborização foi quase nula. Espero que no próximo ano as condições se modifiquem e tenhamos o prazer de assinalar uma actividade mais intensa.

O pessoal do Instituto Botânico continuou, porém, as suas colheitas. As algas estão sendo estudadas pelos Ex.^{mos} Srs. Dr. JOSÉ ERNESTO DE MESQUITA RODRIGUES e Rev. Cónego MANUEL PÓVOA DOS REIS e as plantas vasculares pela Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES e pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. JORGE AMÉRICO RODRIGUES DE PAIVA. A todos deixo aqui consignados os melhores agradecimentos da Direcção pelo auxílio prestado».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório da Direcção, o qual foi aprovado.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES pediu a palavra para dizer que em 24 de Abril completa 70 anos o sócio honorário Prof. Dr. AURÉLIO PEREIRA DA SILVA QUINTANILHA, que foi vice-presidente da Sociedade desde 1929 a 1935 e a quem se deve, em grande parte, o renascimento do *Boletim*, cuja publicação JÚLIO HENRIQUES estava disposto a terminar em 1920. Por outro lado, o Prof. AURÉLIO QUINTANILHA tem sido um valiosíssimo colaborador dessa revista, porquanto nela publicou vários dos seus notáveis trabalhos. Propõe, portanto, que o volume do *Boletim* referente ao ano de 1962 (vol. XXXVI) seja dedicado ao eminente cientista. Esta proposta foi aprovada por aclamação.

Em seguida, o Dr. ABÍLIO FERNANDES recordou à Assembleia que o XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências terá lugar no Porto, de 22 a 26 de Junho, insistindo com os sócios para que elaborem comunicações que possam ser apresentadas ao referido Congresso.

Depois o Dr. ABÍLIO FERNANDES referiu-se ao estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram



que, em 31 de Dezembro de 1961, existia em caixa um saldo de 19 444\$70.

Prosseguindo, o Presidente da Direcção disse que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção fique autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e expedição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Prof. Dr. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e Rev. Cónego MANUEL PÓVOA DOS REIS.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 20 de Janeiro de 1962

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Manter as comissões de redacção do *Boletim* e das *Memórias*.
- b) Que, em virtude de o Instituto Botânico se encontrar ainda privado de naturalista, a redacção do *Anuário* fique a cargo do Presidente da Sociedade, que actuará também como Secretário-tesoureiro até ser preenchido o lugar vago.
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização, particularmente no domínio das Criptogâmicas.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

NOVOS SÓCIOS

EDMUND LAUNERT, Department of Botany of the British Museum (Natural History), London.

MARIA LEONOR DE SOUSA GONÇALVES, Investigadora do Centro de Botânica da Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa.

MANUEL AUGUSTO MENDES, Engenheiro Silvicultor, Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, Lisboa.

ARMANDO AIRES DE NORONHA, Engenheiro Silvicultor, Lisboa.

FIRMINO ANTÓNIO SOARES, Engenheiro Silvicultor, Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar, Lisboa.

NOVOS SÓCIOS

... do Reino Unido, Department of Botany of the British Museum (Natural History), London.

NOTAS SOBRE A FLORA DE PORTUGAL

IX

por

ROSETTE FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

Dryopteris Filix-mas (L.) Schott subsp. **Filix-mas**

Gen. Fil.: t. 9 (1834).—Malato Beliz in Bol.

Soc. Brot. sér. 2, **34**: 17 (1960)

Polypodium Filix-mas L., Sp. Pl. ed. 1: 1090 (1753).—
Brot., Fl. Lusit. **2**: 397 (1804) p. p.

Polystichum Filix-mas (L.) Roth in Mertens, Roem. Arch.
Bot. **2**: 106 (1799) p. p.—J. Henriq. in Bol. Soc. Brot. sér. 1,
12: 75 (1895) p. p. quoad vars. *genuinum*, *crenatum* et *incisum*.

Nephrodium Filix-mas (L.) Rich., Cat. Med. Paris: 129
(1801).—Samp., Man. Fl. Portuguesa: 8 (1909) p. p.; Fl. Por-
tuguesa: 13 (1947) p. p.—P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 40
(1913), inclus. var. *genuinum* p. p., var. *crenatum* et var. *deorso-
lobatum* p. p.

Dryopteris Filix-mas (L.) Schott var. *genuina* (Milde)
P. Cout., Fl. Portugal, ed. 2: 44 (1939) p. p.

Dryopteris Filix-mas (L.) Schott var. *crenata* (Milde)
Briquet, Prodr. Fl. Corse, **1**: 9 (1910).—P. Cout., Fl. Portugal,
ed. 2: 44 (1939).—A. Mendonça et Vasconcellos in An. Inst.
Vinho Porto: 125 (1944).

Dryopteris Filix-mas (L.) Schott var. *deorso-lobata* (Moore)
Litard. in Bull. Soc. Bot. Deux-Sèvres: 82 (1910).—P. Cout.,
Fl. Portugal, ed. 2: 44 (1939) p. p.—A. Mendonça et Vascon-
cellos, *loc. cit.*

Quando, em 1958, fizemos a revisão do material de *Dryopteris Filix-mas* existente no herbário do Instituto Botânico de Coimbra, verificámos que a maioria dos espécimes que aí se encontrava pertencia à subsp. *Borreri* (Newm.) Becher. et von Tavel, mas que certo número deles se deveria incluir no tipo daquele taxon. Notámos também que alguns exemplares, pelos seus caracteres intermediários entre os das duas subespécies, poderiam, possivelmente, atribuir-se ao híbrido *D. × Tavelii* Rothm. Dado o facto de possuímos poucos espécimes de confronto de *D. Filix-mas* subsp. *Filix-mas* e nenhum de *D. × Tavelii* e de, ainda, ROTHMALER e PINTO DA SILVA (in Agron. Lusit. 1: 237, 1939) terem posto em dúvida a existência do primeiro taxon no nosso país¹, resolvemos reunir elementos que nos permitissem fazer um estudo mais completo do problema. Entretanto, MALATO-BELIZ (*loc. cit.*) publicou uma nota mostrando que, de acordo com a conclusão a que chegara o botânico belga A. LAWALRÉE, alguns espécimes da Serra do Gerês deviam ser atribuídos ao tipo de *D. Filix-mas*. Após isto, pensámos que, para maior segurança na identificação das nossas plantas, era de toda a conveniência fazê-las também examinar por um especialista. Assim, enviámo-las ao Ex.^{mo} Sr. L. REICHLING que tem realizado estudos minuciosos sobre *D. Filix-mas* subsp. *Filix-mas* e subsp. *Borreri* e sobre *D. × Tavelii*. Este distinto pteridologista não só confirmou a determinação que fizéramos de alguns espécimes como *D. Filix-mas* típico, mas também verificou que outros, que tínhamos considerado intermediários, pertenciam, na verdade, ao híbrido *D. × Tavelii* Rothm. E, facto verdadeiramente notável, assinalou, pela primeira vez para o nosso país, a espécie *Dryopteris abbreviata* (Lam. et DC.) Newm., encontrada em algumas localidades da Serra da Estrela².

¹ Ao contrário do que afirmaram ROTHMALER e PINTO DA SILVA (*loc. cit.*), encontram-se em LISU exemplares portugueses de *D. Filix-mas* subsp. *Filix-mas*, como tivemos ocasião de verificar recentemente.

² Ao eminente naturalista luxemburguês agradecemos reconhecidamente o auxílio que nos prestou, bem como a oferta de material de *D. × Tavelii*. Esperamos que, numa futura nota, o Ex.^{mo} Sr. L. REICHLING relate o aparecimento de *D. abbreviata* e de *D. × Tavelii* no nosso país.

Fica, assim, definitivamente esclarecido que o tipo de *D. Filix-mas* (L.) Schott se encontra em vários locais de Portugal. Damos, a seguir, a lista dos espécimes existentes no herbário do Instituto Botânico de Coimbra pertencentes a este taxon:

Trás-os-Montes e Alto Douro: Montesinho pr. da povoação, VI-1884, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *crenatum*); Bragança, rio Fervença, VII-1879, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); arredores de Vimioso, Santulhão, VI-1888, *J. Mariz* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Vimioso, S.^{to} Adrião, VIII-1917, *J. Henriques* s. n. (sub *Nephrodium Filix-mas*); Vila Real, IX-1886, *Sofia*... s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

Beira Alta: serra de Montemuro, 15-IV-1954, *M. F. R. Pinto* s. n.; arredores de Almeida, Junça, VI-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Trancoso, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); arredores da Guarda, Pero Soares, VII-1885, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *incisum*); Guarda, VII-1885, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *incisum*); arredores da Guarda, Souto do Bispo, nos lugares sombrios e húmidos, 17-VI-1959, *A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmiento* 6713; Gouveia, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

Beira Baixa: serra da Estrela, Teixoso, VI-VII-1881, *A. R. Cunha* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); serra da Pampilhosa, VIII-1881, *J. Henriques* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

Beira Litoral: pr. Coimbra, Quinta dos Maias, V-1884, *Barros e Cunha* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

Estremadura: serra de Sintra, 18-II-1839, *Welwitsch* 5 (sub *Aspidium Filix-mas*).

Dryopteris Filix-mas subsp. *Filix-mas* encontra-se, pois, no Minho (Gerês), Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta, Beira Baixa, Beira Litoral e Estremadura, sendo possível que o exame do material de outros herbários mostre que aparece ainda noutras províncias (Douro Litoral e Alto Alentejo).

Dryopteris Filix-mas (L.) Schott subsp. **Borreri**(Newm.) Becher. et von Tavel¹ inBer. Schweiz. Bot. Gesellsch. **43**: 39 (1934). —P. Silva et Sobrinho in Agron. Lusit. **12**: 239(1950) exclus. specim. *F. Sousa et Santos* 33

Dryopteris Borreri Newm., Hist. Brit. Ferns, ed. 3: 189 (1854).—Rothmaler et P. Silva in Agron. Lusit. **1**: 237 (1939).

Polypodium Filix-mas sensu Brot., Fl. Lusit. **2**: 397 (1804) p. p.

Polystichum Filix-mas sensu J. Henriq. in Bol. Soc. Brot. sér. 1, **12**: 75 (1895) p. p.

Nephrodium Filix-mas sensu Samp., Man. Fl. Portuguesa: 8 (1909) p. p.; Fl. Portuguesa: 13 (1947) p. p.

Nephrodium Filix-mas (L.) Rich. var. *Borreri* (Newm.) Rouy, Fl. Fr. **14**: 408 (1913).—P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 40 (1913).

Dryopteris Filix-mas (L.) Schott var. *Borreri* Newm., Hist. Brit. Ferns, ed. 3: 189 (1854).—P. Cout., Fl. Portugal, ed. 2: 44 (1939).

Pertencem a este taxon os seguintes exemplares do herbário do Instituto Botânico de Coimbra, muitos deles ali referidos ao tipo de *Dryopteris Filix-mas* (L.) Schott²:

¹ ROTHMALER (in Boissiera, **7**: 168, 1943) considera *Dryopteris paleacea* (Sw.) Hand.-Mazz. (= *Aspidium paleaceum* Sw., 1806), descrito sobre um exemplar do Peru, idêntico a *Dryopteris Borreri* Newm. (1854), o qual se baseou sobre uma planta da Inglaterra. Além disso, introduz na sinonímia desse taxon vários outros, baseados em espécimes do México, Himalaia, Hawai, etc., visto, segundo a sua opinião, se tratar apenas de uma única espécie de larga distribuição. Outros autores, como A. LAWALRÉE (in Bull. Soc. R. Bot. Belg. **90**: 27, 1957), pensam que o problema não está suficientemente esclarecido e adoptam, provisoriamente, para a planta europeia, o nome *D. Borreri*. Na categoria de subespécie, porém, o caso simplifica-se, pois que, quer *Aspidium paleaceum* Sw. e *Dryopteris Borreri* Newm. sejam ou não idênticos, a combinação a adoptar é *Dryopteris Filix-mas* subsp. *Borreri* (Newm.) Becher. et von Tavel.

² Embora os exemplares tenham sido quase todos etiquetados como *Polystichum Filix-mas*, J. HENRIQUES reconheceu bem que a entidade mais difundida no nosso país é a subsp. *Borreri*, visto afirmar (*loc. cit.*): «A forma predominando pôde referir-se á var. *paleaceum*, Moore». Notou ainda que essa variedade é bem diferente do tipo de *Dryopteris Filix-mas*, pois consi-

Minho: Melgaço, VI-1894, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*¹); arredores de Melgaço, S. Gregório do Minho, VI-1894, *A. Moller* s. n.; a 5 km de Castro Laboreiro, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos et A. Marques* 8054; margem da ribeira de Âncora, VI-1886, *A. R. Cunha* 198 (sub *Polystichum Filix-mas*); serra do Soajo, Soajo pr. Lima, VI-1890, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); serra do Gerês, V-1884, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); serra do Gerês, entre S. Bento da Porta Aberta e Covide, 9-VII-1948, *A. Fernandes et Sousa* 2633; serra do Gerês, Albergaria, margens do rio Homem, 17-VIII-1948, *F. Sousa et A. Santos* 10, 11; arredores de Braga, III-1883, *A. Sequeira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

Douro Litoral: S. Pedro da Cova, VIII-1880, *A. Schmitz* 50 (sub *Polystichum Filix-mas*); Castelo de Paiva, 22-II-1898, *J. Salema* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

Beira Alta: serra da Lapa e mata de Vide, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Aguiar da Beira, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); vale do Vouga, Ponte da Gaia, Arcozelo das Maias, 4-V-1953, *A. Fernandes, R. Fernandes et F. Sousa* 4351; Viseu, margens do Dão, VII-1886, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Sabugosa, VII-1886, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Tondela, VII-1886, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Covas do Rio, Portas do Inferno, VIII-1901, *J. Henriques* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); serra do Caramulo, Macieira, VI-1884, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Caramulo, IV-1903, *J. Henriques* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Tábua, V-1883, *A. Costa Carvalho* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *genuinum*); estrada de Santa Comba Dão a Tábua, margens do rio Dão, 17-VI-1954, *J. Matos, A. Matos et A. Marques* 5055; arredores de Gouveia, S. Paio, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Figueiró da Serra,

derou pertencentes às vars. *genuina*, *crenata* e *incisa* deste taxon exemplares, respectivamente, de Trancoso, Almeida, Bragança, Vimioso, Guarda e Pero Soares (ver a lista da pág. 11), que, de facto, se lhe devem referir.

¹ Nesta lista e nas dos taxa seguintes colocamos entre parênteses, à frente do número de colheita, a determinação primitiva, quando ela se encontrava em desacordo com a nossa.

VI-1890, *M. Ferreira* s. n.; Algodres, VIII-1892, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); entre Celorico e Fornos, VII-1885, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *genuinum*); Guarda, VII-1885, *M. Ferreira* s. n.; Guarda, vale do Chafariz do Souto do Bispo, 24-VII-1950, *A. Fernandes et J. Matos* 3497; Guarda, Salgueirais, 18-IX-1954, *A. Fernandes, J. Matos et A. Matos* 5180; serra da Estrela, Senhora do Desterro, VIII-1881, *J. Henriques* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

Beira Litoral: Buçaco, IV-1885, *F. Loureiro* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Buçaco, s. d., *A. Schmitz* 2036; Coimbra, pinhal do Vale de Canas, 1875, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Coimbra, Quinta de Santa Cruz, V-1855, *Lopes Manita* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Ponte da Mucela, Moura Morta, V-1892, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Ceira, 5-IV-1960, *M. L. V. Chuva* s. n.; Góis, Ponte do Sótão, VI-1883, *J. Henriques* s. n.; Lousã, X-1892, *M. Ferreira* s. n.

Beira Baixa: Cernache do Bonjardim, VII-1890, *F. Sá Marnito* 183.

Ribatejo: Ferreira do Zêzere, V-1914, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

***Dryopteris* × *Tavelii* Rothm.**

Candollea, 10: 92 (1943-46)

Dryopteris Filix-mas subsp. *Filix-mas* × *D. Filix-mas* subsp. *Borreri* (= *Dryopteris Filix-mas* × *D. paleacea*).

Em 1953, L. REICHLING¹ incluiu Portugal na área de distribuição deste híbrido. Recentemente, o mesmo botânico identificou como *D. × Tavelii* Rothm. vários espécimes que lhe enviámos e nós própria determinámos depois mais alguns. Não é de estranhar que este híbrido se encontre no nosso país, dada

¹ Cf. «*Dryopteris paleacea* (Sw.) Handel-Mazzetti et *Dryopteris × Tavelii* Rothmaler au Grand-Duché de Luxembourg et en Belgique» in Bull. Soc. R. Bot. Belg. 86: 39 (1953). Neste magnífico estudo, ilustrado com belas fotografias e desenhos elucidativos, o autor analisa minuciosamente sob os pontos de vista morfológico, fenológico, etc. os dois taxa acima indicados e apresenta um quadro com os seus caracteres diferenciais relativamente aos de *D. Filix-mas* subsp. *Filix-mas*.

a coexistência dos dois progenitores em vários locais (vejam-se as listas da distribuição de *D. Filix-mas* subsp. *Filix-mas* e subsp. *Borreri*), como na serra do Gerês, Guarda, serra da Estrela, etc. Na lista seguinte figuram unicamente os exemplares que REICHLING não estudou, visto contarmos que, em trabalho a publicar brevemente, este botânico cite aqueles que lhe enviámos.

Espécimes: Gerês, Carris, 17-VIII-1948, *F. Sousa et A. Santos* 33 (sub *Dryopteris Filix-mas* var. *Borreri*); Parambos, 25-VIII-1952, *F. X. R. Ferrand de Almeida* s. n.; Parambos, Canelha, 18-III-1953, *A. P. dos Santos* s. n.; serra da Estrela, Sabugueiro, VII-1914, *M. Ferreira* s. n. (sub *D. Filix-mas*); Oliveira do Conde, Vale Travesso, VI-1886, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *genuinum*).

Phleum phleoides (L.) H. Karst.

Deutsche Fl.: 374 (1880-1883).—Rothmaler et
P. Silva in Agron. Lusit. 1: 242 (1939)

Phalaris phleoides L., Sp. Pl. ed. 1, 1: 55 (1753).

Phleum Boehmeri Wibel, Prim. Fl. Werth.: 125 (1799).—
J. Henriq. in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 20: 32 (1903).—Samp., Man.
Fl. Portuguesa: 49 (1910); Fl. Portuguesa: 59 (1947).—
P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 71 (1913); *op. cit.*, ed. 2: 82
(1939).—Rozeira in An. Fac. Ciênc. Porto, 28: 57 (1943).

Esta espécie, muito rara em Portugal, visto ter sido colhida apenas em duas localidades da província de Trás-os-Montes e Alto Douro—Freixo de Espada-à-Cinta (*Mariz*) e Bragança (*Sampaio*)—foi herborizada recentemente na Beira Baixa.

Espécime: estrada Covilhã-Fundão, nas moitas de *Quercus pyrenaica*, 20-VI-1959, *A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento* 6830 (COI).

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro e Beira Baixa.

Butomus umbellatus L.

Na área de distribuição desta espécie, passa a incluir-se a Beira Baixa, onde a planta foi pela primeira vez herborizada em 1959.

Espécime: Vila Velha de Ródão, leito do Tejo, entre os calhaus de uma ilhota junto à margem direita, 21-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6878 (COI).

De acordo com a moderna divisão em províncias, *Butomus umbellatus* tem a seguinte área de

Distribuição: Beira Litoral, Beira Baixa, Ribatejo e Estremadura.

BROTERO (Fl. Lusit. 2: 53, 1804) cita-o também para o Douro. Não se encontram, porém, nos herbários exemplares que nos levem a confirmar a existência da espécie naquele rio.

Minuartia tenuifolia (L.) Hiern subsp. **tenuifolia**
var. **hybrida** (Vill.) Briquet

Encontrou-se em nova localidade (2.^a citação) do Alto Alentejo.

Espécime: interior do castelo de Marvão, sobre xistos, 22-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6975 (COI).

Cerastium brachypetalum Pers.
subsp. **tauricum** (Spreng.) Murb.

Este taxon, com uma distribuição tão dispersa no nosso país, encontra-se também na Beira Alta.

Espécime: arredores da Guarda, Souto do Bispo, 17-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6705 (COI).

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta Beira Litoral, Beira Baixa (Cernache do Bonjardim¹), Estremadura e Algarve.

¹ W. MÖSCHL, no seu estudo sobre os *Cerastia* portuguesas (in Agron. Lusit. 13: 52, 1951), certamente por lapso, não inclui a Beira Baixa na lista das províncias onde tem sido herborizado *C. brachypetalum*, embora no mapa da distribuição (pág. 53) esta localidade esteja representada.

Papaver Argemone L. var. Argemone

Estenda-se a área de distribuição deste taxon até ao Alto Alentejo.

Espécime: na descida da serra de Portalegre, a 2 km da cidade, entre Reguengo e Portalegre, nos campos cultivados, 23-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 7001 (COI).

Cheiranthus Cheiri L.

Em 1948 (in Bol. Soc. Brot. sér. 2, 22: 55), foi assinada a presença desta espécie nos muros do castelo de Vila Viçosa. Mais recentemente, encontrou-se, também no Alto Alentejo, nos muros do castelo de Castelo de Vide, outra localidade que, como aquela, não tinha sido referida por COUTINHO. Continua, como se vê, a verificar-se a preferência de *Cheiranthus Cheiri* L. pelas muralhas de antigas fortalezas.

Espécime: Castelo de Vide, muralhas do castelo, 24-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 7009 (COI).

Descurainia Sophia (L.) Prantl

in Engl. et Prantl, Nat. Pfl.-Fam, III. 2: 192

(1891).—P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 254

(1913); *op. cit.*, ed. 2: 305 (1939)

Sisymbrium Sophia L., Sp. Pl. ed. 1, 2: 659 (1753).—Brot., Fl. Lusit. 1: 587 (1804).—Mariz in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 3: 88 (1885).—Samp., Man. Fl. Portuguesa: 197 (1910); Lista Esp. Herb. Port.: 56 (1913); Fl. Portuguesa: 234 (1947).

Descurainia Sophia não é planta frequente entre nós, como o demonstra o pequeno número de localidades onde tem sido encontrada. A sua área, que até à data se limitava às províncias de Trás-os-Montes e Alto Douro (Miranda e Barca d'Alva), Beira Alta (Almeida) e, possivelmente como adventícia, ao Douro Litoral (Porto), estende-se, porém, muito mais para o Sul, em virtude de ter sido encontrada em Vila Velha de Ródão.

Espécime: Vila Velha de Ródão, margem direita do Tejo, terreno areno-lodoso, 21-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmiento 6911 (COI).

Thlaspi perfoliatum L.

Esta Crucífera, encontrada sobretudo na Estremadura, aparece também, mas com menor frequência, tanto ao norte como ao sul dessa província. Com efeito, ao norte, foi apenas assinalada para Bragança, e, ao sul, para Torrão e Serpa. Deste modo, não se justificava, até agora, a área indicada por SAMPAIO «desde Trás-os-Montes ao Alentejo». Uma tão grande descontinuidade na distribuição da planta fica, no entanto, em parte preenchida pelo seu encontro na Beira Litoral.

Espécime: estrada Coimbra-Cantanhede, pr. ramal para Portunhos, 16-III-1957, A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos 6136 (COI).

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Estremadura e Baixo Alentejo.

Agrimonia Eupatoria L. subsp. odorata (Gouan) Hook.

A área ocupada por este taxon no nosso país deve, possivelmente, alargar-se bastante. Com efeito, como tivemos ocasião de verificar no herbário do Instituto Botânico de Coimbra, alguns espécimes que, pelos caracteres das folhas (número de glândulas, vilosidade e forma dos folíolos), foram identificados como *A. Eupatoria* L., deveriam antes atribuir-se à subsp. *odorata*. Atendendo, porém, a que a semelhança entre os dois taxa é muito grande e a que a maior parte desses exemplares duvidosos é destituída de frutos maduros, os quais fornecem os caracteres distintivos mais valiosos, torna-se difícil afirmar com precisão se, de facto, pertencem à subsp. *odorata* (Gouan) Hook. ou à subsp. *Eupatoria*¹. Um deles, no entanto, apesar

¹ Poderão considerar-se esses espécimes como híbridos? ASCHERSON et GRAEBNER (Syn. Mitteleur. Fl. 6, 1: 425, 1902) referem um híbrido entre *Agrimonia Eupatoria* L. e *A. odorata* (Gouan) Mill. Sendo a primeira uma

da sua pubescência bastante densa, deve introduzir-se no primeiro taxon. Trata-se de um espécime colhido no Fundão, por ZIMMERMANN. Recentemente, herborizou-se também a planta no Alto Alentejo.

Espécimes: mata do Fundão, 5-VII-1900, Zimmermann s. n. (COI); arredores de Castelo de Vide, substrato de um souto, 22-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6962 (COI).

***Euphorbia androsaemifolia* Willd.¹**

Enum. Pl. Horti Berol. Suppl.: 27 (1814).

— Daveau in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 3: 31

(1885). — P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 390

(1913) p. p.; *op. cit.*, ed. 2: 465 (1939) p. p.

Tithymalus androsaemifolius (Schousb. ex Hornem.) Samp., Fl. Portuguesa: 184 (1947).

Encontrou-se este taxon em nova localidade do Alto Alentejo.

Espécime: Salvador, no cruzamento das estradas para Marvão e Galegos, nas bermas da estrada, 24-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 7035 (COI).

Distribuição: Ribatejo, Alto Alentejo e Algarve.

planta diplóide ($2n=28$) e a segunda tetraplóide ($2n=56$), é de esperar que do cruzamento entre as duas resultem indivíduos triplóides estéreis. Assim se explicaria o facto de, nesses indivíduos de determinação duvidosa, a inflorescência ser muito pobre e de os frutos se não terem desenvolvido completamente, embora alguns exemplares tivessem sido herborizados em época em que normalmente os frutos já estão maduros. ASCHERSON et GRAEBNER fazem também notar que no híbrido o « Blüthentraube bei vorge-rückter Blüthzeit meist nur im oberen Theile mit jungen Scheinfrüchten besetzt, da dieselben stets fehlschlagen, im unteren Theile die Früchte alle abgefallen. Pollen fehlschlagend ».

¹ O autor desta espécie é WILLDENOW e não HORNEMANN como pretendem BOISSIER (in DC., Prodr. 15, 2: 162, 1862) e ROUY (Ill. Pl. Eur. Rar. 8: 65, 1896). A descrição que HORNEMANN dá de *E. androsaemifolia* foi publicada posteriormente à de WILLDENOW, em 1815 (in Hortus Reg. Bot. Hafn. 2: 508, 1815).

É com grande reserva que atribuímos autonomia específica a *E. androsaemifolia*. Esta espécie, baseada em plantas colhidas por SCHOUSBOË no Alentejo, foi considerada por BOISSIER (in DC., Prodr. 15, 2: 162, 1862) distinta de *E. Esula* L., se bem que tão próxima dela que aquele autor interroga «An tamen adhuc hujus varietas?». ROUY (Ill. Pl. Europae Rar. 8: 65, t. 196, 1896), que estudou plantas portuguesas herborizadas por DAVEAU nas margens do Sorraia, estabeleceu as distinções entre *E. androsaemifolia* e a var. *salicetorum*¹ (Jord.) Rouy de *E. Esula*, taxon com o qual ela mais se assemelha. O estudo a que procedemos mostrou-nos que os caracteres distintivos invocados por ROUY não são de grande valor, porquanto, na própria colheita de DAVEAU, alguns espécimes (folha de herb. 24 453, LISU) apresentam caules menos espessos e mais baixos, folhas menores, particularmente mais estreitas, e menor número de ramos por baixo da umbela terminal do que ROUY indica para *E. androsaemifolia*, aproximando-se, bastante esses espécimes da var. *salicetorum* de *E. Esula*. Além disso, um exemplar do Douro mostra, ao lado de um fragmento nitidamente pertencente a *E. Esula* L., um outro intermediário entre esta espécie e as plantas do Sorraia e de Marvão.

É muito possível que *E. androsaemifolia* represente o extremo limite da variação de *E. Esula* L. no que respeita à robustez do caule e às grandes dimensões das folhas, não passando, provavelmente, de uma forma a colocar nas proximidades de *E. mosana* Lej. e de *E. salicetorum* Jord.², as quais, em HEGI (Ill. Fl. Mitt.-Eur. 5, 1: 171), são reduzidas à categoria de formas, dentro de *Euphorbia Esula*.

O espécime colhido por SAMPAIO em Tavira e por ele referido a *E. androsaemifolia* parece, pela forma das folhas e das glândulas do ciato, pertencer a *E. medicaginea* Boiss. var.

¹ BOISSIER (*loc. cit.*) considera este taxon sinónimo de *E. androsaemifolia*.

² Vimos no herbário do Jardin Botanique de l'État, em Bruxelas, o tipo e vários outros exemplares de *E. mosana* Lej. e também alguns espécimes de *E. salicetorum*, o que veio reforçar mais ainda a nossa opinião, baseada, a princípio, apenas na observação de pequeno número de espécimes desse taxa existentes no herbário geral de Coimbra.